

# Segunda geração de cabo-verdianos na Europa e o reforço de seus laços com Cabo Verde

António A. da Graça, PhD



IOM International Organization for Migration  
OIM Organisation Internationale pour les Migrations  
OIM Organización Internacional para las Migraciones



# Segunda geração de cabo-verdianos na Europa e o reforço de seus laços com Cabo Verde

## Relatório Final de Consultoria

Janeiro 2013

António A. da Graça, PhD



IOM International Organization for Migration  
OIM Organisation Internationale pour les Migrations  
OIM Organización Internacional para las Migraciones



O autor deste estudo é António A. da Graça, PhD, da *Graça Research & Consultancy*. Os pontos de vista expressos neste estudo são da responsabilidade exclusiva do autor. Esta publicação tem por base o Relatório “Segunda geração de cabo-verdianos na Europa e o reforço de seus laços com Cabo Verde”, no âmbito do projecto *Strengthening the Capacity of the Ministry of Communities to Promote Effective Migration Management and Diaspora Outreach in Cape Verde* (IDF – IOM Development Fund). O autor agradece a todas as pessoas que disponibilizaram generosamente o seu tempo e conhecimentos no contexto das entrevistas realizadas no âmbito deste projecto. São também devidos agradecimentos especiais ao Ministério das Comunidades (Sr.<sup>a</sup> Ministra das Comunidades, Dr.<sup>a</sup> Fernanda Fernandes, e Director Geral das Comunidades, Dr. Francisco Carvalho), Direcção Executiva do Congresso de Quadros, ao Presidente da Federação das Organizações Cabo-verdianas em Portugal, ao empresário André Moreira, à Presidente da Associação Morabeza e à Dra. Celeste Correia (Presidente da Associação Congresso dos Quadros), ao Dr. José Eduardo Barbosa (Embaixador de Cabo Verde na Itália) e Dra. Maria Silva (Técnica Superior da mesma Embaixada), ao Dr. Felino de Carvalho, Cônsul-Geral de Cabo Verde em Roterdão. Finalmente, agradece-se a todos os quadros do IC, deputados da Nação, quadros de diversos Ministérios em Cabo Verde, dirigentes associativos e jovens de segunda geração nos vários países que nos concederam entrevistas, bem como os amigos que em Paris nos ajudaram a ultrapassar barreiras de vária índole.

## Conteúdo

Sumário executivo.....	5
1. Introdução.....	8
2. Orientações teóricas .....	10
2.1 Introdução.....	10
2.2 Conceitos.....	10
2.3 Assimilação segmentada.....	11
2.4 Etnicidade.....	12
2.5 Associativismo.....	13
3. Metodologia e sua aplicação .....	15
3.1. Introdução .....	15
3.2 Instrumentos.....	15
3.3 Contrastes operacionais.....	16
3.4 Limitações do estudo .....	17
4. A segunda geração de cabo-verdianos em Lisboa .....	19
4.1 Nota inicial .....	19
4.2 Migração e dados gerais .....	19
4.3 Escolaridade .....	20
4.4 Mercado de trabalho .....	21
4.5 Associativismo.....	23
4.6 Identificação e relação com Cabo Verde .....	27
5. A segunda geração de cabo-verdianos na Holanda .....	29
5.1 Dados numéricos gerais.....	29
5.2 Escolaridade e formação .....	31
5.3 Mercado de trabalho .....	34
5.4 Associativismo na Holanda .....	37
5.4.1 Fases de desenvolvimento.....	37
5.4.2 Dimensões.....	37
5.4.3 Desafios.....	39
5.5 Relações com Cabo Verde.....	39
5.5.1 Categorias de relações .....	40
6. Segunda geração de cabo-verdianos na Itália .....	42
6.1 Itália como país de imigração .....	42
6.2 Como nasceu a comunidade na Itália? .....	43
6.3 Alguns dados numéricos .....	44

6.4 Breves traços integrativos.....	45
6.5 Resultados empíricos .....	46
6.5.1 Ensino e formação.....	46
6.5.2 Ocupação profissional.....	47
6.5.3 Associativismo.....	49
6.6 Relação de jovens com Cabo Verde .....	51
7. Segunda geração de cabo-verdianos em França .....	52
7.1 França: alguns instrumentos de integração.....	52
7.1.1 Permisso de residência e nacionalidade .....	52
7.1.2 Ensino .....	53
7.2 Comunidade cabo-verdiana .....	53
7.3 Situação escolar e profissional.....	55
7.4 Asociativismo .....	56
7.5 Relações de jovens com Cabo Verde .....	57
8. Conclusões .....	60
Semelhanças e diferenças.....	60
Categorias de identificação.....	61
Promoção de laços com Cabo Verde .....	62
Indicadores.....	63
Pistas para acção.....	63
9. Recomendações .....	66
Apêndice 1 .....	68
Indicadores e ‘Boas práticas’ .....	68
Indicadores.....	68
Boas Práticas .....	69
Apêndice 2 .....	74
Listas bibliográficas sobre descendentes de imigrantes e resumos .....	74
Referências bibliográficas .....	83

## Sumário executivo

O presente estudo surgiu por encomenda da Organização Internacional das Migrações (OIM) em estreita parceria com o Ministério das Comunidades de Cabo Verde e visa, de um modo geral, contribuir para o reforço dos laços entre a segunda geração de cabo-verdianos na Europa e o país ancestral, Cabo Verde. Quanto à delimitação do grupo-alvo pode-se avançar que este breve estudo se cingiu às segundas gerações de cabo-verdianos em Portugal, Holanda, Itália e França. O termo ‘segunda geração’ é definido aqui como ‘todos os filhos de imigrantes cabo-verdianos nascidos nesses países europeus’, ou ainda, ‘aqueles que emigraram antes do seu ingresso na escola primária’. A problemática sobre a qual se delineou esta breve pesquisa centrou-se na recolha de dados passíveis de análise e interpretação de assuntos ligados ao reforço dos laços de jovens de segunda geração com Cabo Verde. Mas porquê especificamente um breve estudo sobre a segunda geração?

Os motivos mais relevantes que ditaram esse trabalho podem resumir-se nos seguintes pontos. Em primeiro lugar, porque a OIM visa apoiar e estimular o aproveitamento do potencial humano, organizativo e económico das diásporas para o desenvolvimento dos seus países de origem. O segundo motivo tem a ver com a aposta de Cabo Verde, como Nação Global, em promover uma política dinâmica e coerente orientada para a integração dos cabo-verdianos nos países de residência e a sua participação efectiva no processo de desenvolvimento do país de origem. O último motivo baseia-se na falta premente de dados sobre o grupo-alvo em questão transformando os resultados do presente trabalho num passo basilar e relativamente decisivo para a concretização do objectivo atrás descrito.

Assumindo a integração de imigrantes nos países de acolhimento e o transnacionalismo como processos simultâneos e complementares, optou-se neste estudo por uma orientação teórica adaptada à natureza e limitações do fenómeno em questão. De acordo com este raciocínio, limitou-se à análise do reforço de laços com Cabo Verde através de apenas duas componentes da dimensão estrutural do conceito de integração, nomeadamente o grau de escolaridade e a posição no mercado de trabalho dos elementos pertencentes ao grupo-alvo. Nessa mesma linha de orientação, utilizou-se a perspectiva teórica conhecida por ‘segmented assimilation’<sup>1</sup> para se aferir o grau de mobilidade descendente ou ascendente do grupo-alvo bem como o potencial papel do capital social e infraestrutura étnica no mesmo processo integrativo.

Duas outras ferramentas teórico-metodológicas foram utilizadas para a análise do reforço de laços dos jovens de segunda geração com Cabo Verde, nomeadamente a etnicidade e o associativismo. O primeiro como perspectiva de análise do relacionamento interétnico, construção, desenvolvimento e consolidação da identidade étnica como factor de distinção e afirmação na sociedade do país de residência. O segundo como instrumento incontornável quanto ao processo de promoção, entre outros, do sentimento de pertença, identidade cultural e um número elevado de actividades, práticas e projectos como pedras basilares da aproximação e fortalecimento dos laços com o torrão umbical, Cabo Verde.

A estratégia metodológica que se adoptou neste trabalho foi caracterizada pela abordagem qualitativa destacando-se ainda a primazia do paradigma interpretativo. Para isso utilizou-se, na primeira fase, as seguintes ferramentas de trabalho: *deskresearch*, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. A matéria-prima empírica foi recolhida com base nas nossas observações participantes, reuniões e entrevistas com dirigentes associativos, pessoas-chaves e jovens da segunda geração das comunidades contempladas no

---

<sup>1</sup> Tradução literal: ‘assimilação segmentada’.

estudo. Fez-se na totalidade 95 entrevistas e todas elas de tipo semiestruturadas: 15 em Cabo Verde; 21 na Área Metropolitana de Lisboa; 16 em França; 19 na Holanda e 24 na Itália. Para a realização do estudo contou-se com apoios exemplares de inúmeras organizações, dirigentes associativos e amigos estabelecidos nos vários países bem como de algumas missões diplomáticas e consulares, respectivamente as de Roma e Roterdão. Os dirigentes dessas missões criaram todas as condições possíveis para que esse trabalho fosse coroado de algum êxito.

Apesar dos apoios atrás assinalados, a fase de implementação do estudo deparou-se também com grandes constrangimentos. Os factores mais relevantes nesse sentido foram os seguintes: o facto de o estudo ser sido levado a cabo em pleno período de férias de Verão e a inexistência quase total de dados estatísticos e outros sobre o grupo-alvo nos mesmos países, são alguns exemplos marcantes dessa parte do processo. Por isso, os resultados aqui apresentados devem apenas ser considerados como elementos orientadores sobre o tema em apreço. O trabalho de terreno proporcionou uma análise comparativa dos resultados empíricos obtidos sobre o grau de escolaridade, a posição no mercado de trabalho, a identificação e relações dos jovens de segunda geração com Cabo Verde, o papel do associativismo e as dinâmicas culturais mais relevantes nas diversas comunidades. Quais são então os resultados desse exercício comparativo e analítico? Limita-se aqui a uma tipologia baseada sobretudo nalgumas semelhanças e diferenças encontradas nas diferentes comunidades.

Uma semelhança transversal às segundas gerações de cabo-verdianos neste trabalho diz respeito à relativa alta percentagem de abandono e/ou insucesso escolar em comparação sobretudo com os seus colegas autóctones. Isso contribuiu para o desemprego e precariedade social e económica de acerca de 10% desta camada juvenil. Aqueles que conseguem algum emprego, muitas vezes de carácter irregular e mal pago, têm de se conformar com um trabalho não qualificado confirmando assim as características de mobilidade social descendente entre os jovens afectados por tal. Uma segunda semelhança encontrada entre as várias segundas gerações estudadas tem a ver com o processo inverso, ou seja, a mobilidade social ascendente. Trata-se aqui de jovens que, na maior parte das vezes, conseguiram terminar um curso de nível superior profissionalizante ou universitário criando assim boas perspectivas para a ocupação dum lugar na classe média no seu país de residência. Também para esta categoria a estimativa de percentagem não deve ultrapassar os 10%, de acordo com grande maioria dos entrevistados e alguns dados estatísticos disponíveis. Essa categoria parece estar mais bem representada na Holanda e em Portugal.

De importância crucial para a análise da potencialidade dessas segundas gerações aqui brevemente estudadas é o seguinte. Entre esses dois polos – categoria de mobilidade social ascendente e grupo de mobilidade social descendente – encontramos a maior fatia de jovens cabo-verdianos de segunda geração com uma formação intermédia. Estima-se que a percentagem dessa categoria deve variar entre 50 a 70%, conforme o país em análise. Esse grupo tem uma posição económica relativamente mais estável e, portanto, é detentor de um padrão integrativo mais amplo e sólido em comparação com a categoria de mobilidade social descendente. Entende-se que essa posição pode ser também um factor de influência a ter em conta em relação aos contactos com o país dos seus progenitores, Cabo Verde.

E quais são os laços actuais desses jovens com Cabo Verde? Aqui também elaborou-se um conjunto analítico de categorias de identificação e de relacionamento dos jovens da segunda geração com Cabo Verde. A primeira categoria de jovens é muito reduzida, em termos numéricos, e tem uma identificação com Cabo Verde assente num simbolismo muito difuso e baseado numa miscelânea de raízes culturais de vários quadrantes. A segunda categoria é caracterizada por uma identificação ‘simbólico-funcional’ com Cabo

Verde, isto é, assume os principais símbolos culturais cabo-verdianos como fazendo parte da sua bagagem pessoal e visita Cabo Verde preferencialmente como destino para gozo de férias. Uma terceira distinção analítica encontra-se num grupo detentor de um verdadeiro ‘sense of belonging’ como parte integrante de Cabo Verde. Mas esse sentimento de pertença é, na grande maioria das vezes, de cariz ‘funcional’, pois esses jovens querem ser útil a Cabo Verde, mas optam de forma indubitável pelo futuro pessoal no país onde nasceram e/ou criaram. Distingue-se ainda uma outra categoria desejosa de investir em Cabo Verde como pequenos e/ou médios empresários. Entretanto, esse último grupo parece ser, em termos numéricos, ainda muito reduzido.

Quais são os potenciais factores explicativos dentro das comunidades no que diz respeito tanto às semelhanças e diferenças atrás sucintamente abordadas bem como às formas de identificação e relacionamento com Cabo Verde? Dado a natureza do documento e na impossibilidade de uma abordagem mais abrangente sobretudo no que tange aos factores institucionais no mesmo processo, cinge-se aqui aos seguintes indicadores. As limitações dos pais quanto à bagagem cultural, padrão laboral intenso e irregular, desconhecimento do sistema de ensino, falta de acompanhamento escolar e a monoparentalidade influenciaram de forma significativa as prestações escolares dos filhos e, em consequência disso, as suas perspectivas no mercado de trabalho. Também o padrão mimético de consumo, permissividade voluntarista e diluição dos jovens cabo-verdianos nos padrões culturais (desviantes) dos jovens autóctones mais desprotegidos, social e economicamente, das suas sociedades devem ser factores a serem levados em devida linha de conta.

Os factores que influenciaram positivamente são os tais chamados indicadores indirectos, ou seja, a coesão familiar, o apoio dos pais, o capital social disponível, o associativismo, a dinâmica musical, a língua materna e todas as práticas culturais de relevo. Sobretudo no tocante ao associativismo é indubitável o papel de destaque que esse movimento vem desempenhado em várias frentes, até agora. Mas os resultados empíricos deste trabalho em todas as comunidades autorizam o autor a sustentar que a situação começa a ser de alguma preocupação, dado as muitas fraquezas e constrangimentos que esse mesmo movimento associativo atravessa. Ilustrativos nesse sentido são alguns exemplos, tais como, a falta duma estratégia adaptada aos novos tempos, a ausência de renovação dos órgãos sociais, a cultura de funcionamento associada à uma crónica dependência assistencialista, o défice de uma base social expressiva de associados e voluntários, o estilo de lideranças ultrapassadas, a instrumentalização política dalgumas organizações e a falta de transparência organizativa. Tudo isso são factores que podem condicionar seriamente a vitalidade, legitimidade e viabilidade desse mesmo movimento se medidas atempadas não forem tomadas.

Como incentivar e promover o reforço dos laços das segundas gerações com Cabo Verde? Para isso deve-se fazer uso, entre outros, dos indicadores directos, tais como, visitas a Cabo Verde, diversas formas de intercâmbios, estágios profissionais, trabalhos académicos de fim de estudo, transferências de remessas sociais, investimento no sector privado de Cabo Verde e participação em eventos sociais e/ou culturais sobre a mesma temática em Cabo Verde. Muitos desses tipos de acções fazem parte das recomendações contidas no relatório final. Mas para além disso sustenta-se neste breve estudo a utilização de um novo paradigma de abordagem desse fenómeno baseado no ‘win-win situation’<sup>2</sup>. Defende-se ainda essa visão estratégica porque ela vai de encontro à postura ‘funcional’ que a maioria esmagadora de jovens de segunda geração mostra em relação a Cabo Verde. Também porque o sentimento dessa pertença dos jovens não tem uma carga afectiva de grande expressão e que, portanto, não se traduz automaticamente em sentimento de ‘dever patriótico’

---

<sup>2</sup> Tradução literal: ‘situação ganho-ganho’

na medida em que se caracterizam, regra geral, por uma dupla identidade e automaticamente ‘dupla lealdade’ em relação aos dois países, o de naturalidade e o dos seus progenitores.

## 1. Introdução

Um dos temas sociais de grande actualidade e debate mundial, a todos os níveis, é o fenómeno denominado de globalização. Isso pelo facto de vivermos uma época atingida, directa ou indirectamente, pelos efeitos positivos ou negativos da globalização, conforme o contexto e de acordo ainda com os interesses e/ou visão dos actores em questão. Mas o que todos parecem estar de acordo é que a globalização significa uma interdependência dos países dado o crescente processo de integração dos mercados, dos transportes, dos meios de comunicação e das culturas. Também verificamos que a dinâmica de globalização implica, nos dias de hoje, uma intensiva circulação, intercâmbios e contactos entre povos de vários quadrantes geográficos e culturais contribuindo para aquilo que preferimos designar por ‘pluralismo cultural’. Encontramos bons exemplos dessa pluralidade cultural nos países de acolhimento de imigrantes na Europa onde se está desenvolvendo aquilo que alguns preferem chamar de ‘identidade transnacional’ (WRR, 2007). Mas a identidade transnacional extravasa o simples contacto que um imigrante mantém com a família ou aldeia de origem. Assim, fala-se de ‘identidade transnacional’ quando, por exemplo, um filho de um imigrante desenvolve uma identidade com base não só nos padrões culturais e outros do país onde vive, mas também paralela e/ou complementarmente quando ele se identifica com o seu país ancestral ou com outras comunidades da diáspora ligadas pelas mesmas raízes culturais.

E qual tem sido a postura dos países de origem face aos seus expatriados e seus descendentes em vários países do mundo? Muitos países de emigração têm adoptado uma política bastante dinâmica e ampla em relação às suas comunidades no exterior e isso por três principais motivos (Levit e Dehesa, 2003). O primeiro é de carácter económico e visa incentivar e facilitar as remessas dos emigrantes, sabendo que esse fluxo de capital é de elevada importância para o produto interno nacional bruto de muitos países. A seguir, pode-se identificar motivos políticos. Nesse âmbito as comunidades da diáspora podem ser vistas como uma potencialidade no país de residência capaz de defender os interesses económicos e outros do país de origem, ou ainda de promover a sua terra natal no país de acolhimento. Por último, os países de origem são incentivados pelas regras internacionais democráticas à aplicação de políticas participativas orientadas para as comunidades no exterior. Exemplos de medidas tomadas nesse sentido são, entre outros: criação de ministérios específicos para as comunidades no exterior; alargamento dos direitos políticos como dupla nacionalidade e direito de voto nas eleições legislativas e presidenciais; protecção dos cidadãos através de acordos com o país de acolhimento; incentivo e facilitação de investimento no país de origem; implementação de políticas visando reforçar a identificação e os laços dos emigrantes e seus descendentes com o país de origem.

Cabo Verde, como país que tem mais emigrantes do que residentes, não poderia ser uma excepção. Este país pratica uma política de emigração que nos círculos académicos e políticos se intitula de ‘global nation policies’<sup>3</sup>(Fermin & Hijden, 2004:234). Isso quer dizer que a política desses países se orienta, regra geral, para a manutenção e consolidação de laços estreitos com as comunidades no exterior visando contribuir para uma maior aproximação e participação dos membros dessas comunidades no país de origem. Cabo Verde faz mais do que isso e afirma-se como uma ‘Nação

---

<sup>3</sup> Tradução literal: Política de Nação Global

Global’, ou ainda ‘Nação sem Fronteiras’, apostando assim nos seus filhos espalhados pelo mundo como uma importante alavanca para o desenvolvimento das ilhas. Para além dos direitos já consagrados de dupla nacionalidade e participação política, Cabo Verde propugna uma participação ampla das comunidades emigradas na vida nacional. Um dos grandes objectivos nesse sentido do actual Governo de Cabo Verde é reforçar e aprofundar os laços com as segundas gerações de cabo-verdianos pelo mundo fora. A visão desse país subjacente a esta questão é por nós classificada de inteligente e ousada pela seguinte razão. Um dos objectivos centrais do Governo de Cabo Verde nesse domínio é incentivar o empoderamento das ‘segundas gerações’ para que alcancem sucessos nos países de acolhimento e reforcem os seus laços com Cabo Verde (Programa do Governo, 2011-2016: 53), e um dos debates mais fascinantes que ora vimos confrontados é, a nosso ver, o da relação entre a integração no país de acolhimento e a manutenção de laços relativamente fortes com o país de origem. Os principais desafios que aqui se colocam podem ser questionados da seguinte forma: como pôr isso em prática sabendo que estudos científicos que dizem respeito à relação entre as segundas gerações e os países dos seus progenitores são ainda muito raros? De que forma pode-se materializar esse objectivo na medida em que Cabo Verde não dispõe ainda praticamente de dados sobre essa segunda geração?

Este estudo visa precisamente colmatar essa brecha, ou seja, dar início a um percurso de recolha de dados que possa servir para a caracterização básica das segundas gerações de cabo-verdianos nos seguintes países: Portugal, Holanda, França e Itália. No entanto, de acordo com os objectivos preconizados pela OIM e Ministério das Comunidades, como entidades que encomendaram o trabalho, e em estreita coerência com a proposta de estudo, pretendemos estudar o reforço dos laços entre a segunda geração de cabo-verdianos na Europa e o país ancestral, Cabo Verde. Traduzido numa linguagem metodológica de trabalho, a pergunta de partida que aqui se impõe é a seguinte: Como reforçar os laços da segunda geração de cabo-verdianos na Europa com Cabo Verde?

Por motivos de operacionalização optámos por desdobrar a pergunta de partida nas seguintes subperguntas:

1. Como é que se caracteriza a escolaridade dos jovens de segunda geração nesses países?
2. Qual é a posição desses jovens no mercado de trabalho?
3. Que papel vem desempenhando o associativismo no que diz respeito à facilitação e/ou aproximação dos jovens de segunda geração a Cabo Verde?
4. Que tipo de relações existe actualmente entre os jovens de segunda geração e o país ancestral?

Para responder às perguntas atrás formuladas iniciaremos o próximo capítulo com uma abordagem exploratória sobre tópicos de carácter teórico e/ou empírico que nos possam ajudar a estudar e compreender o fenómeno. No capítulo seguinte abordaremos questões de cariz metodológico. Apresentaremos os resultados empíricos obtidos em Portugal, Holanda, Itália e França nos capítulos 4, 5, 6 e 7. A seguir, debruçar-nos-emos sobre as notas conclusivas e no final apresentaremos algumas recomendações à OIM, Ministério das Comunidades e Governo de Cabo Verde.

## 2. Orientações teóricas

### 2.1 Introdução

Tal como atrás mencionado, o presente trabalho tem como tema central o estudo dos laços de jovens descendentes e, mais precisamente, aqueles pertencentes à segunda geração de cabo-verdianos na Europa com o país dos seus progenitores, Cabo Verde. Sendo assim, podemos falar, então, duma hipotética relação entre as duas atrás mencionadas componentes do tema de estudo. Que pressupostos teóricos podem ajudar-nos a compreender essa relação? Isso é de importância capital não só para a clarificação do raciocínio teórico intrinsecamente ligado a este trabalho como também serve de linha orientadora para a recolha de dados e análise das componentes integrantes do mesmo estudo. Assim, fazemos um uso criterioso de orientações teóricas, limitando-nos apenas aos elementos que pensamos ser relevantes para este tipo de estudo. Por isso, começamos por algumas descrições rápidas sobre os conceitos que estão centrais neste estudo, isto é, a segunda geração, a integração de imigrantes nos países de acolhimento e o transnacionalismo. A seguir debruçar-nos-emos de forma sucessiva sobre os seguintes temas: assimilação segmentada, etnicidade e associativismo.

### 2.2 Conceitos

Sabendo que o carácter deste estudo não permite um exaustivo trabalho de conceptualização, passamos a seguir às descrições muito simples e práticas desses conceitos. Assim, entende-se aqui como segunda geração os filhos de emigrantes cabo-verdianos nascidos nos países europeus. Inclui-se aqui as crianças chegadas nos mesmos países antes do começo da escola primária e isso levando em conta que a maior parte da sua socialização ocorreu ali nesses países (e.g. Portes, 1996, 1997, 1998, 1999). Portanto, é fundamental a distinção analítica entre jovens filhos de cabo-verdianos emigrantes e jovens emigrantes do mesmo país, pois, os primeiros não são objectivamente emigrantes e nem se pensam como tal (Machado, 2008). Quanto à 'integração' podemos aqui avançar que se trata dum conceito que não tem consenso no tratamento de âmbito científico porque varia, de um modo geral, conforme o país em questão e ainda de acordo com uma determinada época e contexto. Por isso, trata-se de um conceito de difícil operacionalização. De carácter menos polémico é o modelo analítico de diferenciação das várias dimensões do mesmo conceito, isto é, dimensão estrutural, dimensão cultural e dimensão política (Pennix, 2005). Contudo, de relevância para este estudo é apenas a componente estrutural de integração baseada sobretudo na posição do cidadão de origem estrangeira nas áreas de educação e mercado de emprego. Também o transnacionalismo é matéria regular de debate entre os estudiosos sobre a sua definição. No entanto, pode-se aqui realçar que este conceito se refere à existência de relações (mais ou menos) regulares que cruzam as fronteiras nacionais, produzindo um fluxo constante de pessoas, bens, dinheiro, informações, cultura e práticas (Portes, 2004).

Ainda na linha conceptual atrás resumidamente descrita, é interessante verificar que o processo integrativo dos imigrantes no país de acolhimento, de um lado, e as suas relações transnacionais com o país de origem e outras comunidades diaspóricas, de outro lado, foram durante as últimas décadas do século passado assumidos e estudados como dois fenómenos sociais distintos. Isso era aplicável tanto nos Estados Unidos bem como nos países da Europa Ocidental. No entanto, sobretudo na última década, assistiu-se a um interessante debate entre dois tipos de estudiosos de fenómenos migratórios. O primeiro grupo de estudiosos defende que, de um modo geral, a participação activa dos imigrantes no país de origem é um

factor que dificulta para o seu processo integrativo no país de acolhimento (Schrover, 2004; Waldinger & Fitzgerald, 2004; Vertovec, 2001). Um outro grupo de investigadores concluiu nos seus estudos que as relações transnacionais e a integração no país de acolhimento não são processos contraditórios (Rogers, 2006; Gowricharn, 2009; Levitt, 2003). Ou seja, o processo integrativo dos imigrantes e os laços transnacionais orientados para o país de origem são processos simultâneos, sustentam os mesmos autores. Quem tem razão? Até prova ao contrário, a razão parece estar ao lado do último grupo que apresentou dados empíricos relativamente convincentes. Também uma conclusão importante de um outro estudo transnacional sobre três grupos de imigrantes<sup>4</sup> nos Estados Unidos da América (EUA) é que os imigrantes melhor integrados no país de acolhimento e detentores de maior capital social<sup>5</sup> são aqueles que apresentam um maior

grau de engajamento no país de origem (Portes, Escobar e Arana, 2008). Na mesma linha de orientação desse debate atrás referido, um outro estudo relativamente recente sobre o movimento associativo de cabo-verdianos na Holanda veio a confirmar também a simultaneidade entre os mesmos processos (Graça, 2010).

### 2.3 Assimilação segmentada

Para além dos aspectos conceptuais e da relação entre a integração e o transnacionalismo atrás resumidamente descrita, o relacionamento dos jovens descendentes de cabo-verdianos na Europa com a terra de origem dos seus antepassados remete-nos para algumas visões teóricas que, ao longo dos tempos e por vários autores, têm sido testados. Por isso, começamos com a perspectiva teórica de ‘segmented assimilation’ desenvolvida pelo sociólogo norte-americano Alejandro Portes e investigadores a ele associados (Portes e Zhou, 1993; Portes, 1999; Rumbaut, 1994). Essa perspectiva diz respeito, entre outras coisas, ao desempenho educativo da segunda geração nesse país. De acordo com Portes, a ‘nova segunda geração’ pode percorrer três trajectos alternativos. Um deles é o que corresponde ao padrão homogéneo tradicional de progressiva aculturação e integração na classe média branca Americana; o segundo é o oposto do anterior, e conduz, por via de mobilidade social descendente, à pobreza e à diluição na subclasse autóctone; o terceiro é o da mobilidade ascendente através da preservação da solidariedade comunitária das populações imigrantes (Portes, 1999: 101). O trajecto de assimilação descendente, que conduz os filhos de imigrantes a juntarem-se à subclasse autóctone, depende dos seguintes factores: concentração nas zonas pobres das grandes cidades ficando assim em contacto directo com os jovens de minorias étnicas excluídas; desenvolvimento através de contactos sociais de padrões de valores e normas que os socializam ‘na crença de que é impossível singrar na sociedade por mérito próprio’ (Portes, 1999: 101-105). Um exemplo muito próximo desta fundamentação teórica é o estudo etnográfico de Anthony Gunter (2004) sobre jovens de origem Caraibenha nalguns bairros londrinos. Gunter conclui nesse estudo que existe nesses bairros uma subcultura-chave que ele intitula como ‘Road Culture’. Essa subcultura influencia os jovens de segunda geração de origem Caraibenha através de ‘estilos específicos de linguagem, códigos sobre tipo de vestuários, preferências musicais e escolhas de lazer em geral’, sustenta o mesmo investigador. Com este tipo de ferramenta teórica e com base nos nossos dados empíricos podemos aferir se a segunda geração de cabo-verdianos na Europa é influenciada pelos factores constituintes dessa mesma perspectiva.

<sup>4</sup> São eles: Dominicanos, Colombianos e Mexicanos

<sup>5</sup> As componentes principais do capital social são, de acordo com Putnam (1973) as seguintes: as redes sociais, as normas de reciprocidade e a confiança social.

## 2.4 Etnicidade

Uma outra referência teórica de grande importância para o nosso estudo tem a ver com a natureza do tecido étnico num determinado contexto. O que é que se entende como etnicidade? Para definição da etnicidade e do seu papel na sociedade contemporânea torna-se necessário fazer a distinção entre o paradigma naturalista e um outro baseado nas teorias sociais não substancialistas. No paradigma naturalista os antropólogos e investigadores caracterizam determinados grupos sociais como ‘tribos’ e a etnicidade, enquanto realidade cultural, é entendida como um dado adquirido à nascença, ou seja, a classificação é feita à base de parentesco biológico (Martiniello, 1995). Dentro das teorias sociais não substancialistas destaca-se o trabalho pioneiro e inovador de Fredrik Barth (1976) destacando o carácter organizacional dos grupos étnicos e a interacção como princípio elementar de oposição entre grupos diferentes. Este antropólogo norueguês desenvolveu a denominada ‘teoria das fronteiras étnicas’, criando assim uma autêntica ruptura e uma refutação sistemática do paradigma naturalista e primordialista<sup>6</sup>. Para Barth as fronteiras étnicas são entendidas como mecanismos de manutenção e equilíbrios entre os grupos, cuja natureza é social e simbólica. Os grupos étnicos já não são apenas uma questão de conteúdo cultural, pois são realidades dinâmicas e a cultura não é um dado adquirido, nem estável, ela está em fluxo constante. A perspectiva de Barth apresenta duas componentes essenciais, a interna e a externa. A interna é caracterizada pela auto-identificação e construção interna de solidariedade e coesão do grupo. A externa está expressa na categorização feita pelos ‘outros’ à base dum processo básico de rotulação como categoria específica. Por exemplo: em Portugal os ucranianos como grupo étnico tratam os cabo-verdianos como aqueles ‘outros’, ou seja, pessoas pertencentes a um grupo étnico diferente do seu. Um elemento complementar a esta perspectiva de Barth diz respeito ao papel macroestrutural. Estamos referindo aqui, entre outros, ao papel desempenhado por alguns Estados (e.g. Holanda, Canadá) sobretudo dentro do quadro do modelo multiculturalista de integração facilitando e apoiando os grupos étnicos com recursos de vária ordem.

Exemplos desse tipo de grupos étnicos atrás referidos têm a ver com as comunidades da nossa Diáspora cabo-verdiana. No tocante às segundas gerações um particular destaque é dado à força centrípeta da socialização primária familiar e o seu poder de transmissão de conhecimentos, competências e experiências de toda a espécie. Também é a área por excelência onde se desenvolve a inculcação de valores e práticas bem como outros contextos de interacção intra-étnica. As características socioeconómicas desses grupos, as redes e as práticas socioculturais contribuem para a manutenção de ligações das segundas gerações à pátria ancestral. Resumindo, é no campo da etnicidade que vamos encontrar as forças impulsionadoras, as dinâmicas e os mecanismos de transmissão do legado histórico e cultural de um determinado grupo social que concomitantemente se desenvolvem como sustentáculos básicos de afirmação e consolidação de uma identidade cultural que serve, ao mesmo tempo, como um instrumento privilegiado de ligação entre os jovens de segunda geração e o país de origem dos seus antepassados. Um desses veículos é o associativismo que exerce um papel central no mesmo processo.

---

<sup>6</sup> No primordialismo assume-se que a identidade dum grupo é um dado adquirido e que dentro de cada sociedade existem certos compromissos fundamentais entre as pessoas com base na religião, cultura e língua.

## 2.5 Associativismo

Neste estudo o associativismo é entendido como sendo qualquer iniciativa, formal ou informal, que reúne um grupo de pessoas e que tem como finalidade principal conseguir benefícios comuns para os seus associados. Como utilizamos uma definição ampla do associativismo das nossas comunidades diaspóricas, entendemos que fazem parte desse movimento todas as organizações sem fins lucrativos e de carácter social, cultural, recreativo, político, religioso ou filosófico. Essas organizações têm-se revestido de uma multiplicidade de funcionalidades destacando-se três dimensões principais, a saber: dimensão étnica, dimensão instrumental e dimensão transnacional. Quanto à primeira dimensão estamos referindo às suas funções dentro do grupo étnico como estruturas vitais de processos de socialização, de reforços de laços culturais comuns, de afirmação identitária, de solidariedade e de entreaajuda. A segunda dimensão diz respeito ao papel instrumental e facilitador dessas organizações na sociedade acolhedora. Destaca-se aqui a característica especial dessas organizações como espaço privilegiados de intermediação junto dos poderes públicos, defesa de interesses dos seus membros nas sociedades receptoras e veículo privilegiado de mobilização social e política. A última dimensão tem a ver com o desenvolvimento das mais variadas actividades relacionadas com o país de origem e/ou com as outras comunidades da diáspora.

Quanto à última dimensão atrás mencionada identificamos uma crescente produção científica e interesse político pelas práticas transnacionais do movimento associativo a nível internacional (Bauböck & Faist, 2010; Vertovec, 2001; Horta, 2010). Também o mesmo se pode dizer do movimento associativo das comunidades cabo-verdianas (Góis e Marques, 2008; Sardinha, 2005; Horta, Malheiros e Graça, 2008; Graça, 2010). Esse tipo de estudos transnacionais demonstra uma grande dinâmica e variedade de eixos temáticos desenvolvidos por essas organizações: elas funcionam, muitas vezes, como elementos mediadores de produção e de reprodução de identidades, valores e pertenças; várias organizações operam na área das remessas sociais<sup>7</sup> funcionando como autênticos agentes de desenvolvimento local; outras negociam pertenças, interesses, quadros ideológicos e estratégias de cidadania transnacional; a participação de jovens de segunda geração na área transnacional através dessas organizações é já um fenómeno em crescimento. De grande relevância, como foi atrás referido, é a relação positiva e recíproca entre a integração no país de acolhimento e as relações transnacionais desenvolvidas pelo associativismo (Portes, et al., 2008). Também de capital importância para este estudo é a aplicabilidade da conclusão relacionada com o papel de jovens de segunda geração envolvidos activamente no movimento associativo. Ou seja, quanto mais activos estiverem envolvidos no associativismo étnico do seu país europeu, maior a sua capacidade para dar um contributo de qualidade para o processo de desenvolvimento do país de origem dos seus progenitores (Graça, 2010:150). No que diz respeito às relações em sentido inverso o mesmo autor chega também a uma conclusão idêntica.

Resumindo, pode-se sustentar com base nas argumentações e dados atrás apresentados que vários factores são passíveis de contribuírem para o reforço das relações dos jovens de segunda geração de origem cabo-verdiana na Europa com o país natal dos seus progenitores. Um primeiro tipo de factores tem a ver com o seu grau de integração nesses países europeus. Trata-se mais concretamente do grau de formação académica conseguido e da posição no mercado de emprego. Uma segunda categoria diz respeito aos seguintes elementos: papel dos pais e redes sociais diversas; característica intrínseca da comunidade onde a segunda geração se encontra inserida, sobretudo em termos de práticas culturais; políticas dos países de acolhimento e de origem; sentimento de pertença e grau de identificação com o país dos seus ancestrais;

---

<sup>7</sup> Trata-se aqui sobretudo de projectos sociais orientados para o desenvolvimento local no país de origem bem como a transferência de ideias, informações, conhecimentos e competências.

participação no movimento associativo. Esses factores tendem a incentivar a segunda geração, directa ou indirectamente, a estabelecer e/ou consolidar os laços com a terra natal dos seus pais contribuindo assim com três tipos de remessas. O primeiro tipo diz respeito às remessas financeiras no que concerne à ajuda familiar ou investimento individual para a compra de um imóvel, por exemplo. No entanto, a suposição generalizada é que a participação da segunda geração nesse âmbito é relativamente fraca. Um segundo tipo de participação tem a ver com as 'remessas sociais' através do movimento associativo (Levitt, 2001:54). Nesse âmbito, trata-se da participação da segunda geração através de redes de circulação de conhecimentos e ideias, estágios e intercâmbios a nível de formação em diversas áreas e níveis, implementação de projectos sociais, lobbies a favor do país de origem, participação em grupos políticos, participação em movimentos sociais, associativismo e jornadas de intercâmbio cultural. O terceiro tipo de remessas tem a ver com os investimentos financeiros no sector privado contribuindo assim de forma directa para o desenvolvimento económico do país de origem.

## 3. Metodologia e sua aplicação

### 3.1. Introdução

Na proposta de estudo tentamos ser suficientemente claros quanto aos instrumentos e métodos de trabalho indicando o *deskresearch*, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e as entrevistas como ferramentas-chaves deste estudo. Estando já na fase de apresentação de dados empíricos, passamos aqui em revista a forma como esses instrumentos foram utilizados, os eventuais efeitos positivos surgidos, as dificuldades encontradas e as medidas tomadas para que a linha dos objectivos preconizados fosse mantida. Isso é matéria que a seguir passamos a expor de forma relativamente resumida.

### 3.2 Instrumentos

O *deskresearch*, tal como realçado no relatório intermédio, foi levado a cabo nas nossas primeiras duas semanas de trabalho. Para realizar isso fizemos um levantamento de material já publicado em relação ao público-alvo do nosso estudo. Também consultamos documentos oficiais de acesso público considerados relevantes para o nosso estudo bem como algumas revistas. Essa metodologia de pesquisa revelou-se de grande importância pelos seguintes motivos: (i) permitiu-nos adquirir, na medida dos possíveis, um quadro actualizado de estudos de referência sobre a segunda geração e indispensável para a nossa orientação teórica sobre o tema; (ii) com base nesses dados tornou-se possível a elaboração da problemática e consequente modelo de análise do trabalho em questão; (iii) o quadro teórico e analítico resultante facilitou, por sua vez, a análise e verificação dos dados obtidos durante o processo de recolha. No entanto, devemos aqui realçar que raros foram os documentos obtidos sobre a segunda geração de cabo-verdianos na Europa. Isso apesar de termos pesquisado em várias línguas (Inglês, Português, Francês) através da net (científica) e directamente através dos sites de instituições com afinidade em relação ao tema em estudo.

Quanto à pesquisa bibliográfica e pesquisa documental devemos realçar o seguinte. Apesar do grande condicionamento de tempo, recorreremos na medida do possível a livros e artigos científicos de referência através das nossas fontes e instrumentos pessoais. No entanto, ficamos profundamente convictos de que o tempo disponível não nos permitiu tirar o mínimo proveito necessário para um trabalho dessa natureza, mesmo sendo de carácter rápido e pelo facto da documentação científica sobre esta matéria específica ainda ser praticamente inexistente. Quanto à pesquisa documental devemos salientar que se trata de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com a pesquisa. Neste domínio tentamos nos diversos países fazer o máximo possível de recolha de material. Em Cabo Verde recolhemos informações úteis sobre diversos projectos que estão ou que foram levados a cabo pelo Instituto das Comunidades (IC); em Portugal tivemos acesso a vários documentos fornecidos por algumas organizações cabo-verdianas<sup>8</sup>. Também através de nossas redes de contacto nalgumas instituições tais como a Universidade Aberta e Universidade Nova de Lisboa obtivemos alguns dados bibliográficos e outros de alguma relevância para o estudo. Na Itália foi-nos facultado alguns documentos pelo Centro de Estudos da Migrações, IDOS. Da Embaixada de Lisboa recebemos alguns documentos que já faziam parte da nossa recolha bibliográfica. O Dr. Francisco de Carvalho do Ministério das Comunidades enviou-nos documentos científicos de grande utilidade. Também o apoio logístico e organizativo do mesmo Ministério

---

<sup>8</sup> Alguns exemplos dessas associações são: Congresso de Quadros, Associação Cabo-verdiana de Lisboa, Associação Recreativa e Levantamento de Talude, Associação Cabo-verdiana do Seixal, Moinho da Juventude e Associação Morabeza.

merece as nossas melhores apreciações. Como ex-doutorando da Universidade de Tilburg tivemos facilidade aos serviços de documentação dessa instituição.

Um outro tipo de instrumentos utilizado durante o estudo como técnica de recolha de dados foram as entrevistas com dirigentes associativos, pessoas-chaves e jovens de segunda geração activos nas suas comunidades. Em Cabo Verde as entrevistas foram feitas com o Presidente do IC e técnicos da mesma instituição, deputados nacionais para a Europa, representantes de instituições com afinidade na área e sujeitos considerados relevantes para o estudo. As entrevistas foram de tipo semiestruturadas. Para tal foi elaborado um guião com base nas perguntas-chaves tendo como referências substanciais as variáveis correspondentes aos temas e indicadores, os quais foram previamente elaborados em consonância com os requisitos técnicos exigidos para tal fim. A selecção de entrevistados nesses países foi feita, na medida dos possíveis, de forma transversal aos diferentes tipos de organizações e categorias sociais que os mesmos são pertencentes. Quanto à totalidade foram feitas 95 entrevistas sendo a distribuição por cada país a seguinte: 15 em Cabo Verde; 21 na Área Metropolitana de Lisboa; 16 em França; 19 na Holanda e 24 na Itália. Para além disso tivemos a quantidade total de 9 reacções aos nossos questionários.

### 3.3 Contrastes operacionais

Passamos agora a uma resumida análise do percurso deste estudo destacando os resultados positivos e os constrangimentos encontrados. Como pontos positivos destacamos, em primeiro lugar, o apoio oferecido pela Embaixada de Cabo Verde em Roma, Itália, que de longe superou as nossas expectativas. Não obstante o número extremamente reduzido do pessoal em férias, o Embaixador de Cabo Verde nesse país, Dr. José Eduardo Barbosa, criou todas as condições logísticas e organizativas para que o nosso trabalho em Roma fosse coroado de êxito: pôs as instalações da Embaixada à nossa disposição para a realização dos trabalhos; na falta de condutores na Embaixada apoiou-nos pessoalmente utilizando a sua viatura, em grande parte das nossas deslocações; destacou a Dra. Maria Silva para nos apoiar nos domínios logístico e organizativo, tendo esta técnica superior dispensado complementarmente um elevado número de suas horas livres e até de alguns meios para o efeito. Como segundo ponto positivo realçamos aqui, merecidamente, o apoio exemplar do Cônsul-Geral em Roterdão, Dr. Felino de Carvalho, que fez tudo ao seu alcance para que o nosso trabalho tivesse os resultados que ora apresentamos. Uma última nota positiva a realçar diz respeito ao apoio fornecido pela Presidente e alguns outros membros da Direcção Executiva do Congresso de Quadros, Federação das Organizações Cabo-verdianas em Portugal, Presidente da Associação Morabeza e várias outras organizações e instituições contactadas na Holanda, Portugal e Itália, como atrás mencionados.

Quanto aos constrangimentos no quadro de materialização dos trabalhos preconizados na área em apreço destacamos os seguintes. A Embaixada de Cabo Verde em Paris não cooperou devidamente connosco no tocante aos contactos e entrevistas com pessoas-chaves da comunidade e à recolha de documentos relevantes. Estamos ainda por perceber o que terá eventualmente motivado a atitude de relativo desinteresse dessa Missão quanto ao trabalho por nós executado. Também as tentativas de contacto com a Missão no Luxemburgo não surtiram efeito, apesar das várias formas de abordagem feitas, tanto a nível pessoal bem como através do Cônsul-Geral de Cabo Verde na Holanda, Dr. Felino de Carvalho. Por se tratar de últimas duas semanas disponíveis, não nos restou outra alternativa senão desistir dos contactos e cancelar a viagem. Entretanto, não temos dúvidas em avançar que o limitado tempo disponível e o facto de o estudo ter sido realizado no período de férias foram os obstáculos de maior envergadura para a realização deste trabalho. Tomamos a comunidade em França para exemplificar esses dois tipos de constrangimentos

mais relevantes. A limitação de tempo tornou impensável a nossa deslocação a algumas cidades de concentração de cabo-verdianos, tais como Lion, Marselha e Nice. Um outro exemplo marcante disso foi a comunidade de Paris que se encontrava praticamente paralisada em termos de dinâmica sociocultural dado a ausência relativamente massiva de cabo-verdianos em férias.

O que fizemos para tentar inverter a situação face aos atrás descritos factores obstaculizantes? Para tentar ultrapassar essas barreiras de carácter operacional tivemos que nos desdobrar em contactos utilizando, muitas vezes, quase que exclusivamente as nossas redes sociais e outras. O alargamento e intensidade desse tipo de trabalho surtiram efeitos positivos multiplicando os contactos em cadeia e aumentando consequentemente o número de entrevistados. Também optamos, desde o início dos nossos trabalhos, por não transcrever integralmente as entrevistas. Nesse sentido valeu-nos a experiência de tomar apontamentos nessas circunstâncias e cujo domínio das línguas de trabalho, Português e Crioulo, nos facilitou sobremaneira. No entanto, tivemos o cuidado de passar os apontamentos a limpo logo a seguir às entrevistas aproveitando a máxima memorização possível dos detalhes para enquadramento metodológico das questões então transmitidas durante o encontro a dois. Um outro instrumento metodológico não previsto na nossa proposta e que foi posto em prática foi a utilização do questionário através de telefone ou por escrito através de e-mail. Esse instrumento revelou-se ser pouco adequado para esse nosso tipo de estudo por três motivos fundamentais. Primeiro porque tivemos de trabalhar sob uma grande pressão de tempo e num período de férias. Segundo pela falta de conhecimento recíproco entre a pessoa contactada e o consultor e isso foi determinante. Por último dado à lentidão de reacção, quando a fizeram, e o número muito reduzido de respostas em comparação com a quantidade de pessoas abordadas.

### 3.4 Limitações do estudo

Finalizamos este capítulo com uma breve incursão acerca das limitações de âmbito científico do estudo. O presente trabalho, mais do que um estudo qualitativo de carácter exploratório qualquer, é algo que nos meios de investigação social se conhece como ‘quick scan’<sup>9</sup>, ou seja, um método para se poder obter de forma extremamente rápida uma visão muito global sobre um determinado tema ou organização em estudo. Embora tenhamos entrevistado nalguns países (Holanda, Itália e Portugal) um número significativo de pessoas com um nível aceitável de conhecimento e experiências na área, não se pode falar de um trabalho em profundidade e de representatividade satisfatória, pois, limitamo-nos, por motivos atrás expostos, às cidades de maior concentração de cabo-verdianos e a um número muito limitado de indicadores socioeconómicos e culturais. Também os dados estatísticos são praticamente ainda inexistentes sobre o tema específico tornando impossível, na grande maioria das vezes, a triangulação<sup>10</sup> de dados e fontes. Por isso, os resultados obtidos podem apenas ser considerados como meros elementos orientadores sobre o tema em apreço e como indicadores básicos para um eventual trabalho futuro de maior abrangência e profundidade. Também, escusado será realçar que, tal como em qualquer estudo de caso, os resultados deste trabalho não poderão de forma alguma ser extrapolados para outras comunidades, mesmo as outras cabo-verdianas na Europa.

<sup>9</sup> O termo é Inglês e significa literalmente ‘análise rápida’. Esse tipo de análise é feito, regra geral, em forma de ensaios com um ou dois temas facilmente mensuráveis. Por isso, é quase sempre um estudo utilizando um questionário com apenas algumas perguntas.

<sup>10</sup> Trata-se do uso cruzado de diversas fontes, número de investigadores e métodos, para o estudo de um determinado fenómeno durante uma investigação.

Apesar de tudo, pensamos que, mesmo com o problema do período de férias, outros resultados teriam sido alcançados caso instituições da área pudessem ser abordadas para facultarem dados estatísticos e se pudéssemos ter contado com algum apoio de profissionais na área ou quadros cabo-verdianos. No entanto, a nossa experiência ali vivida bem como os contactos e algumas referências recolhidas poderão ser de elevada utilidade futura.

## 4. A segunda geração de cabo-verdianos em Lisboa

### 4.1 Nota inicial

Levando em conta que muito se tem escrito sobre os cabo-verdianos em Portugal e que os instrumentos jurídicos, socioeconómicos e outros referentes ao processo integrativo são bem conhecidos em Cabo Verde, abstermo-nos aqui de descrever, mesmo que resumidamente, os temas atrás mencionados. Isso por dois principais motivos. Primeiro porque poderia tornar-se fastidioso o repetir continuado de temas já bem conhecidos no domínio institucional cabo-verdiano. Segundo pelo carácter extremamente limitativo do nosso tempo disponível que nos obriga a estabelecer e gerir rigorosamente as grandes prioridades, aqui e agora. Entretanto, lá onde for julgado necessário dedicaremos alguma atenção, mesmo que de forma breve, para esclarecer um outro pormenor. Dito isto e esclarecidas as motivações principais do atrás exposto, vamos neste capítulo dedicar atenção a questões concretas, vitais e relevantes relacionados com o grupo-alvo e com os objectivos principais do estudo. Começamos com algumas características gerais da comunidade para em seguida nos incidirmos sobre a escolaridade. Depois debruçar-nos-emos sobre a situação dos jovens no mercado de trabalho. O quinto parágrafo é dedicado ao associativismo e encerraremos o capítulo com uma breve apresentação de dados empíricos sobre a identificação e relação dos jovens de segunda geração de cabo-verdianos em Lisboa com Cabo Verde.

### 4.2 Migração e dados gerais

Ainda antes dos anos 40 do século XX os cabo-verdianos começaram a estabelecer-se em Portugal destacando-se, nesse período, apenas um pequeno grupo com instrução secundária e superior. A certa altura surgem três fluxos migratórios. O primeiro fluxo teve lugar entre 1960 a 1973 com a entrada de cabo-verdianos destinados à construção civil e obras públicas. Esse novo grupo de cabo-verdianos veio colmatar a falta de mão-de-obra deixada pela emigração portuguesa com rumo a vários países da Europa. Um segundo fluxo deu-se a partir da Independência de Cabo Verde em 1975 com um crescimento mais acelerado e mais alargado onde faziam parte, também, pessoas pertencentes ao movimento populacional de retorno das ex-colónias portuguesas em África. O terceiro fluxo diz respeito ao êxodo da década de 80 que completa a lógica do padrão de emigração laboral oriundo de Cabo Verde caracterizado por trabalhadores destinados principalmente às áreas de construção e obras públicas.

Quanto à questão espacial e ainda de acordo com as vagas migratórias atrás referidas, podemos avançar o seguinte. Os naturais de Cabo Verde com instrução média e superior estabeleceram-se nos bairros de classe média na área Metropolitana de Lisboa, onde compraram ou alugaram casa, há mais de quarenta anos atrás. Mas a maior parte dos trabalhadores cabo-verdianos imigrantes que chegaram no primeiro fluxo migratório foram viver nas barracas que as empresas de construção montavam nos próprios locais de construção. Na década de 1970-80 cerca de 90% desses imigrantes instalaram-se na Área Metropolitana de Lisboa (concelhos de Lisboa, Amadora, Oeiras e Loures). Ali a oferta de trabalho na construção civil e obras públicas era maior. Muitos ainda rumaram para o Algarve e um menor número para a região de Aveiro-Porto-Braga. Mas a partir da década de 1990 o governo e as autarquias financiaram, com dinheiros em parte vindos da União Europeia (UE), a construção de 'bairros sociais', onde actualmente vive a maior parte das famílias de imigrantes cabo-

verdianos que anteriormente viviam nos ‘bairros de lata’ na Área Metropolitana de Lisboa (conf. Batalha, 2008).

Ao contrário dos assuntos atrás abordados, a apresentação de dados numéricos sobre os cabo-verdianos em Portugal é matéria de relativa complexidade. Dado, entre outros, à situação jurídica dos imigrantes, as instituições apresentam-nos uma grande disparidade sobre o número de cabo-verdianos em Portugal: a Secção Consular da Embaixada de Cabo Verde em Lisboa contava em 2011 com 146.150 cabo-verdianos inscritos; o Anuário Estatístico do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) de 2010, publicado em 2012, aponta para a mesma comunidade o número de 43.510 indivíduos, acrescentando contudo que mais 4223 cabo-verdianos tinham solicitado o estatuto legal de residente; o Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo de 2011 estabelece o número de cabo-verdianos em 43.920 cidadãos; dirigentes associativos fazem estimativas que variam entre 80 mil a 100 mil cabo-verdianos em Portugal. Mas os números avançados pelo INE, por exemplo, só se referem a indivíduos de nacionalidade cabo-verdiana a viver legalmente em Portugal. Também é do conhecimento público que uma parte significativa dos que possuem nacionalidade portuguesa continuam a identificar-se como cabo-verdianos, mas não entram nas estatísticas. Ou seja, muitos cabo-verdianos continuam a identificar-se como tal mesmo após terem adquirido a nacionalidade portuguesa. No entanto, uma nota de elevada importância para este estudo é a inexistência de dados que nos possam ajudar na criação de um quadro numérico sobre os descendentes de cabo-verdianos em Portugal.

Embora partindo de uma outra perspectiva, uma outra questão que importa ser analisada rapidamente do ponto de vista conceptual e crítico é o termo ‘comunidade cabo-verdiana’ em Portugal. Quem pertence afinal a essa comunidade? Sustenta-se, regra geral, que pertencem a essa comunidade todos os naturais cabo-verdianos e seus descendentes que se identificam como tal. Também admite-se que, independentemente da naturalidade, situação jurídica em Portugal e diferenciação social dentro da comunidade, existe uma identidade cultural colectiva como força aglutinadora e catalisadora desses indivíduos de origem cabo-verdiana. Entretanto, alguns autores defendem de forma acutilante e clara uma divisão analítica da comunidade cabo-verdiana em Portugal naquele que intitulam de ‘dois mundos distintos’: de um lado, aquilo que caracterizam como ‘elite cabo-verdiana’; de outro lado, o dos imigrantes trabalhadores cabo-verdianos, vivendo a maioria nos bairros pobres da Área Metropolitana de Lisboa (Batalha, 2008:27; Pires, 2009:70). Por razões de delimitação do nosso universo de estudo e motivações de limitações metodológicas e outras já apontadas no capítulo anterior, passamos a seguir a debruçarmo-nos sobre o processo de integração dos jovens de segunda geração à base de dois indicadores-chaves, respectivamente o nível de escolaridade e a posição no mercado de trabalho. Também por motivos de natureza prática, incidimos aqui apenas à segunda componente da comunidade atrás referida.

### 4.3 Escolaridade

Os nossos entrevistados são consensualmente de opinião que a média de escolaridade dos jovens de origem cabo-verdiana nos vários concelhos da área Metropolitana de Lisboa fica entre o sétimo e nono ano de escolaridade obrigatório. Isso significa que há muito abandono e insucesso escolar durante o período de escolaridade obrigatória. Também a maioria dos nossos entrevistados é de opinião que só uma percentagem relativamente baixa (entre os 7 a 10% segundo os nossos respondentes) consegue atingir o ensino superior. Entre esses dois extremos encontra-se uma parte que consegue atingir o ensino técnico profissional a nível 3 ou 4. Quais são os motivos apresentados pelos nossos respondentes para a baixa média de escolaridade?

Uma das razões principais desse baixo grau de escolaridade tem a ver, segundo os nossos respondentes, com a falta de conhecimento dos pais sobre o funcionamento do sistema educativo português e com um deficiente acompanhamento dos seus filhos no processo escolar. Muitas das famílias são monoparentais. As mães saem logo de manhã para o trabalho e só regressam à noite. As crianças mais pequenas ficam ao cuidado das amas que não dispõem de nenhuma ferramenta pedagógica para transmitir às crianças algo de útil nesse sentido, explica a coordenadora de um jardim-de-infância na Cova da Moura. Uma outra nossa entrevistada acrescenta que o insucesso escolar é relativamente preocupante em vários bairros pobres e degradados onde vivem os cabo-verdianos. Não há acompanhamento escolar porque os pais trabalham muitas horas por dia e não acompanham os filhos, mas muitos professores vão mais além e falam de ‘desleixo’ dos pais. Também complementa um outro nosso respondente afirmando que os pais não investem nas férias dos filhos, mas quando as crianças reprovam são, muitas vezes, severamente reprimidas por eles. Embora existam equipas de intermediação e formação parental para habilitar os pais com mais conhecimento e competências nessa área, a grande maioria não participa, apesar de serem aplicados incentivos financeiros para tal, acrescenta uma jovem dirigente associativa.

Um outro tipo de motivo apresentado por vários dos nossos respondentes tem a ver com as características socioculturais dos bairros onde os jovens se encontram inseridos. Um dos nossos entrevistados diz que um dos grandes problemas que muitos jovens enfrentam tem a ver com o ambiente negativo de amigos ao redor deles. Esse entrevistado jovem fez uso da sua própria trajectória como exemplo para ilustrar que quando alguém tende a singrar nos estudos nesses bairros ele não é valorizado e nem encorajado pelos colegas. Ao contrário: parafraseando esse nosso entrevistado, ‘os colegas tentam conseqüentemente desencaminhar-te, nunca te perguntam como vão os estudos e um jovem chega até ao ponto que ele se sente isolado não só dos colegas e amigos, mas até dos familiares’. Esse tipo de exemplo foi-nos repetido por vários respondentes nossos residentes em todos os concelhos de concentração de cabo-verdianos. Mas houve também respostas dos nossos entrevistados que espelham a face positiva quanto à atitude adoptada por muitos pais cabo-verdianos nessa área. Quase todos os nossos entrevistados que atingiram o ensino superior destacaram o papel positivo que desempenharam os pais nas suas trajectórias. Um deles afirmava a dada altura que retomou os estudos porque ‘se sentia em dívida para com os pais que muito lhe incentivaram e encorajaram’.

#### 4.4 Mercado de trabalho

Nas sociedades contemporâneas, o mercado de trabalho é considerado como o lugar-chave dos processos de integração social. Portanto, para a larga maioria dos cabo-verdianos que emigrou para Portugal por motivos de ordem laboral é de crucial importância saber quais os dados fornecidos pelos nossos entrevistados sobre uma das instituições-chaves na área de integração, ou seja, a posição dos cabo-verdianos de segunda geração nessa área.

Em Portugal um trabalho de referência para este nosso estudo é o do conhecido investigador Português, Fernando Luís Machado, sobre filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho (2008). Sem especificar a origem desses filhos de africanos, Machado conclui na sua leitura agregada de dados do inquérito que usou como base empírica de análise que o perfil dos descendentes de imigrantes é um ‘perfil terciário de execução’, ao passo que o perfil dos seus progenitores é de carácter proletário (2008:129). O mesmo autor apresenta as seguintes categorias profissionais exercidas pelos jovens de origem africana acompanhadas das

percentagens correspondentes a cada categoria profissional: 19,8% ocupa-se de trabalhos não qualificados da construção civil; 20,7% trabalha na construção civil; 12,9% está ligada à indústria e transportes; 10/6% dedica-se a trabalhos não qualificados dos serviços; o pessoal administrativo está representado com uma percentagem de 10,1%; 8,1% pertence à categoria de técnicos e profissionais intermédios; 2% dedica-se a profissões intelectuais e científicas e apenas 0.5% é constituído por directores e quadros dirigentes.

Os dados de Machado atrás referidos parecem estar em razoável sintonia com as informações que recolhemos no terreno por duas razões principais. Em primeiro lugar, é plausível e de se esperar que o fraco desempenho escolar da maioria de jovens de origem cabo-verdiana descrito no parágrafo atrás tenha tido repercussões directas no mercado de trabalho. Em segundo lugar, entende a maioria dos nossos entrevistados que existe uma grande quantidade de jovens de segunda geração concentrados nos serviços não qualificados nas áreas de construção civil, indústria, transportes e serviços de uma forma geral. Aqueles que não terminaram com sucesso o ensino obrigatório ocupam, muitas vezes, lugares não qualificados na área de construção civil. Ou seja, eles não exercem a profissão de pedreiro ou carpinteiro como os seus pais, mas ocupam simplesmente o lugar de ‘ajudantes’ nas mesmas profissões. O mesmo se passa com um número significativo de raparigas com o mesmo nível de escolaridade que se orientam para trabalhos de limpeza, ou outro tipo de serviço não qualificado. Trata-se aqui daquilo que se entende como ‘mobilidade descendente’. Isso quer dizer que as suas aspirações a um estatuto de classe média ficam assim comprometidas com todas as consequências daí advenientes. No entanto, como é expectável, não foi possível apurar nessas entrevistas estimativas relativamente claras quanto à percentagem de jovens de origem cabo-verdiana nas categorias profissionais de nível intermédio ou superior. Algo de relevante ainda realçado por vários dos nossos entrevistados é o fenómeno de migração crescente de jovens com os graus de estudo profissional a nível 3 ou 4 para vários países da Europa, tais como, França, Luxemburgo, Inglaterra, Holanda, Suíça, etc. Isso é devido ao sufoco económico vigente e à grande falta de perspectivas em Portugal, acrescentam os nossos respondentes. Um dos nossos respondentes exemplifica isso com um conhecido grupo da sua Faculdade composto por 20 cabo-verdianos formados recentemente. Desse grupo de formados só ficaram 5 em Portugal e isso por terem família já constituída, acrescenta o mesmo entrevistado. Os outros foram à aventura de melhores perspectivas noutros países Europeus.

Confrontados com os dados do Anuário Estatístico de Portugal de 2010 que estipula a percentagem de desemprego para a faixa etária entre 15 e 24 anos para 22,4%, os nossos entrevistados são peremptórios em afirmar que para o mesmo grupo etário de jovens de origem cabo-verdiana encontrar-se-á, provavelmente, uma percentagem acerca de 35% de desempregados. No entanto, existe uma outra parte de jovens que só têm contratos de trabalho para um período de apenas algumas semanas ou meses, o que não lhes oferece nenhuma garantia de estabilidade. Duas entrevistadas afirmam também que existe um certo número no desemprego porque não querem trabalho ou não demonstram interesse para tal. No entanto, a delinquência juvenil parece ser residual. A oferta nos bairros em termos de actividades diversas tem contribuído significativamente para isso, realçam outros entrevistados. Mas em contraste com as categorias atrás referidas existe um número relativamente expressivo de jovens de origem cabo-verdiana com um outro tipo de trajectória profissional. Trata-se daquilo que Machado intitula no seu trabalho como ‘mobilidade social ascendente’ (2008:147). Esses jovens são oriundos, muitas vezes, das tais chamadas classes populares, passaram por períodos de dificuldades económicas e sociais graves, mas conseguiram (gradualmente) bons desempenhos escolares que lhes proporcionaram um estatuto mais vantajoso do que os pais e do que o da maioria dos filhos de cabo-verdianos em Portugal. O testemunho em baixo é ilustrativo pelo que acabamos de apontar.

*Quando vim de Cabo Verde, fomos viver numa barraca, sem água nem luz.(...) Na escola primária eu aprendia rápido e os meus pais não falavam crioulo comigo. Eles temiam que isso dificultasse o meu desenvolvimento da língua Portuguesa. Entretanto, o meu pai emigrou para França. Já no oitavo ano fui trabalhar numa padaria onde tive de enfrentar enormes dificuldades. Como filho mais velho trabalhava muito. Mas hoje estou convicto de que a coesão, os valores e princípios defendidos pelo meu agregado familiar é que fizeram uma grande diferença nas minhas prestações escolares. Por isso, tenho um grande orgulho por aquilo que a minha família me conseguiu transmitir. Havia uma grande harmonia dentro da nossa família, dividíamos aquele pouco que tínhamos para podermos ultrapassar as dificuldades. (...) No oitavo ano escolar mudou a minha família também duma barraca para outra. Isso contribuiu de forma muito negativa para os seus estudos. As minhas notas diminuíam consideravelmente. O curioso é que, a partir do nono ano escolar, consegui adquirir a estabilidade nos estudos. Mas eu dormia pouco [quatro a cinco horas por dia, AG<sup>11</sup>] e tive que adoptar uma grande engenhosidade para gerir o meu tempo entre o estudo, o trabalho e o desporto que praticava de forma intensa.(...) Desisti por algum tempo dos estudos. Nessa altura, trabalhava e treinava. (...) Mas passados três anos cheguei à conclusão de que necessitava de melhorar os meus conhecimentos e o que queria mesmo era estudar Direito. Os meus pais me ajudaram e fui para o colégio estudar. Depois dos estudos na área de Direito fui trabalhar para a Direcção Geral de Reinserção Social onde exerço a função de quadro superior dirigente na área juvenil (...)*  
*(Jovem de 34 anos, jurista de formação)*

O testemunho desse jovem deixa claro o papel determinante dos seus pais e a coesão social na formação escolar. Também a sua atitude perseverante de vencer e a disciplina individual são outros factores marcantes na sua trajectória ascendente. Como nos disse o actual Presidente da Federação das Organizações Cabo-verdianas em Portugal, Sr. Manuel Correia, este é um dos exemplos daquilo que ele intitula de ‘novos heróis’ desse bairros da Área Metropolitana de Lisboa. No entanto, não deixa de ser chocante a maneira como muitos desses jovens de bairros degradados, mesmo com cursos superiores, são vítimas de estigmatização e exclusão social. Alguns jovens entrevistados por nós com esse perfil contaram-nos que lhes recusam trabalhos a seu nível a partir do momento que seja conhecido que são moradores desse tipo de bairros. Por isso, muitos jovens já foram morar noutra parte de bairros para poderem aumentar as suas perspectivas de emprego.

## 4.5 Associativismo

Pelo que pudemos apurar através da análise de alguns documentos e entrevistas com dirigentes associativos regista-se na Área Metropolitana de Lisboa uma participação relativamente activa de jovens descendentes de cabo-verdianos nas várias associações existentes. Estes dados parecem indicar duas coisas. Por um lado, essas organizações proporcionam-lhes um espaço privilegiado para a identificação com a cultura dos pais e da comunidade, ou seja, a afirmação e a consolidação de um sentimento de pertença étnica. Por outro lado, essa participação nas organizações surge como factor de promoção de uma maior integração no contexto socioeconómico, cultural e cívico da sociedade que os viu nascer e/ou os socializou.

As actividades desenvolvidas pelas associações estão na base dos efeitos atrás mencionados. Assim, distinguem-se sobretudo as actividades relacionadas com a preservação da cultura cabo-verdiana na forma

<sup>11</sup> AG significa que essas palavras foram ali introduzidas pelo autor para facilitar a assimilação da frase.

de festas, organização de palestras, congressos e seminários, eventos de promoção de artistas cabo-verdianos, formação de grupos e espectáculos de dança e música e ainda a organização de eventos relacionados com a culinária cabo-verdiana. Pode-se dizer, sem correr muito risco de errar, que a maioria das associações centraliza as suas actividades em torno de aspectos culturais. Com a realização desse tipo de actividades as organizações destacam-se como espaços de convívio, comunicação e integração onde os associados podem partilhar memórias e onde podem discutir assuntos da vida quotidiana tornando-se um espaço intermediário entre a mãe-terra e a nova sociedade preservando assim a cultura cabo-verdiana e, ao mesmo tempo, contribuindo para o equilíbrio no tocante à influência de outras culturas.

A maior parte destas associações tem um carácter étnico, exercendo funções de mediação entre o grupo e o Estado. Por isso, muitas dessas associações são organizações de bairro que lutam pelos direitos dos moradores e que procuram melhorar as condições habitacionais dos seus associados nos bairros, funcionando, muitas vezes, como órgãos de pressão junto das autarquias. Destacam-se também as associações que têm como objectivos a promoção de assuntos específicos como o da inserção da comunidade jovem. Nesse âmbito, sobressaem também as actividades junto das camadas jovens, lembrando que as associações tentam ‘arrancar’ os jovens da marginalidade e dar-lhes auto-estima e uma ocupação saudável, oferecendo-lhes condições e actividades que lhes permitam atingir certos objectivos e dar-lhes alternativas. No entanto, torna-se necessário levar em conta que nem todas as associações têm o mesmo tipo e nível de apoio das autoridades locais ou não, dependendo dos interesses, das características das lideranças, do momento político, dos planos e políticas públicas dos actores responsáveis pela acção governamental. A própria mobilização e liderança são, em grande medida, fomentadas por grupos intermédios e elites da comunidade. Também dado à sua dinâmica e papel de ‘ponte’ na sociedade o associativismo proporciona uma confluência de capital social expresso em vários tipos de redes<sup>12</sup> e capital cultural em termos de escolaridade que potenciam a emergência e consolidação de trajectórias ascendentes de jovens activos oriundos das camadas mais desfavorecidas dentro dessas organizações (ver Albuquerque, 2009:435).

As organizações cabo-verdianas mantêm fortes relações com o poder central, principalmente através de vários organismos do Estado, dos quais se destaca o ACIDI. Nesse âmbito, os cabo-verdianos em Portugal dispõem de um representante permanente no Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração (COCAI). Também esta comunidade dispõe, actualmente, de um maior número de associações reconhecidas pelo ACIDI como representativas das suas comunidades, ou seja, 24 organizações num total de 125. Para além disso, essas organizações desenvolvem parcerias e relações diversas com as Câmaras Municipais e Juntas de Freguesias que constituem as entidades com quem as associações mantêm relações privilegiadas, nomeadamente no que diz respeito aos apoios financeiros e facilidades de vária ordem. Destaca-se assim a colaboração entre os poderes locais e as associações no âmbito de formação de jovens no domínio da mediação intercultural, através de projectos sobre apoio escolar e formação profissional, questões de alojamento, etc.

Um grande exemplo de um tipo de actividade levada a efeito por uma organização cabo-verdiana e que teve um impacto de transcendente importância na vida dos jovens não só a nível de Portugal mas também no que diz respeito à aproximação e consolidação dos laços com a terra e outras comunidades da Diáspora, foram os Congressos de Quadros de 2002 e 2006 levados a cabo pela Associação Congresso dos Quadros Cabo-verdianos da Diáspora. Embora venham a ser destacados nos próximos capítulos alguns outros exemplos, passamos aqui em baixo dois curtos testemunhos de dois jovens naturais de Amadora e Oeiras sobre o papel

---

<sup>12</sup> Está-se aqui a referir a redes associativas, familiares e relações sociais de proximidade

que os referidos Congressos tiveram nas suas vidas e que, a nosso ver, são elucidativos do papel da organização 'Congresso de Quadros Cabo-verdianos na Diáspora' nesse domínio.

*Antes do Congresso de 2006 pouco ou nada sabia de Cabo Verde. Após esse evento houve uma grande mudança na minha vida. Lá encontrei jovens vindos doutros países, visitamos o interior de São Tiago, desenvolvemos relações de cooperação, discutimos problemas comuns. Enfim, foi maravilhoso (...). Até fiquei com a percepção de que já tinha estado lá várias vezes. Adorei a paisagem, as pessoas, senti-me em casa, senti-me valorizado (...). Logo de regresso a Lisboa contei à minha mulher tudo o que tinha visto e ela também decidiu, após alguns meses, ir pela primeira vez conhecer Cabo Verde. Nos últimos anos vamos os dois a Cabo Verde, cada dois em dois anos, e cada vez voltamos com mais interesse. Transmitimos isso aos irmãos e cunhados e todos já foram também visitar Cabo Verde (Jovem de 33 anos, dirigente associativo e, ao mesmo tempo, quadro superior numa instituição Portuguesa).*

Segue complementarmente uma pequena parte do testemunho dum outro participante, desta feita do Congresso de 2002.

*Eu nasci no bairro 6 de Maio, Cova da Moura. Ali não havia perspectivas para os jovens. Faltava-nos, sobretudo, figuras de referência à nossa volta. Os nossos professores davam aulas só para a metade dos alunos porque não acreditavam na outra metade [de origem africana, AG<sup>13</sup>]. Mas eu recusei-me a acreditar na situação e decidi estudar afincadamente. Só que o estudo não era valorizado no seio familiar e muito menos dentro do grupo dos meus amigos. Depois de ter ultrapassado muitas dificuldades e barreiras consegui terminar o meu curso no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (...) Mas a minha vida parece ter mudado completamente depois da minha participação no Congresso de Quadros de 2002. Apesar de ser a primeira vez que eu pisava o solo de Cabo Verde, foi lá que eu me senti como homem realizado. (...) Senti-me em casa, valorizado, senti-me reconhecido e foi lá que surgiu esse ponto de viragem na sua vida, foi lá que ganhei essa vontade de fazer algo para os outros. Por isso, me inscrevi e participei com muito gosto no projecto 'Dias de Cabo Verde'. Fui lá como formador de dirigentes associativos no concelho de Tarrafal de São Tiago (...) e sei que o meu futuro está incontornavelmente ligado a Cabo Verde, terra das minhas raízes. (Jovem de 34 anos, quadro superior e coordenador do 'Programa Escolhas' em Lisboa)*

### **Pontos críticos**

Mesmo com essa trajectória histórica que deixou marcas indeléveis na vida da nossa comunidade em Lisboa através das inúmeras mais-valias em prol dos cabo-verdianos em Portugal em particular e a bem de Cabo Verde de uma forma geral, quer como instrumento de aglutinação de associados para as mais variadas actividades e projectos, quer como mecanismo de defesa de interesses de cabo-verdianos junto das estruturas de poder em Portugal e não só, quer como 'ponte' de convívio e de aproximação patriótica entre a Diáspora em Portugal e a Terra-mãe, de um lado, e como facilitador e promotor de relações de amizade e solidariedade com as outras comunidades diaspóricas, de outro lado, o movimento associativo em Lisboa não está e nem podia de forma alguma estar imune às críticas de vária ordem e vindas de (quase) todos os quadrantes. Aliás, isso faz parte daquilo que poderíamos designar como a dinâmica dialéctica do processo e como tal deve ser encarado, sobretudo na medida em que vamos ter a oportunidades de constatar nos capítulos sobre as outras comunidades apontamentos críticos semelhantes.

<sup>13</sup> AG significa que essas palavras foram ali introduzidas pelo autor para melhor compreensão da frase.

Existe uma quantidade enorme de críticas das mais díspares possíveis e não temos nenhuma pretensão em apresentar um leque exaustivo e completo dos assuntos abordados, nos últimos tempos, pelos vários tipos de actores sobre a dinâmica associativa em Lisboa. Vamos, sim, e com base nalgumas observações, leituras e depoimentos de alguns dirigentes entrevistados apresentar, resumidamente, alguns elementos julgados mais relevantes para este trabalho. Em primeiro lugar, verificamos que existe um clima de certa tensão (muitas vezes latente) entre os dirigentes pertencentes à tal chamada ‘elite’ e os (novos) líderes que se ascenderam de base a partir da dinâmica associativa nos diversos bairros. Poderíamos avançar com muitos exemplos, mas vamos ficar pelo mais recente que aconteceu durante a nossa recolha de dados para este trabalho: alguns dirigentes pertencentes à primeira categoria atrás mencionada não são aceites pelos seus ‘colegas’ das associações de bairros e isso nos foi comunicado por alguns dirigentes de base quando esses últimos rejeitaram ou ‘boicotaram’ de forma implícita ou não a abordagem e intermediação dos dirigentes ‘elitistas’ para dar os seus apoios quanto à prestação de dados e/ou informações para o nosso trabalho. Mas com isto não estamos de forma alguma a subestimar nem a pôr minimamente em causa o papel relativamente carismático de uns poucos dirigentes da elite cabo-verdiana em Lisboa que possam gozar de uma certa confiança e empatia junto das mesmas bases.

Em segundo lugar, a crítica acérrima sobre a renovação de órgãos sociais está presente por todos os lados e aparece de forma transversal a todas as categorias de organizações que fazem parte do movimento associativo<sup>14</sup>, mas com maior incidência nas organizações mais representativas. Trata-se aqui de um tema de elevada complexidade e, com base nos nossos dados e observações, parece-nos plausível sustentar que o tratamento desse tema parece estar a ser feito de forma relativamente superficial, de tendência voluntarista e com um nível reflexivo muito imediatista. Porém, parece-nos também razoável a opinião de outros sujeitos críticos dizendo que não tem havido na comunidade em Lisboa uma acção conseqüente, nem uma estratégia devidamente pensada e preparada para não falarmos das potenciais vontades dos líderes da primeira geração de dirigentes em deixar órgãos sociais das organizações que criaram. Por enquanto, limitamos aqui neste trabalho a tecer complementarmente a seguinte consideração: mais do que uma simples ‘passagem de testemunho’ trata-se de uma mudança que implica uma confrontação geracional de ideias, interesses, atitudes, valores, possíveis ideais e formas de liderança, às vezes até bastante antagónicas entre ambas as partes. Portanto, trata-se dum processo nada fácil, como muita gente pode pensar.

Por último e na impossibilidade de abordar de forma alargada e com uma certa profundidade os diversos pontos que circulam na esfera pública, cingimos aqui complementarmente aos seguintes tipos de críticas. Trata-se daquilo que por todo o lado se queixa da ‘falta de entrosamento’ ou falta de ‘união’ das organizações, grau de representatividade e democraticidade de determinadas organizações dado, entre outros, à ausência de associados, estilo de liderança nalgumas associações representativas, grau de inovação nas formas de acção, ausência geral de planos estratégicos de organizações, conhecimento e competências na elaboração de projectos, gestão deficiente, dependência crónica e insustentabilidade a prazo dos recursos públicos, nível de capacidade interventiva de organizações junto dos poderes políticos e públicos, grau de acesso às redes de influência política ou da sociedade civil, papel das associações como grupos de pressão junto dos poderes políticos, (em Portugal e/ou em Cabo Verde) e dificuldade enorme na elaboração de uma nova visão voltada para a captação de outros tipos de recursos seja a nível nacional, seja além fronteiras. Parece ser um comodismo arcaico e potencialmente destrutivo enumerar crítica e não entrar em análises mais profundas ou não apresentar alternativas, mas os limites deste nosso trabalho assim nos impõe.

---

<sup>14</sup> Não nos referimos aqui a organizações de estudantes Cabo-verdianos vindos nos últimos tempos de Cabo Verde.

## 4.6 Identificação e relação com Cabo Verde

A ligação com o país de origem não se verifica, como num capítulo atrás realçado, somente através das deslocações e investimentos financeiros. Existe sempre um ideário de visitar e visitar que está presente nas faixas etárias mais jovens, o que parece indicar um forte sentimento de pertença e de identidade com Cabo Verde. Assim, esse tipo de identidade e a ligação verifica-se, entre outros, nas práticas culturais, gastronomia, música, literatura, dança e rituais profanos e religiosos, independentemente da origem social de cada um (conf. Saint-Maurice, 1997). Dos estudos analisados e com base nos dados fornecidos pelos nossos entrevistados verificamos, em primeiro lugar, que uma parte (difícil de quantificar a percentagem) das segundas gerações se vê mais identificada com um imaginário afro-americano e com um simbolismo difuso de uma identidade cabo-verdiana mediada por intermédio duma imaginada identidade africana. São jovens que, muitas vezes, se sentem rejeitados pela sociedade portuguesa, mas não se sentem também como cabo-verdianos. Portanto, não se pode falar aqui de uma dupla identificação cultural. De um modo geral, essa categoria de segundas gerações articula-se com as realidades de Cabo Verde de forma muito vaga. Muitas vezes são jovens ainda na fase transitória de adolescência e susceptível de irem moldando a sua identidade cultural ao longo da sua trajectória de vida. Essa mudança irá depender muito do meio ambiente, do envolvimento ou não em determinado tipo de redes sociais e actividades desenvolvidas pelo associativismo local, da posição socioeconómica na sociedade e das oportunidades encontradas e aproveitadas ou não.

Outro tipo de opinião de alguns entrevistados jovens é o referente a um outro grupo de jovens que consegue ir a Cabo Verde como ‘turistas’ e que têm uma identificação marcadamente simbólica com o país de origem dos seus progenitores. Falam o crioulo (de forma fluente ou não), adoram a música, gastronomia e outros símbolos culturais de referência de Cabo Verde, mas o grau de conhecimento sobre a história e génese cultural de Cabo Verde é, regra geral, muito superficial. Também o tipo de relações afectivas com o desenvolvimento de Cabo Verde e seu futuro são extremamente limitados. Identificam-se de forma assumida como portugueses e muito menos como luso-cabo-verdianos. O seu grau de integração na sociedade portuguesa é relativamente maior que a categoria atrás mencionada. Esses jovens têm também, muitas vezes, uma imagem muito paradisíaca sobre Cabo Verde, uma espécie de identificação romântica e imaginária desse país e isso provoca, algumas vezes, um choque cultural ao gozar o período de férias ou curta estadia. Exemplificativo é o facto de muitos desses jovens acharem as cidades de Assomada e Tarrafal de São Tiago como muito ‘paradas’ e sem divertimento à altura para jovens de suas idades. Isso para não se falar dos que foram com os pais e ficaram circunscritos às pequenas aldeias do interior de São Tiago ou outras ilhas.

Finalizamos este capítulo dando atenção a um grupo de jovens que têm um tipo de identificação como Cabo Verde que preferimos chamar de ‘pertença funcional’. Quais são as características dessa categoria? Esse tipo de grupo de jovens é detentor, de um modo geral, dum capital humano e cultural de nível médio ou superior. Muitos deles estão ou estiveram, directa ou indirectamente, ligados ao associativismo, actividades musiciais ou outro tipo de expressão cultural-artística. Portanto, têm um apego à língua e cultura cabo-verdiana de forma regular e/ou intensa. Mas existe também indicadores que apontam para uma certa invisibilidade social de uma parte de pessoas que apresentam esse mesmo tipo de atitude e desejo em relação a Cabo Verde. Mais do que as outras categorias, esse grupo que ora abordamos demonstra um grande interesse para o desenvolvimento de Cabo Verde e identifica-se convictamente como luso-cabo-

verdiano. Alguns até se identificam mais como cabo-verdianos do que como portugueses. Existe nessa camada aquilo que se poderia considerar como um tipo de ‘cumplicidade patriótica’ com Cabo Verde. Dito por outras palavras, apesar de não enviarem remessas financeiras aos familiares em Cabo Verde, acreditam e sentem-se comprometidos com o futuro de Cabo Verde e, no fundo, querem ser úteis a Cabo Verde. Esse grupo vem a Cabo Verde de forma relativamente frequente. A seguir um testemunho dum jovem pertencente a essa categoria.

*Na minha infância, os meus pais não falavam crioulo em casa comigo, sempre quiseram nos habituar ao português na ideia de não estarmos em desvantagem na escola. No entanto, de alguma forma nos passaram os valores que me fizeram identificar com Cabo Verde. (...) Sempre idealizei Cabo Verde como uma ilha tropical com pessoas maravilhosas, acolhedoras e carinhosas. Após muitos anos de trabalho, eis que tive as férias há muito desejadas. Fui a Cabo Verde acompanhado da minha esposa. À chegada, a brisa quente nocturna, a paisagem desconcertante, uma paz interior arrebatou-me como se tivesse voltado à infância, despertou em mim uma vontade de construir uma casa em Cabo Verde.*

*(Jovem técnico-profissional, 33 anos)*

Um outro exemplo tem a ver com um jovem quadro que participou activamente no III Congresso de Quadros Cabo-verdianos da Diáspora de 2002 tendo como tema central ‘As segundas gerações da Diáspora Cabo-verdiana’. O entrevistado informou-nos que teve um prazer e emoção indescritível ao pisar, pela primeira vez, o aeroporto da Praia. Também acrescentou que foi fascinante as reuniões com jovens vivendo em Cabo Verde e outros vindos de países da nossa Diáspora bem como os momentos recreativos e de convívio durante o Congresso. Ao voltar a Lisboa e tocado no fundo da alma pela forma como foram bem recebidos e valorizados pelos mais altos dirigentes da Nação e não só na ‘Terra da Morabeza’, ele sentiu-se no grande dever de servir a sua comunidade em Portugal em particular, e Cabo Verde em geral. A partir dessa data escolheu um bairro em Sintra para fazer actividades para os jovens sobre sua orientação. Inicialmente o que se fazia mais era festa, acrescenta o nosso entrevistado. Mas as pessoas vinham, cada vez mais, pedir ajuda dado os seus vários problemas relacionados com documentações e outras questões. Ali o nosso ideal falou mais alto e começamos a evoluir-nos em termos organizativos, realçou o nosso entrevistado: foram criados departamentos diversos; começamos com um quarto e depois um prédio onde foi instalado um gabinete de inserção social, capoeira, kickbox, etc. Isso já dura 10 anos, cada vez há mais dinamismo, profissionalismo e capacidade organizativa. Hoje em dia somos parceiros de várias instituições e temos que justificar convenientemente os financiamentos. Temos também programas de intercâmbios internacionais com organizações em vários países. O financiamento é sempre um problema crónico e os projectos têm que ser bem elaborados por uma equipa técnica de alta qualidade para se poder candidatar com alguma possibilidade de se ganhar o concurso. Por isso, concorda com as informações prestadas pelos outros entrevistados que a mobilização de recursos é um dos grandes desafios para se poder financiar os intercâmbios juvenis. A organização terá que poder contar com uma equipa de técnicos capaz de fazer uma candidatura elaborada por pessoas competentes. Essa é uma das nossas maiores fragilidades, acrescenta o nosso entrevistado (jovem dirigente duma associação em Sintra)

## 5. A segunda geração de cabo-verdianos na Holanda

### 5.1 Dados numéricos gerais

Levando em conta que já se escreveu alguma coisa sobre as causas principais da emigração para Holanda (e.g. Graça, 2000; Pires, 2006) vamos limitar-nos aqui apenas a aspectos julgados mais elementares para caracterização geral dessa comunidade. A emigração para Holanda pode ser dividida em dois fluxos migratórios principais. O primeiro fluxo teve início nos anos 50 do século passado, mas é na década a seguir e na primeira metade dos anos setenta que aumentou significativamente a entrada de cabo-verdianos na Holanda. A grande maioria veio para trabalhar como marítimo e, como tal, foi absorvido pela marinha mercante holandesa e de outras nacionalidades que necessitavam de mão-de-obra. O grupo que preferiu trabalhar nas fábricas holandesas e outras áreas afins dedicou-se já a isso nos anos 60 e continuou a aumentar até à primeira metade dos anos setenta. A maioria esmagadora desses cabo-verdianos, sejam eles marítimos ou não, era constituída por pessoas com uma baixa formação escolar e praticamente sem qualificação profissional. O segundo fluxo migratório começou com o desencadear da crise de petróleo tendo aumentado de forma significativa com a Independência Nacional em 1975. Muitos marítimos tinham grandes problemas de documentação e circulação. Por isso, optaram pela segurança pessoal abandonando o mar e estabelecendo-se de forma definitiva no solo Holandês. Assim, nos anos 70 e 80 o número de cabo-verdianos aumentou de forma relativamente vertiginosa como consequência do processo atrás descrito, reagrupamento familiar daí decorrente e através dos tais chamados ‘casamentos de conveniência’ contraídos, na maioria das vezes, entre raparigas cabo-verdianas vindas sobretudo da Itália, Portugal e França, e Holandeses.

Como se pode ver no quadro abaixo elaborado com base nos dados oficiais, a comunidade Cabo-verdiana na Holanda era constituída, a 1 de Janeiro de 2012, por 21.494 cidadãos, sendo 11.754 pertencentes à primeira geração e os restantes 9.740 à segunda geração.

**Quadro 5.1** - Quantidade de cabo-verdianos na Holanda a 1 de Janeiro de 2012 baseado na divisão em gerações existentes, percentagens e sexos dos mesmos cidadãos.

	Primeira geração		Segunda geração		Total
	Número	%	Número	%	
Sexo masculino	5.529	26%	4.892	23%	<b>10.421</b>
Sexo feminino	6.225	29%	4.848	22%	<b>11.073</b>
<b>Sub-total</b>	<b>11.754</b>	<b>55%</b>	<b>9.740</b>	<b>45%</b>	<b>21.494</b>

Fonte: Statline, Instituto Centraal de Estatísticas (CBS15<sup>15</sup>)  
Tratamento de dados: António A. Graça

Um outra leitura que se pode facilmente fazer através do mesmo quadro é que a segunda geração perfaz uma percentagem expressiva desse grupo étnico, ou seja, 45% da totalidade de cabo-verdianos neste mesmo país. Os membros do sexo feminino da primeira geração ultrapassam os do sexo oposto, mas o mesmo não acontece com os números e percentagens referentes à segunda geração. Como é óbvio, os dados oficiais

<sup>15</sup> Centraal Bureau voor de Statistiek (CBS)

atrás contemplados nos quadros dizem apenas respeito às pessoas com residência legal na Holanda. Mas um outro elemento relativamente curioso e não muito claro tem a ver com o número de cabo-verdianos que, sobretudo nos últimos anos, vem chegando de Portugal. Uma grande quantidade desses ‘novos emigrantes cabo-verdianos’ provavelmente não se encontram incluídos nas estatísticas oficiais. Assim, pressupomos que a maioria desses elementos pertence à segunda geração de cabo-verdianos fixados em Portugal. Portanto, como detentores de passaporte português e pertencendo à segunda geração de cabo-verdianos em Portugal, não devem fazer parte das estatísticas relacionadas com os cabo-verdianos na Holanda. Uma outra questão referente aos números tem a ver com a quantidade de ilegais. As estimativas são díspares a esse respeito, mas de acordo com as nossas observações e leitura de alguns documentos ligados à política rigorosa de controlo das fronteiras supomos que essa categoria deve oscilar entre 1500 a 2000 pessoas. De importância crucial para a análise desta comunidade na Holanda é também a grande concentração de cabo-verdianos em Roterdão. Só nesta cidade residiam, a 1 de Janeiro deste ano e como se pode ver no quadro em baixo, 15.302 cidadãos de origem cabo-verdiana, ou seja, 71% da totalidade de cabo-verdianos na Holanda.

**Quadro 5.2** - Números de cabo-verdianos em Roterdão a 1 de Janeiro de 2012 distribuídos pelas duas gerações existentes e algumas faixas etárias.

	0-14 anos	15-19 anos	20-24 anos	25-34 anos	35-44 anos	45-54 anos	55-64 anos	≥ 65 anos	<b>Total</b>
Primeira geração	101	177	370	1.001	1.901	2.539	1.564	1.114	<b>8.767</b>
Segunda geração	2.469	1.181	1.171	1.426	283	5	-	-	<b>6.535</b>
<b>Sub-total</b>	<b>2.570</b>	<b>1.358</b>	<b>1.541</b>	<b>2.427</b>	<b>2.184</b>	<b>2.544</b>	<b>1.564</b>	<b>1.114</b>	<b>15.302</b>

Fonte: Centro de Investigação e Estatística de Roterdão (COS<sup>16</sup>)  
Tratamento de dados: António A. Graça

O quadro fornece-nos alguns dados interessantes do ponto de vista analítico. Assim, pode-se reparar que a segunda geração constitui 43% da totalidade do número de cabo-verdianos nesta cidade. De um modo geral e sobretudo para este estudo trata-se de uma comunidade com uma boa potencialidade numérica, levando em conta, sobretudo as faixas etárias a partir de 20 anos. Em contrapartida, embora relativamente implícito, é o grau de envelhecimento da primeira geração, se repararmos no grupo etário a partir dos 55 anos. O impacto do grau de envelhecimento pode ser ainda mais relevante se levarmos em conta que a taxa de crescimento anual da comunidade é insignificante, ou seja, há estagnação, há já mais de uma década. Para além de Roterdão, os cabo-verdianos residem em vários concelhos limítrofes de Roterdão, tais como Schiedam, Vlaardingen, Hoogvliet, Spijkenisse e Barendrecht. Também estão espalhados em números de algumas centenas por várias outras cidades, respectivamente, Haia, Zaandam, Delfzijl, Amsterdão, etc. Dado sobretudo à sua quantidade bastante expressiva concentraremos a nossa análise na cidade de Roterdão, mas sempre que possível e necessário levando em conta aspectos relevantes de carácter nacional. Dedicaremos a seguir alguma atenção a alguns indicadores que dizem respeito à dimensão estrutural de integração dos jovens de segunda geração neste país.

<sup>16</sup> Centrum Onderzoek en Statistiek (COS)

## 5.2 Escolaridade e formação

Começamos com uma breve incursão sobre o sistema de ensino na Holanda para se poder compreender melhor os dados que a seguir apresentaremos. O sistema educativo Holandês está classificado como um dos nove melhores do mundo, mas é sobretudo um ensino de carácter muito selectivo. O ensino é obrigatório entre os 5 e os 16 anos. As escolas são divididas em escolas públicas e particulares (de vocação religiosa). Também existem escolas para diferentes faixas etárias e, algumas delas, estão divididas em diferentes ramos e níveis de ensino. As crianças vão para o ensino básico desde os 4 até aos 12 anos. No último ano deste tipo de ensino as crianças fazem um tipo de exame geral (Cito-toets) para se poder avaliar qual o nível escolar que devem seguir no ensino secundário. Embora se defenda teoricamente que o processo de aprendizagem e a bagagem do aluno durante a escola primária são levados em conta pelos professores e que os pais têm uma palavra a dizer sobre o tipo e nível de ensino secundário a seguir pela sua criança, os resultados do exame final transformam-se em instrumentos decisivos e, muitas vezes, incontornáveis para o nível de ensino a seguir, independentemente da opinião dos pais<sup>17</sup>. Portanto, esse exame final (Cito-toets) torna-se um mecanismo de rigorosa selectividade por excelência. O ensino secundário engloba os seguintes tipos de escola: ensino de preparação profissional de quatro anos (VMBO); ensino geral básico secundário de quatro anos (MAVO); ensino geral avançado secundário de cinco anos (HAVO); ensino pré-universitário de seis anos (VWO). Depois de conseguirem diplomas nos três primeiros tipos de ensino secundário (VMBO, MAVO e HAVO) os jovens podem seguir cursos profissionalizantes. Os que completarem com sucesso o nível de VWO poderão ingressar directamente nas universidades.

No tocante aos cabo-verdianos de segunda geração na área de ensino, neste momento: qual é ponto da situação? Aqui nos encontramos fortemente condicionados pela exiguidade de estudos científicos e dados empíricos específicos sobre os cabo-verdianos. Contudo, pese esse quadro limitativo, estamos convictos de que é possível uma caracterização geral e eventualmente aproximada da formação e nível de escolaridade da segunda geração na Holanda. Estando excluídas as possibilidades de análise de todos os factores mais relevantes que possam influenciar o processo, iremos limitar-nos aos seguintes indicadores: a 'qualificação básica', o abandono escolar ou 'drop out' e o nível de escolaridade atingido.

Os dados do quadro abaixo apresentados permitem-nos tecer algumas considerações sobre o aproveitamento escolar dos jovens de origem cabo-verdiana no ensino em Roterdão. Pela idade ali contemplada dos jovens podemos apurar, em primeiro lugar, que se trata de uma categoria que já passou o limite do ensino obrigatório Holandês fixado até os 16 anos. O que é que significam as três categorias de desempenho escolar inseridas no quadro? Entende-se na Holanda como 'jovens com saída precoce da escola' todos os jovens de idade compreendida entre 17 a 22 anos que abandonaram ou saíram precocemente da escola sem ter podido obter um diploma de ensino profissional básico, MBO, nível 2, ou então, sem ter obtido um diploma de nível secundário avançado (HAVO/VWO).

---

<sup>17</sup> Um factor de crucial importância para filhos de imigrantes tem a ver com o nível de vocabulário exigido na escola primária e o facto desse tipo de ensino ser baseado nos padrões do capital cultural das classes médias. Por isso, não é por acaso que, sobretudo as crianças que vivem em bairros de concentração de imigrantes pertencentes às classes populares entram na escola primária já com um grande défice de vocabulário e, logo, com um grande atraso em relação às suas colegas de origem autóctone. Vários estudos científicos demonstram que esse atraso é de difícil (ou quase impossível) superação na escola secundária.

**Quadro 5.3** – Dados numéricos e comparativos sobre o desempenho escolar de jovens étnicos e autóctones de idade compreendida entre 17 a 22 anos em Roterdão e no ano escolar de 2010-2011

	com saída precoce	%	Jovens ainda sem qualificação básica	%	Jovens com qualificação básica	%	Quantidade total alunos
Surinames	930	16%	2.831	49%	1.956	34%	<b>8.916</b>
Antilhanos	485	18%	1.322	50%	751	29%	<b>4.767</b>
Cabo-verdianos	327	18%	1.002	54%	520	28%	<b>2.905</b>
Turcos	851	17%	2.669	54%	1.406	28%	<b>9.722</b>
Marroquinos	697	17%	2.190	54%	1.147	28%	<b>8.096</b>
Autóctones	2.543	12%	6.907	33%	11.480	55%	<b>33.235</b>

Fonte: Centro de Investigação e Estatística de Roterdão (COS)

Tratamento de dados: António A. Graça

A percentagem de filhos de cabo-verdianos com saída precoce da escola é um dos mais altos entre os jovens de grupos étnicos em Roterdão. A percentagem dos que ainda não obtiveram uma qualificação básica é equiparável aos outros grupos étnicos. Em termos percentuais a quantia de cabo-verdianos que já conseguiu uma qualificação básica é um dos mais baixos dos outros grupos étnicos e quase a metade percentual do número atingido pelos jovens autóctones (28%..55%). Este último indicador é de muita maior importância porque implica que estes últimos alunos podem atingir um nível superior profissionalizante ou universitário.

O outro quadro em baixo dá-nos uma ideia clara e actualizada da evolução do desempenho escolar de alunos étnicos no ensino profissional secundário ou intermédio, MBO. Digno de registo neste quadro são as percentagens dos filhos de cabo-verdianos relativamente boas nos níveis MBO-3 e MBO-4 em comparação com os outros grupos étnicos e isso pelos seguintes motivos.

**Quadro 5.4** – Percentagens de alunos de grupo étnicos entre os 12-17 anos frequentando os diferentes níveis de MBO

	MBO - 1	MBO - 2	MBO - 3	MBO -4	Total percentagens
Antilhanos	29,1%	42,1%	11,3%	17,5%	100%
Surinames	16,8%	37,9%	17,8%	27,5%	100%
Turcos	20,9%	45,4%	95,0%	24,2%	100%
Marroquinos	21,6%	38,0%	14,5%	26,0%	100%
Cabo-verdianos	19,4%	33,8%	20,3%	26,0%	100%
Autóctones	12,0%	32,9%	22,5%	32,6%	100%

Fonte: San et al. (2010:37)

Adaptação e tratamento de dados: António A. Graça

Em primeiro lugar, porque esses níveis permitem acesso a uma melhor posição no futuro mercado de trabalho. Em segundo lugar, porque, sobretudo o nível de MBO-4, lhes permitem ascender eventualmente ao nível de ensino superior profissionalizante na Holanda, HBO. Voltaremos mais adiante para uma análise ligeiramente mais profunda desta questão que tem a ver com o fenómeno de mobilidade social ascendente entre os jovens da segunda geração de cabo-verdianos na Holanda. Mas passamos agora um outro quadro

em baixo que nos fornece dados gerais sobre o desempenho escolar dos jovens de segunda geração de cabo-verdianos a vários níveis de ensino na Holanda.

**Quadro 5.5** – Percentagem de alunos (12 a 17 anos) na parte avançada do Ensino Secundário

	VMBO bb/kb-lw oo(3-4)	VMBO bb/kb (3-4)	VMBO gti (3-4)	HAVO (3-)	VWO(3-6)	Total percentagens
Antilhanos	15,7%	39,3%	22,8%	13,5%	87,0%	100%
Surinames	98,0%	24,3%	28,3%	21,9%	15,6%	100%
Turcos	86,0%	28,8%	26,3%	21,3%	16,0%	100%
Marroquinos	10,3%	27,6%	25,3%	22,7%	14,0%	100%
Cabo-verdianos	17,9%	26,6%	24,9%	19,2%	11,4%	100%
Autóctones	63,0%	13,5%	21,1%	27,7%	32,4%	100%

Fonte: San et al. (2010:37)

Adaptação e tratamento de dados: António A. Graça

O quadro ilustra vários aspectos relevantes. Em primeiro lugar, constata-se que a nível mais baixo do escalão de ensino relativo ao quadro apresentado (VMBO) registamos uma quantidade relativamente alta de cabo-verdianos em comparação com os Turcos e Surinames. Em comparação com os autóctones existe relação de 3-1 a favor dos cabo-verdianos. Quanto aos níveis mais avançados de MBO, níveis 3 e 4, registamos de forma conjunta uma percentagem máxima à volta de 50%, que está bastante próxima da de outros grupos étnicos. Portanto, a metade ( $26,6+24,9= 51,5\%$ ) da quantidade dos alunos cabo-verdianos tendem a qualificar-se nessas duas áreas de ensino profissional. Mas a grande diferença entre os cabo-verdianos e restantes grupos encontramos-la nos dois níveis de ensino secundário mais altos, ou seja, o HAVO e VWO. Com base nesses dados podemos, pois, inferir que os cabo-verdianos ocupam o segundo lugar mais baixo da escala deste tipo de ensino, após os Antilhanos. Sobretudo no tocante ao score dos cabo-verdianos a nível do VWO (que dá acesso directo ao estudo universitário) podemos constatar que os autóctones (32,4%) têm uma percentagem quase tripla da dos cabo-verdianos (11%).

Resumindo, podemos inferir através desses dados relativamente recentes que existe uma percentagem relativamente alta de jovens cabo-verdianos que, dado o abandono escolar ou motivos de ordem similar, não conseguiriam, até agora, adquirir uma formação básica profissional. Também esses dados nos confirmam que o grau de escolaridade de aproximadamente metade dos jovens de segunda geração de cabo-verdianos se situa ao nível de formação profissional intermédio, ou seja, o MBO. Quais são os motivos principais que estão na origem do insucesso escolar da categoria atrás referida? O que é que nos dizem esses e outros eventuais dados sobre as possibilidades de mobilidade social ascendente dentro da sociedade Holandesa? Que significa isso em termos de número de quadros existentes qualificados a nível superior profissionalizante e/ou universitário?

Quanto ao primeiro fenómeno socorremo-nos das entrevistas feitas no terreno e das nossas observações durante os últimos tempos. A maioria dos entrevistados é de opinião que a taxa de abandono escolar está relacionada com o baixo nível de escolaridade dos pais, atraso verificado durante o período de escola primária e conseqüente baixo nível de transição para o ensino secundário, número significativo de famílias monoparentais e famílias desfavorecidas economicamente. Embora a problemática de insucesso escolar tenha um carácter nacional, existe

porém um maior risco de tal quando se trata de crianças e/ou jovens vivendo nas zonas de grande concentração de imigrantes. Um aspecto flagrante ainda e que tem sido apontado pelos jovens é a falta de lugar para estágio como um dos motivos de abandono escolar. Essas opiniões e observações estão, de um modo geral, em sintonia com alguns estudos por nós consultados (e.g. San et al., 2010; Integratiemonitor, 2011; Bouma, Coenen en Kerckaert, 2011)

Tal como vimos no capítulo sobre a comunidade em Portugal, a mobilidade social ascendente é também na Holanda um fenómeno crescente no que diz respeito a quase todas as segundas gerações de imigrantes. Os de origem cabo-verdiana não fogem também à regra. Através dos nossos instrumentos metodológicos consultados apuramos que se trata de um processo muito dinâmico e relativamente fascinante dentro da nossa comunidade. Uma quantidade relativamente grande de jovens cabo-verdianos fez ou está a fazer um percurso de relativo sucesso terminando o MBO e ingressando no HBO, aproveitando assim das várias regalias e oportunidades oferecidas neste país. Isso também se pode dizer de muitos detentores de um diploma a nível de HBO que se optam para iniciar um curso universitário. Assim, torna-se necessário relativizar os quadros de desempenho escolar e de caracteres mais transitórios apresentado atrás. Ou seja, jovens que só conseguiram o nível de MBO aos vinte e poucos anos podem uma década depois já terem um diploma com nível de bacharel ou até licenciados. Contudo, devemos levar em devida linha de conta que a probabilidade de ascensão é extremamente reduzida pelos alunos que frequentaram a tal chamada 'escola especial primária'<sup>18</sup>, o grupo constituído por jovens que abandonaram precocemente o estudo e pelos que atingiram apenas a formação profissional básica. Esse número é bastante significativo e as estimativas apontam para uma percentagem à volta de 30%. Com base nas análises atrás apresentadas e com alguma prudência atrevemo-nos a defender, nesta fase de desenvolvimento da comunidade, que as estimativas para os diplomados com MBO deverão ser acerca de 40%, 20% para os que já terminaram o nível HBO e 10% para os que já conseguiram atingir o nível universitário. Qual é o significado de tudo isso para a posição desta segunda geração de cabo-verdianos no mercado de trabalho?

### 5.3 Mercado de trabalho

Na Holanda existe ainda uma grande diferença entre a taxa de participação no mercado de trabalho entre os alóctones e autóctones. Segundo um recente estudo encomendado pelo Ministério Holandês do Trabalho e Assuntos Sociais a participação líquida da população activa dos alóctones é de 52,8% e a dos autóctones perfaz 69,4% (Bouma, Coenen & Kerckhaert, 2011). Contudo, existem sensíveis diferenças no que diz respeito ao grau de participação no mercado de trabalho dos grupos étnicos, de acordo com os mesmos autores. Os cabo-verdianos na Holanda sempre funcionaram nessa área como um exemplo de 'árdus trabalhadores' tendo um estudo demonstrado, há já alguns anos atrás, que eles ocupavam com 65% o segundo lugar logo imediatamente a seguir aos

Holandeses que na altura tinham uma percentagem de 70% de participação da população activa no mercado de trabalho (Oudhof, Jenissen e Blom, 2006: 26). Isso enquanto que a participação dos Turcos e Marroquinos, de acordo com o mesmo estudo na altura se limitava a 45 e 32% respectivamente.

Mas a crise económica dos últimos anos tem influenciado de forma significativa o mercado de trabalho na Holanda. Depois de alguns anos de aumento do grau de participação vimos assistindo, depois de 2008, a um decréscimo de participação laboral e aumento substancial de desemprego. De acordo com uma nota de imprensa do Instituto Nacional de Estatísticas a 3 de Fevereiro de 2012 o ano de 2011 foi marcado por um

<sup>18</sup> Escola para crianças com problemas específicos de domínio cognitivo ou sócio-emocional

ligeiro aumento de desemprego, estando uma média de 13,1% de imigrantes de origem não-ocidental sem trabalho algum, enquanto que em 2010 foi de 12,6%. Mas a taxa de desemprego atingiu proporções mais elevadas para os trabalhadores da faixa etária de = 25 anos. Para os jovens imigrantes dessa categoria a taxa de desemprego manteve-se quase igual a 2010, ou seja, a percentagem de 23,4%, enquanto que a percentagem de desemprego para os jovens autóctones da mesma idade era de 9%, segundo o Relatório de Integração para 2010 (Jaarrapport Integratie, 2010). Então, pode-se perguntar se esta percentagem média é também válida para os jovens cabo-verdianos de segunda geração na Holanda.

Como vimos atrás, vários inquéritos de carácter quantitativo sobre o emprego dos imigrantes têm sido levado a cabo na Holanda nos últimos anos. Mas os dados que dizem respeito aos cabo-verdianos não vêm contemplados nos mesmos estudos, segundo é admitido de forma geral, porque nossa comunidade não é numericamente expressiva e relevante para que esteja na agenda dos decisores políticos responsáveis que estabelecem, na maioria das vezes, os critérios gerais relacionados com esse tipo de investimentos. Só para dar um exemplo: o universo desses estudos é baseado, quase todas as vezes, em três ou quatro grupos étnicos mais expressivos numericamente a nível nacional, ou seja, os Surinameses, Turcos, Marroquinos e Antilhanos (este mais dado ao grau de especificidade ou precariedade da questão), enquanto que existe um número bastante maior do que 100 nacionalidades neste país. Existem no Centro de Pesquisa e Estatística em Roterdão dados sobre cabo-verdianos, mas estabelecer na base dessas informações percentagens fiáveis é uma operação de pesquisa quantitativa que extravasa de longe o tempo que temos disponível para este estudo. Por isso, limitamo-nos aqui a alguns dados fornecidos pelos nossos entrevistados e observações gerais sendo plausível levar em devida linha de conta as grandes limitações que isso implica.

Contudo, com base no nosso método de triangulação de dados (documentos, entrevistas e observações) passamos a seguir a analisar a posição das seguintes diferentes categorias de jovens de segunda geração de cabo-verdianos, ou seja: (i) os afectados pelo abandono escolar e, pois, sem formação profissional básica; (ii) o grupo que conseguiu a formação profissional básica e/ou intermédia (MBO) (iii) a categoria com um diploma de cursos superior profissionalizante (HBO) ou universitário. Mas antes disso entendemos ser necessário tecer as seguintes considerações. É indubitável que, em termos globais, a posição da segunda geração de cabo-verdianos demonstra uma grande ascensão quando comparada com a da primeira geração. Isso tem a ver, em primeiro lugar, com o nível de escolaridade da primeira geração que terá ficado patente na nossa análise anterior. Para além disso, a segunda geração rejeita categoricamente a seguir os passos dos seus progenitores no que diz respeito aos trabalhos não qualificados. Também temos uma segunda geração com grande ambição de singrar na vida e com algumas possibilidades de concretização, dado os conhecimentos e competências adquiridas nesta sociedade. Contudo, um factor de provável influência nesse processo de mobilidade social tem a ver, entre outros, com os valores vigentes no mercado de trabalho dos países ocidentais como a Holanda, e ali estamos perante uma diferença potencialmente expressiva entre as mesmas duas gerações.

Os nossos entrevistados demonstram uma certa preocupação com o grupo de jovens sem formação básica. A grande maioria desse grupo está desempregada e como esses jovens rejeitam, regra geral, o trabalho que era ou é feito pelos seus pais, estão perante uma dupla dependência, nomeadamente de pais e instituições públicas de apoio para a sua subsistência. No entanto, deve-se clarificar aqui que isso tem a ver mais com os jovens de sexo masculino, enquanto que os de sexo feminino estão numa relativa grande vantagem, seja a nível do grau de escolaridade conseguida, seja no tocante à posição no mercado de trabalho. Essa posição

desvantajosa no mercado de trabalho tem efeitos de uma certa precariedade de ordem social e material neste grupo. É do conhecimento público que vários têm sido os indicadores de comportamentos socialmente desviantes, actividades ilícitas e delinquência<sup>19</sup> em geral. Também o facto de uma grande quantidade desses jovens viverem nos bairros de concentração étnica e de depauperização social contribui para o envolvimento e a influência de sub-culturas e consumismo relativamente perversos. Outras vezes, constata-se, sobretudo nos jovens pertencentes a este grupo, um projecto de vida baseado no sonho de um sucesso mediatizado. Com isto quer-se dizer que preferem buscar o imediato ou 'sonhar' com uma ocupação considerada relevante, em que seja possível combinar o prazer com o prestígio. Alguns exemplos: a apetência à 'vida artística', a projecção simbólico-cultural e o consumo mimético (carros, festas, vestuários de moda) tornam-se instrumentos importantes de compensação ou para conquista de estatuto. No entanto, com as medidas compulsivas adoptadas, cada vez mais, pelas instâncias públicas locais quanto ao seguimento de trajectos profissionais como condição *sin qua non* de apoio de subsistência, é provável que alguma mudança venha a atingir uma parte dessa camada.

O segundo grupo aproveita, de um modo geral, mais das perspectivas no mercado de trabalho, embora continue a manifestar as suas apetências a instrumentos simbólico-culturais, imediatismo e atitudes de consumismo exacerbado atrás descritos. Em comparação com o primeiro grupo esta categoria de jovens parece estar pouco atingida pelo desemprego e ter maiores ambições duma realização profissional digna e decente como centro das suas atenções. Pode-se também inferir através de vários dados recolhidos que o perfil deste grupo tem, de um modo geral, uma cariz mais terciário do que proletário. Quanto às áreas de ocupação profissional e de acordo com os nossos respondentes, eles estão concentrados em várias áreas, tais como indústria, transporte, electrotécnica, serviços sociais, administração, saúde e comércio. Os jovens do sexo feminino encontram-se mais ligados à saúde, mediação, área social e vários outros tipos de serviço administrativo e de vendas, enquanto que os do sexo masculino se dedicam mais a actividades de carácter técnico, qualquer que seja o grau de qualificação. Um factor de grande influência em comparação como o primeiro grupo é o capital escolar acumulado por este segundo grupo. Regra geral, quanto maior o capital escolar, mais qualificada é a categoria profissional. Apesar de eventuais dificuldades por que tiveram de passar, as suas posições no mercado de trabalho lhes proporcionam um estatuto social bastante mais vantajoso e valorizado em comparação com os pais e primeiro grupo de jovens atrás referido.

Por último, a componente formada pelos jovens com formação superior profissionalizante ou universitário é a expressão inequívoca do segmento social em mobilidade ascendente. Mas esse tipo de mobilidade é já um fenómeno extensivo a vários outros grupos étnicos na Holanda e que já se encontra intitulado em vários documentos deste país como 'stappelaar'<sup>20</sup>. Para além do bom capital escolar que são detentores, esses jovens começam a dar corpo à classe média cabo-verdiana na Holanda contribuindo assim, paulatinamente, para a estratificação social, mesmo que o processo esteja ainda em fase relativamente embrionária. Muitos desses jovens, já com família constituída, escolhem preferencialmente a compra de casa própria nos bairros ou concelhos limítrofes de Roterdão. O padrão de vida adoptado está, regra geral, em estrita consonância com a matriz adoptada pela classe média do país onde vivem. Entretanto, deve-se levar em conta que o sub-grupo detentor de diploma universitário ainda é bastante reduzido e relativamente pouco visível na comunidade. Trata-se ainda de um punhado de sociólogos, economistas, juristas, médicos e outros trabalhando na área de saúde e/ou educação. O número muito maior é constituído pelos jovens com cursos superiores profissionalizantes. Esses estão muito mais visíveis na comunidade por vários motivos. Muitos

---

<sup>19</sup> O Relatório de Integração para 2010 constata que o grau de delinquência juvenil nos grupos étnicos, tais como cabo-verdianos é duas ou três vezes superior aos seus colegas autóctones.

<sup>20</sup> Literalmente significa avançar a passos gradativos.

deles têm um passado ou trajetória ligada ao associativismo e continuam ligados, directa ou indirectamente, à superestrutura local. Outros ainda trabalham na área social, de saúde, educação ou de serviços públicos gerais mantendo assim laços regulares com cabo-verdianos utentes desses serviços. Mas existem também os jovens da área informática e outros ramos tecnológicos cujas ligações com o público de origem cabo-verdiana são bastante limitados dado sobretudo à natureza das suas profissões.

## 5.4 Associativismo na Holanda

As organizações cabo-verdianas na Holanda vêm desempenhando, desde a segunda metade dos anos sessenta do século passado, um papel proeminente no quadro da preservação, promoção e desenvolvimento da própria cultura e identidade e na realização de actividades diversas na área de lazer e ocupação de tempos livres, destacando-se como espaço afectivo e de sociabilidade por excelência e como instrumento específico de expressão e exaltação das mais altas manifestações da cabo-verdianidade (conf. Graça, 2000; 2012). Mas a dinâmica do associativismo na Holanda conheceu diversas etapas com características próprias no quadro de construção, desenvolvimento e consolidação do mesmo processo.

### 5.4.1 Fases de desenvolvimento

Os anos setenta do século passado e sobretudo a fase à volta do processo da Independência Nacional, em 1975, foi caracterizado pela criação e desenvolvimento de um número bastante expressivo de organizações desportivas, culturais e recreativas inspiradas, na grande maioria das vezes, na ilha de origem como quadro simbólico de referência (Graça, 2010). A década de oitenta distinguiu-se por uma grande quantidade e heterogeneidade organizativa. Assim, surge dentro da comunidade a proliferação de pequenos grupos socioculturais e desportivos. Essa dimensão quantitativa de organizações é caracterizada por um fenómeno fascinante do ponto de vista sociológico, ou seja, a afirmação de ‘sub-identidades’, inspiradas simbolicamente nas aldeias ou bairros de origem dos associados. Nos anos 90 consuma-se o processo de institucionalização do movimento associativo tanto em termos de pluralidade ideológica, heterogeneidade e elevação de nível organizativo, bem como no tocante à representatividade a nível de estruturas locais/regionais de poder público e político. É neste período que a segunda geração entra em força no terreno, apesar do número ainda muito resumido desse tipo de organizações. Também essa década ficou marcada pela pluralidade política orientada para Cabo Verde e pelo surgimento das organizações apostadas especificamente em actividades já designadas no capítulo anterior por ‘remessas sociais’. Já a década pertencente ao início deste século apresenta, em grande medida, alguns contrastes e continuidades em comparação com o período anterior. Em suma, trata-se duma dinâmica decrescente de actividades, extinção de organizações, consolidação de um número reduzido de outras, centralismo e restrição de políticas públicas de apoio ao sector em questão.

### 5.4.2 Dimensões

Para além da característica geral das diferentes décadas parece-nos relevante apresentar um resumo do tipo de actividades levadas a efeito pelas organizações. Para isso passamos a abordar algumas dimensões que caracterizam esse associativismo. A primeira dimensão surge nos primeiros anos do aparecimento do associativismo e é aquela caracterizada por uma marca nacionalista e emancipatória. Assim, é nos fins dos anos sessenta e primeira metade da década de setenta que a Associação Cabo-verdiana<sup>21</sup> se destaca como

---

<sup>21</sup> Única organização cabo-verdiana na Holanda até 1974.

um grupo nacionalista de valorização cultural, consciencialização nacional, resgate da dignidade, afirmação da cabo-verdianidade e identificação com os ideais da Independência nacional. Várias actividades são levadas a cabo, tais como a edição do Boletim Nôs Vida, sessões de esclarecimento, formação na área cultural e política e actividades culturais e desportivas. A Independência trouxe consigo a acentuação na dimensão sociocultural e política. As várias organizações criadas na altura, como já foi realçado atrás, trouxeram um dinamismo enorme em termos de actividades desportivas e culturais. Mas o clímax desse tipo de actividades viria a ser atingido na década de oitenta. Criaram-se equipas de futebol federadas que organizavam uma competição anual, só para cabo-verdianos. Sobretudo nos períodos de Páscoa e Pentecostes organizavam torneios de futebol que acolhiam, só num fim-de-semana, acerca de 12.000 cabo-verdianos, muitas das equipas vindas doutros países da Europa, Estados Unidos e Cabo Verde. Com esse tipo de actividades e bailes populares, entre outros, as organizações transformaram Roterdão numa autêntica infra-estrutura de lazer e centro de referência 'simbólico-cultural' cabo-verdiana na Europa por excelência.

Uma outra dimensão do movimento associativo na Holanda é o que diz respeito ao processo integrativo. Isso tem a ver com o papel das organizações na melhoria da posição do cabo-verdiano nas várias áreas na sociedade do país de acolhimento. Sobretudo as organizações sociais deram, ao longo das três décadas, um valioso contributo no processo integrativo dos seus conterrâneos. Isso consubstanciou-se na realização de projectos e acções de vária índole e, ainda, num trabalho meritório em defesa de interesses e acção virada para influenciar positivamente a política local orientada para as minorias étnicas. A última dimensão que queremos aqui abordar é a dimensão transnacional, isto é, aquela assente nas 'remessas sociais'. Dois tipos de organizações actuam nesse domínio. O primeiro tipo se ocupa de projectos sociais em benefício de camadas menos favorecidas numa determinada aldeia, zona ou bairro de uma cidade, o segundo tipo de organizações se dedica a actividades de carácter nacional e orientado para intercâmbio de conhecimentos e cooperação com diversas Câmaras e outras instituições públicas.

Impressionante nesse último tipo de organizações de carácter transnacional é o facto de estar à frente a segunda geração de dirigentes que tem protagonizado uma grande dinâmica nesse sentido e em consequência disso desempenhado um papel pioneiro para a participação de jovens de origem cabo-verdiana no processo de desenvolvimento de Cabo Verde. Característica ainda marcante é a capacidade desses jovens em utilizar as suas redes sociais envolvendo holandeses, escolas, empresas e outras organizações da sociedade civil nesse mesmo tipo de projectos. Também esses projectos e cooperação, tal como ficou demonstrado num estudo relativamente recente, permitem aos jovens de segunda geração criar, alargar e consolidar redes sociais e políticas em Cabo Verde (Graça, 2009; 2012). Essas redes demonstraram ter grandes vantagens para os jovens engajados nos mesmos. Quanto maior for a densidade e qualidade de redes em Cabo Verde, maior é o impacto constatado no que diz respeito à capacidade interventiva e influência desses jovens nos círculos políticos e da sociedade civil na Holanda. Assim, esse tipo de projectos transnacionais virados para Cabo Verde contribuem não só para uma dupla identificação desses jovens como também reforçam a participação e integração desses jovens nos dois países que estão envolvidos. Ou seja, esse tipo de participação de jovens no desenvolvimento de Cabo Verde tem um efeito positivo na sua integração na Holanda e vice-versa.

Um outro fenómeno ainda em fase embrionária na Holanda é o engajamento de jovens de segunda geração de cabo-verdianos como futuros empresários em Cabo Verde. Trata-se, regra geral, de projectos para criação de pequenas empresas. Contudo, é também do conhecimento geral que o capital financeiro dessa categoria social de descendentes cabo-verdianos é ainda um factor limitativo a ser levado em devida linha de conta. No entanto, não deixa de ser relativamente impressionante o nível bastante animador de jovens que já se

aderiram a visitas de estudo empresariais a Cabo Verde nos últimos dois anos. Alguns até já começaram com as suas empresas aproveitando os fundos Holandeses disponíveis para essa finalidade.

### 5.4.3 Desafios

Para finalizar este parágrafo deixamos aqui, de forma mais sucinta possível, algumas considerações. Em primeiro lugar, queremos enfatizar que a comunidade cabo-verdiana na Holanda continua a usufruir dum potencial organizativo com alguma expressão, como vimos atrás. Mas os dados recentemente recolhidos bem como as nossas observações e análises regulares no terreno autorizam-nos a sustentar que o xadrez organizativo de hoje é bem diferente daquilo que era conhecido há uns anos atrás. Ou seja, a grande maioria de cabo-verdianos vê com certa preocupação vários sinais de alguma decadência do movimento associativo de cabo-verdianos neste país: se em 2006 podíamos contar com um número aproximadamente de 79 organizações (conf. Graça, 2010), hoje, registamos com preocupação que mais de metade dessas organizações já foram extintas ou subsistem apenas no papel; a dinâmica dos grupos culturais, recreativos e desportivos parece estar, na sua maioria, em queda livre; a única organização financiada pelo Município de Roterdão para desenvolver actividades de apoio à comunidade, a Fundação Avanço, fechou recentemente as suas portas; salvo algumas excepções, não houve renovação dessas organizações por motivos de vária ordem; muitas organizações de jovens de segunda geração não conseguiram impor-se nem tão pouco sobreviver; as lideranças actuais, para além de desgastadas e ultrapassadas, são portadoras de um elevado défice de conhecimento e competências quanto à elaboração e gestão de projectos, falta de visão quanto às possíveis estratégias futuras e ausência de redes de influência para se poder penetrar nos círculos de poder e mobilizar recursos necessários; em último lugar, mas não menos importante, a comunidade está perante um sufoco financeiro de acordo com as medidas de austeridade económica adoptadas pelas autoridades locais quanto às actividades sociais, culturais e outras afins.

## 5.5 Relações com Cabo Verde

Tal como atrás descrito, o associativismo pode ser considerado uma das pedras basilares da comunidade cabo-verdiana na Holanda. Isso foi possível porque o contexto social e político o propiciou. Estamos aqui referindo sobretudo o modelo político de multiculturalismo implantado nesse país, cujas medidas, recursos e políticas públicas foram factores estruturantes no processo de criação, desenvolvimento e consolidação de vários grupos étnicos. Mas o associativismo só foi possível porque havia ainda, a nível interno e para além das lideranças e associados, um elemento-chave de crucial importância. Trata-se da nossa língua materna, o Crioulo, que desempenhou o papel unificador e catalisador em todos os momentos e em todas as dimensões, sejam eles actos formais ou espaços informais. Aliás, foi e continua a ser aquilo que alguém classificou algures como a ‘alma da cabo-verdianidade’. O Crioulo também serviu na Holanda, e bem, como símbolo de identificação e demarcação de ‘fronteiras’ entre ‘nós’ e ‘eles’, de acordo com a asserção teórica sobre etnicidade defendida por Frederik Barth (1974). Graças ao papel e dinamismo do Crioulo na Holanda temos hoje uma segunda geração que, na sua esmagadora maioria e de forma relativamente fluente<sup>22</sup>, aplica como ferramenta-chave na sua identificação e relacionamento com Cabo Verde e com outras comunidades Diaspóricas. Uma outra componente basilar foi o facto de ter surgido e desenvolvido ao longo dos anos em Roterdão uma impressionante dinâmica musical que tem desempenhado, entre outros, o papel de inspirador e mediador entre esta segunda geração e a sua terra ancestral, Cabo Verde. Que tipo de relação existe, então, entre esses jovens de segunda geração na Holanda e Cabo Verde? Para responder à

---

<sup>22</sup> Isso está em grande contraste com Dakar, Ensenada, Santo André, Paris ou até Lisboa (só para dar alguns exemplos) onde os jovens descendentes de Cabo-verdianos dominam pouco ou (quase) nada o Crioulo.

pergunta, passamos a descrever as características principais de algumas categorias dentro da faixa etária de segunda geração na Holanda no que concerne à questão atrás sublinhada.

### 5.5.1 Categorias de relações

A primeira categoria de segunda geração de cabo-verdianos na Holanda identifica-se e relaciona-se com Cabo Verde da seguinte forma. Trata-se, na sua esmagadora maioria, de jovens que vêem Cabo Verde mais como um país ideal para passar férias. Uma frase que espelha esse tipo de raciocínio e sentimento é a seguinte proferida por um jovem durante uma das nossas entrevistas: “Para mim Cabo Verde é um grande paraíso porque lá encontramos o sol, mar e praias maravilhosas”. Mas ele teve o cuidado de acrescentar, logo imediatamente, que lá é um paraíso mas apenas para passar férias e não para ir lá viver. Dito em outras palavras: Cabo Verde ocupa uma parte importante da identidade desses jovens, mas onde eles ‘se sentem verdadeiramente em casa’ é na Holanda e é nesse país que preferem trabalhar e viver. Como é natural, esses jovens aproveitam as suas férias para o estabelecimento de contactos com os seus familiares. Contudo, é interessante verificar que, ao contrário da primeira geração, eles não se limitam a visitar a ilha natal dos seus pais preferindo, muitas vezes, deslocar-se a outras ilhas para encontros com amigos vindos também de Holanda ou para conhecimento de carácter geral. A maioria deles vai uma vez em cada dois anos a Cabo Verde. Uma quantidade menor vai com mais frequência. Mesmo quando não forem de férias continua existindo algum tipo de contacto (irregular) com os familiares ali residentes. Um elemento de grande atracção para esta categoria de jovens é de natureza musical. Sobretudo os festivais e o carnaval ocupam um lugar cimeiro para muitos deles. Analisando esses dados podemos reparar que alguns factores influenciam directamente este tipo de práticas transnacionais levadas a efeito por esta categoria de jovens, tais como o habitus dos pais que os levavam na fase de infância a Cabo Verde e a característica da comunidade étnica e meio multicultural onde vivem.

Bastante diferente da situação atrás descrita é o posicionamento duma outra categoria (muito menor em termos quantitativos) que está mais interessada em Cabo Verde por motivos de negócios ou porque acredita que pode dar um contributo pessoal para o desenvolvimento de Cabo Verde. Estamos aqui perante um processo relativamente embrionário de um grupo em relativa ascensão e que poderá, a seu tempo, transformar-se numa potencialidade de algum valor, sabendo que o envio de remessas financeiras é cada vez mais visto como um paradigma ultrapassado. Trata-se, muitas vezes, de jovens portadores de um capital humano e/ou financeiro relativamente expressivo. Mas, tal como uma dirigente da Academia de Negócios em Roterdão nos explicou, muitos desses jovens querem pôr os seus conhecimentos e experiências adquiridos (nas empresas) ao serviço de Cabo Verde, mas querem fazer isso (parcialmente) a partir de Roterdão, porque desejam continuar vivendo na Holanda. Portanto, parece haver uma suposta limitação de riscos e preocupação desses jovens com as suas garantias futuras. Outras vezes, são profissionais que trabalham por algumas empresas com alguma vocação para um eventual investimento em Cabo Verde. Nesta ordem de ideias, esses jovens podem desempenhar um importante papel de ‘ponte’ no mercado entre Holanda e Cabo Verde. Há outros ainda que, sabendo da existência de fundos na Holanda que incentivam o investimento em países como Cabo Verde, aderem às visitas a Cabo Verde ligadas aos planos de negócios. Alguns dos nossos entrevistados afirmaram-nos que têm planos (embrionários) ou desejos para algum dia começar com algo por conta própria em Cabo Verde e quase todos eles dizem conhecer mais pessoas na Holanda que têm as mesmas ideias.

O denominador comum da última categoria de jovens tratados aqui, é a vontade deles em ser útil a Cabo Verde com os seus conhecimentos e experiências como quadros (superiores) a vários níveis e em diversas

áreas. Exemplificativo a este respeito é a duma jovem entrevistada. Ela está no terceiro ano de mestrado na Universidade de Erasmus, Roterdão, e pode ser considerada como uma pessoa bem integrada na sociedade Holandesa. Ao mesmo tempo, ela mantém um laço muito forte com Cabo Verde e o que mais deseja, segundo nos confirmou, é ir trabalhar e viver em Cabo Verde. Ilustrativo também é um grupo de jovens unidos à volta da organização 'Intercâmbios Internacional'. O grupo começou a ter maior dinamismo e visibilidade depois da participação de alguns dirigentes dessa organização no Congresso de Quadros de 2006, na cidade da Praia. A organização já materializou uma série de projectos. Exemplos disso são projectos ligados à promoção de intercâmbio e estágio para jovens estudantes de segunda geração em Cabo Verde, a construção de 10 moradias sociais na aldeia piscatória da Preguiça, São Nicolau, o envio regular de computadores e outros materiais para escolas e hospitais nas diversas ilhas e concelhos, o apoio aos contactos exploratórios de cooperação durante a visita do Presidente da Câmara de Ribeira Brava e outros projectos sociais em estreita cooperação com a Câmara do Sal. Todavia, esses jovens deparam com alguns problemas comuns. Durante algumas entrevistas ficamos a saber que alguns sentem-se subvalorizados em Cabo Verde pelo facto de terem problemas com a comunicação em Português. Demonstraram também dificuldades em compreender o tipo de relação muito hierarquizada em Cabo Verde e caracterizado pelo uso sistemático de títulos académicos sobretudo quando dirigidos a colegas e em momentos informais, segundo a versão deles. Também, existe nesses jovens uma certa tendência de sobrevalorização das suas próprias capacidades na medida em que esses quadros da Holanda parecem não levar em devida conta o actual grau de desenvolvimento de Cabo Verde e o número de quadros já existentes ali.

## 6. Segunda geração de cabo-verdianos na Itália

### 6.1 Itália como país de imigração

A Itália é um país que tem um forte legado de emigração e que, sobretudo tendo em conta o seu passado colonial e posição geográfica, vem desempenhando um papel de grande importância também como país de imigração (Zincone: 2001). Como país membro da União Europeia e que já conta no seu seio com vários milhões de imigrantes de todos os continentes, é no mínimo expectável que tenha desenvolvido vários instrumentos com o fito de proporcionar às várias comunidades de origem estrangeira uma integração harmoniosa como país de acolhimento. Assim, para que haja o mínimo de enquadramento de questões que nos dizem respeito neste estudo revisitamos, de forma muito breve, alguns elementos-chave dentro do processo integrativo nesse país. Trata-se de um resumo dos seguintes temas: o ensino, a aquisição da nacionalidade e breves passagens ligadas ao agrupamento familiar e inserção no mercado de trabalho.

#### *Ensino*

De acordo com os nossos dados recolhidos a escola na Itália é pública, gratuita e de qualidade<sup>23</sup>. Existem também escolas privadas, mas essas são limitadas para um número reduzido de interessados. Qualquer cidadão imigrante pode estudar em qualquer escola pública italiana, assim como qualquer cidadão italiano. A escolaridade obrigatória na Itália é de 9 anos, isto é, dos 6 aos 15 anos (primeiro ciclo), e prevê 5 anos de escola primária, 3 anos de escola média inferior, 1 ano de escola média superior. No fim deste ciclo de estudos é feito um exame para obter o diploma de escola primária e média. A escola secundária (segundo ciclo) pode durar entre 3 a 5 anos e abarca o período entre os 14 e 19 anos. Ali o aluno pode optar, de acordo com as suas capacidades, vocação e preferência, por duas vias: ensino a nível universitário (4 ou 5 anos e para diferentes sectores); ensino profissional (3 a 5 anos). Ao fim de cinco anos de estudo é feito um exame e obtêm-se o diploma que permite o acesso a qualquer universidade ou ensino superior profissionalizante<sup>24</sup>. Um outro factor que muito diz respeito aos jovens de segunda geração é o insucesso escolar na Itália. Esse problema é de natureza vária nesse país e envolve mais de três quartos de estudantes estrangeiros e isso é particularmente preocupante para um país que já em si tem uma média alta (18,2%) comparada com outros países da União Europeia<sup>25</sup>. Também, existe uma diferença significativa entre aqueles que não são admitidos nos exames finais do ensino secundário: para os italianos é de um estudante em cada 50, para os estrangeiros é um estudante em cada 10. Esses são dados concernentes ao ano lectivo de 2005-2006 (IDOS, 2012:73-74).

#### *Aquisição da nacionalidade*

De acordo com vários estudos, os imigrantes enfrentam condições bastante desfavoráveis na Itália no que diz respeito à aquisição da nacionalidade (e.g. Niessen et al.: 2007; Bonifazi, Stroza & Vitiello: 2012) A legislação de 1992 prevê que os migrantes da primeira geração nesse país podem requerer a nacionalidade italiana após 10 anos de residência ininterrupta. Quanto aos descendentes de imigrantes nascidos na Itália e como condição indispensável eles têm de ter vivido ininterruptamente no país durante 18 anos para poderem adquirir a nacionalidade italiana. Contudo, os cônjuges de cidadãos de origem italiana são elegíveis

<sup>23</sup> <http://eduitalia.wordpress.com/sintese/>

<sup>24</sup> Trata-se aqui de ensino de nível técnico, direccionado para os diferentes sectores da economia primária, secundária e terciária e para formação de professores da escola elementar.

<sup>25</sup> Num comunicado de imprensa da Comissão Europeia sobre o insucesso escolar - 7 de Junho de 2012.

após apenas 6 meses de residência ou 3 anos de casamento sem residência. Existe ainda a possibilidade de crianças de determinadas nacionalidades poderem usufruir de dupla nacionalidade (Niessen et al., 2007:102). Na verdade, não possuir a nacionalidade italiana é uma discriminação básica que pode ser radicalmente superado pela obtenção de cidadania, mas não completamente, no que diz respeito à igualdade de direitos em diferentes áreas, sendo o mais importante o direito de voto nas eleições locais (IDOS, 2012:72) A nível burocrático e com uma relação directa ao aspecto jurídico, existe uma série de obstáculos: a complexidade dos procedimentos que devem ser seguidos para se conseguir uma autorização de residência e para assuntos relacionados com questões de nacionalidade, as barreiras linguísticas e culturais, a escassa disponibilidade de funcionários e as competências relativamente fracas de mediadores, são problemas de carácter frequente (IDOS, 2012:73)

### ***Reunificação familiar e trabalho***

Após, pelo menos, 1 ano de permanência legal na Itália, os migrantes são elegíveis para solicitar o reagrupamento de alguns membros da família. Porém, não são autorizados a requerer o reagrupamento de um parceiro registado, de filhos casados ou de filhos adultos, a menos que estes últimos tenham graves problemas de saúde. As condições exigidas para o reagrupamento familiar são extensas mas a nível financeiro relativamente suportáveis, envolvendo a comprovação de rendimentos e alojamento suficientes. Reunidas todas as condições, o pedido dos imigrantes só pode ser recusado se as autoridades concluírem que foi cometido fraude ao tentarem requerer o reagrupamento familiar ou se os mesmos representarem uma ameaça considerável em termos políticos e de segurança (Niessen et al., 2007:100). Em termos de elegibilidade para o acesso ao mercado de trabalho a Itália ocupa um lugar cimeiro a nível dos países da União Europeia (Niessen et al., 2007: 100). Os migrantes de países terceiros dispõem formalmente das mesmas oportunidades de acesso ao emprego e ao auto-emprego concedidas aos cidadãos dos Estados-Membros da UE. Também usufruem de acesso igualitário à formação profissional e bolsas de estudo. No entanto, as competências e qualificações dos imigrantes não são reconhecidos da mesma forma como o são para os cidadãos dos países da União Europeia.

## **6.2 Como nasceu a comunidade na Itália?**

De acordo com o sociólogo cabo-verdiano César Monteiro, foi em 1957 que um número bastante reduzido de raparigas cabo-verdianas foi recrutado pela tripulação da companhia aérea Alitalia para prestação de trabalho doméstico em casa de pilotos e amigos pertencentes às suas redes na zona de Latina, província de Roma (1997: 339-340). Mas o fluxo migratório mais expressivo para esse país surgiria a partir de 1963 quando por intermediação de dois padres capuchinhos em São Nicolau algumas raparigas da mesma ilha foram recrutadas para trabalharem como empregadas domésticas em casa de famílias pertencentes à classe média italiana. Depois deste primeiro contingente, outros grupos de São Nicolau vieram dar corpo a essa cadeia migratória que se foi alargando e ganhando estrutura própria, com raparigas das ilhas de São Vicente, Santo Antão e Boavista. O primeiro grupo que emigrou para Itália tinha somente como capital escolar a quarta classe do ensino primário.

Entretanto, com a dinâmica do crescimento desse fluxo migratório uma outra camada de raparigas semi ou iletradas viria a seguir a mesma rota migratória. Uma certa quantidade dessas raparigas já era mãe tendo os seus filhos ficado em Cabo Verde ao cuidado dos avós. Também, quanto ao grau de escolaridade do contingente migratório para esse país é justo ainda realçar que, de um modo geral, já a partir dos anos setenta, encontramos um número significativo de raparigas que emigrou com um nível maior de formação

escolar<sup>26</sup>. Para acrescentar mais alguns dados descritivos sobre essa comunidade torna-se de capital importância realçar as duas seguintes questões. Primeiro para sublinhar que uma das fundamentais especificidades desse fluxo migratório cabo-verdiano para Itália tem a ver com o facto de ser baseado numa componente quase exclusivamente feminina, como é do conhecimento geral. Segundo para clarificar que fala-se em duas modalidades dominantes nesse processo migratório: a primeira modalidade situa-se até os fins dos anos 70 e diz respeito a um certo número de raparigas que regressou logo depois a Cabo Verde; a segunda modalidade tem a ver com a consequente estabilização do processo migratório tendo uma parte significativa dessas raparigas preferido, sobretudo a partir da segunda metade dos anos setenta, emigrar para outros países da Europa<sup>27</sup> (conf. Monteiro, 1997: 343).

### 6.3 Alguns dados numéricos

Ao longo das últimas décadas, o processo migratório cabo-verdiano para Itália deu lugar à constituição, alargamento e consolidação de uma comunidade em termos quantitativos relativamente expressivos. Como uma grande quantidade de cabo-verdianas que emigraram para esse país eram mães solteiras, foi só na década de noventa do século passado, com base no decreto-lei 39/40 (conhecido como Lei Marteli)<sup>28</sup> que elas foram capazes de reconstruir as suas famílias, sendo uma grande quantidade delas de carácter monoparental. Com a reunificação familiar e filhos de casamentos mistos, que ao longo do tempo foram surgindo, constituiu-se aquilo que, para simplificação, se pode denominar de ‘segunda geração’ de cabo-verdianos na Itália. Mas antes de falarmos da categoria de segunda geração vamos aos elementos numéricos referentes aos cabo-verdianos em geral fixados nesse país. As estimativas actuais dos cabo-verdianos na Itália apontam para um número de aproximadamente 10.000 pessoas e isso pelos motivos seguintes. Os Serviços Consulares da Embaixada em Roma dão-nos, em Setembro de 2012, um número total de 10.631 cabo-verdianos registados nessa Missão. Em contrapartida, os dados estatísticos oficiais de 31 de Dezembro de 2011 falam-nos de 5.223 cabo-verdianos, como se pode ver no quadro em baixo apresentado. Como que explica essa discrepância numérica bastante significativa?

**Quadro 6.1** - Número total de cabo-verdianos com autorização de residência na Itália a 31-12-2011 e referente aos últimos 10 anos.

Quantidade anual de cabo-verdianos com autorização de residência									
2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
3.811	3.805	3.865	3.749	3.545	3.650	4.790	5.169	4.823	5.233

Fonte: Caritas Migrantes, Dossier Estatístico sobre Imigrantes.  
Baseado em dados do ISTAT e do Ministério do Interior.

Essa disparidade numérica tem a ver, em primeiro lugar, com a distinção de carácter jurídico-legal que é aplicada pelas autoridades Italianas. Ou seja, só constam nas estatísticas desse país os cabo-verdianos detentores de autorização de residência e, como normalmente se aplica às questões desta natureza, as pessoas em situação de semi-legalidade ou ilegalidade não fazem parte desses dados. Em segundo lugar, ao contrário do que se passa na Holanda, por exemplo, não se faz na Itália o registo dos cidadãos de origem

<sup>26</sup> Texto de Antonita Firmino em publicação de fonte não identificável.

<sup>27</sup> O caso da Holanda é exemplificativo nesse sentido.

<sup>28</sup> Texto de Maria José Évora em publicação de fonte não identificável.

estrangeira com base na etnicidade. Portanto, também são excluídas nas estatísticas os cabo-verdianos de origem que tenham adquirido posteriormente a nacionalidade Italiana. Sendo assim e levando em conta que a quantia de casais mistos, segundo os dados Consulares da Embaixada era uma média anual de 25 casamentos pode-se, então, pressupor que ali reside a explicação, admitindo assim a plausibilidade da estimativa atrás apresentada. Os dados desagregados permitem-nos fazer a seguinte leitura: cerca de 72% da quantidade acima referida de cabo-verdianos pertence ao sexo feminino, enquanto o restante pertence ao sexo masculino. Mais de metade dos cabo-verdianos encontra-se estabelecida nas regiões centrais sendo a maior concentração na província de Roma. Outras províncias onde os nossos conterrâneos se encontram vivendo são por ordem numérica decrescente as seguintes: Nápoles, Palermo, Florença, Génova, Bari, Turim e Pescara.

## 6.4 Breves traços integrativos

A opinião geral prevalecente é que os cabo-verdianos na Itália se encontram integrados de forma relativamente satisfatória dentro da sociedade acolhedora (conf. Firmino, 2008). Quanto às nossas conterrâneas podemos sublinhar que o trabalho doméstico é a ocupação profissional predominante para a esmagadora maioria delas, enquanto que a maioria dos elementos do sexo masculino se dedicam à profissão de porteiros ou categorias similares que exigem (muito) pouca qualificação para o seu desempenho. Mas tem surgido alguma diversidade no que diz à inserção no mercado de trabalho com destaque para as seguintes actividades que exigem um pouco mais de conhecimento e qualificação profissional: empregados de restaurantes, hotéis, diferentes tipos de comércios, bares, bombas de gasolina e campos de ténis. Para além do trabalho como porteiros, os homens trabalham também como guardas de vilas, motoristas e nas fábricas. Também há mulheres desempenhando funções na área de saúde, tais como, assistentes de enfermagem, assistência a doentes e idosos. Verifica-se também o aparecimento de um número ainda muito limitado de pessoas com pequenas empresas próprias. Digno de menção é a aposta de uma quantidade significativa de mulheres cabo-verdianas na área de educação conscientes que só assim será atingido uma melhor integração nesse país. Um bom exemplo dos resultados desse esforço, embora em termos reduzidos, é o número cada vez mais crescente de mulheres com qualificações académicas e especializadas que se conseguem distinguir no escalão de mobilidade social ascendente exercendo profissões liberais, tais como, psicólogas, jornalistas, intérpretes, tradutoras, animadoras culturais, etc. Um outro elemento importante no quadro de integração no mercado de emprego é avançado pelo Instituto Nacional de Seguros contra Acidentes de Trabalho (INAIL)<sup>29</sup>. Segundo dados dessa instituição, mais de três quartos da população cabo-verdiana encontrava-se a 31 de Dezembro de 2011 empregada. Suponha-se que o restante um quarto de 'inactivos' referido pelo mesmo instituto tem a ver com a população inactiva (crianças, jovens e velhos). Apesar dessa diversidade, grau de ascensão e elevada percentagem da população activa empregada, há ainda um longo caminho a ser percorrido, de acordo com a opinião duma psicóloga entrevistada. A comunidade depara-se ainda com uma certa invisibilidade social, relativo auto-fechamento e falta de participação cívica, segundo a mesma profissional. Também para que se possa alcançar uma verdadeira integração são ainda necessárias intervenções políticas sérias para o apoio e acompanhamento da inclusão social de cabo-verdianos, sobretudo no tocante à camada feminina mais desfavorecida, acrescenta uma socióloga cabo-verdiana.

<sup>29</sup> Fonte: Caritas Migrantes. Dossier de Imigração e Estatística, Julho 2012.

## 6.5 Resultados empíricos

Para além da leitura e análise de vários estudos que vimos fazendo, desde há algum tempo e como atrás se pode comprovar, tivemos três dias de intenso trabalho no terreno fazendo entrevistas, utilizamos questionários para abordar um número significativo de pessoas através da net e, na medida do possível, foram feitas observações diversas sobre os questionamentos que este estudo pretende responder. Por isso, vamos em seguida apresentar alguns resultados desse trabalho de campo sobre a segunda geração de cabo-verdianos na Itália e que está dividido em quatro sub-parágrafos, respectivamente ensino e formação, ocupação profissional, associativismo e relações com Cabo Verde.

### 6.5.1 Ensino e formação

A maioria dos nossos entrevistados é de opinião que existe um nível de abandono escolar precoce, sobretudo a partir do ciclo preparatório, que já é motivo de preocupação, pois, as notas são (muito) baixas durante o trajecto e a maior parte dos filhos de cabo-verdianos sai dos Liceus com apenas o segundo ano. Analisando as respostas dos nossos entrevistados apuramos dois tipos de factores que, segundo os mesmos respondentes, influenciam negativamente as prestações escolares dos jovens levando ao abandono escolar precoce. O primeiro factor tem a ver com o poder de influência dos colegas, em particular, e meio social em geral. Exemplificativo aqui foi o testemunho de um jovem de 17 anos que conhece detalhadamente os meandros dessa questão. Segundo este entrevistado muitos dos jovens cabo-verdianos sofrem grande influência de colegas italianos (de origem das camadas mais desfavorecidas, pois moram em bairros pobres) e tentam tomá-los como referência, imitando-os. Faltam às aulas de forma regular, não estudam, envolvem-se por vezes no uso de estupefacientes e, a certa altura, assumem um tipo de comportamento socialmente desviantes. Apesar de não se poder fazer uma estimativa do possível número desse tipo de jovens, o certo é que a maioria dos nossos entrevistados tem a mesma opinião sobre o poder de influência do consumo mimético referente à assimilação descendente e comportamentos desviantes nesses jovens.

Um outro padrão que apuramos ao longo das nossas entrevistas é que a falta do acompanhamento dos pais no processo escolar dos filhos é um factor decisivo quanto aos resultados escolares obtidos pelos filhos. A maioria esmagadora dos entrevistados sustenta que muitos pais trabalham o dia inteiro, às vezes das primeiras horas da manhã até à noite, para que possam conseguir a sua sobrevivência e não podem assim disponibilizar o mínimo de tempo para uma intervenção mais de perto junto dos seus filhos. Todavia, acrescentam vários outros, não se pode negar que existe também um certo laxismo e pouco sentido de responsabilidade de muitos pais que de forma estrutural está presente na nossa sociedade cabo-verdiana e que funciona como um certo tipo 'efeito cultural' contribuindo assim negativamente no aproveitamento escolar dos filhos. Uma outra questão constatada pelos entrevistados é a atitude mimética dos pais em dois sentidos. Em primeiro lugar, segundo o relato dum quadro bastante experiente vivendo na Florença, muitos pais imbuídos duma certa 'inveja' do percurso do filho de um outro conhecido cabo-verdiano, encaminham os seus filhos erradamente para trajectos de formação que eles mesmos (filhos) não querem e/ou que não têm vocação para tal, acabando os jovens por desistirem precocemente da escola. Um segundo tipo de postura desse género diz respeito aos padrões da sociedade consumista italiana. Muitos pensam que para demonstrar que é bom pai ou mãe que ama o seu filho(a) é preciso oferecer-lhes objectos de moda e luxo. Adoptam isso, muitas vezes, como mecanismo exagerado de recompensa dos filhos, mas esquecem que no dia em que não estiverem na possibilidade de tal perderão a autoridade sobre os filhos, avisam alguns respondentes. Outros adoptam um elevado grau de permissividade quanto ao estilo de educação porque,

defendem eles, estão vivendo numa sociedade evoluída e assim é que os italianos fazem, explicam os nossos entrevistados.

Portanto, o desempenho escolar duma parte bastante significativa de jovens é fraco e/ou muito fraco estando assim o futuro bastante comprometido. Dado o fraco desempenho de muitos jovens poderiam seguir cursos profissionais de base mas não o fazem, explica-nos um treinador de futebol que orienta acerca de 120 jovens de origem cabo-verdiana. Somente 3 ou 4 desses jovens é que ficaram aprovados dando seguimento aos estudos. Isso porque puderam contar com a ajuda dos pais, mas a grande maioria não, confirma o treinador. Outros entrevistados afirmam que ao deixarem a escola precocemente seguem simplesmente a vida de 'passá sabe' na paródia e divertimento. Ou seja, dado ao abandono escolar precoce, não procuram alternativas profissionalizantes para que depois possam adquirir um emprego. 'Daí a necessidade de uma reflexão sobre este tema porque podemos estar às portas de um potencial conflito geracional', enfatiza uma socióloga cabo-verdiana.

Tal como atrás exposto, o sistema de ensino na Itália, como em qualquer país Europeu, proporciona várias possibilidades de formações profissionalizantes a nível (inter)médio, superior e académico aos jovens na sociedade. Todos os nossos entrevistados foram confrontados com perguntas sobre o desempenho dos jovens a outros diferentes níveis de ensino. Entretanto, segundo a maioria dos respondentes o grupo que consegue atingir o nível superior é bastante reduzido. A estimativa geral é que o número de jovens que consegue atingir o nível superior dever estar entre os 7 a 10%. Alguns factores de constrangimento por eles avançados nesse nível são os seguintes: muitos jovens demonstram ter a inteligência suficiente para tal nível, mas têm uma atitude imediatista, querem ganhar dinheiro o mais depressa possível e acham que não vale a pena sacrificar assim tanto tempo. Dois respondentes ilustraram esse tipo de raciocínio atrás realçado falando de jovens que conhecem e que fizeram outras opções porque disseram não acreditar que investimento num curso superior lhes poderia compensar o sacrifício e lhes dar garantias para um trabalho compatível e digno. Quanto aos desempenhos de jovens nos níveis (inter)médios e superiores profissionalizantes os dados fornecidos pelos nossos entrevistados não nos permitiram descortinar uma provável estimativa em termos de percentagens de jovens que se encontra estudando a esse nível ou que já são detentores desse tipo de diplomas.

### 6.5.2 Ocupação profissional

A ocupação profissional é, como se sabe, decorrente do capital escolar e outras competências e experiências adquiridas durante um determinado percurso. Por isso, os resultados obtidos nesta área não diferem muito dos indicadores fornecidos no parágrafo anterior. Assim, uma das constatações mais importantes que surgiu ao longo das entrevistas e com base noutros dados reunidos é que existe uma categoria de jovens seriamente afectado por uma postura imediatista face ao mundo laboral. Como nos disse um jovem empresário, a maioria de jovens não quer investir tempo num curso que dura muito tempo e não aproveita as oportunidades que a sociedade lhe oferece. Eles

querem ganhar dinheiro, custe o que custar, acrescenta uma jovem quadro e dirigente associativa. O paradoxal é que dizem querer trabalhar para terem autonomia própria em relação aos pais, mas o que se passa na realidade é que a maioria deles vive em situação de precariedade laboral e dependente dos pais, pois vivem com eles e muitas vezes estão desempregados. Por isso, trata-se de um problema de mentalidade perante o trabalho e a forma de se singrar na vida. Eles pensam diferentemente do cidadão comum, isto é, querem enriquecer da noite para o dia e não pensam que é necessário um determinado percurso e sacrifício, explica um outro empresário.

Jovens pertencentes à categoria atrás mencionada que fazem alguma coisa estão engajados, muitas vezes, num trabalho sem qualquer qualificação, são mal pagos, de carácter temporário, e sem garantia alguma de perspectivas para o futuro. Uma outra entrevistada, intérprete de profissão, vai um pouco mais longe no que diz respeito a muitas raparigas e afirma que, regra geral, está-se perante uma tendência do fenómeno denominado (em termos biológicos) por ‘replicação’ da posição dos pais no mercado de trabalho. Isso porque, segundo ela, existe maternidade precoce, muitos dessas jovens vivem em zonas pobres e degradadas e muitas delas dedicam-se praticamente aos mesmos trabalhos domésticos que fazem ou antes faziam as suas próprias mães. ‘Mas existe também muito comodismo da nossa parte como cabo-verdianos’, complementa a nossa entrevistada, ‘poderíamos investir mais nas nossas próprias pessoas porque a sociedade assim o exige, mas a tendência é aplicar a lei do mais fácil’.

As profissões exercidas pela categoria de jovens do sexo masculino atrás mencionados são, por exemplo: vendedores, empregados de balcão em diversas áreas e tipos de comércio, cabeleireiros, trabalhadores de baixo escalão (limpeza e coisas do género) nos hospitais e empresas, porteiros e operários nalgumas empresas industriais. Muitas jovens do sexo feminino fazem trabalhos domésticos, como atrás descrito, babysitter, empregadas de balcão nas lojas, etc. Uma outra pequena categoria com melhor formação e qualificação profissional trabalha nos escritórios como funcionárias administrativas, secretárias e/ou outras profissões equivalentes. Algo relativamente flagrante, mas não surpreendente, são os dados avançados por alguns dos entrevistados segundo os quais alguns jovens licenciados vêem-se com imensas dificuldades em encontrar um trabalho relativamente compatível com o seu nível de formação. Muitas vezes acabam-se por aceitar um trabalho administrativo nos escritórios de advogados ou outras profissões liberais, por exemplo. Um outro exemplo marcante é o de um jovem em Florença que terminou a sua licenciatura na área de biologia. Cansado de procurar trabalho e pensando estar sem perspectivas, ao menos a curto prazo, optou pelo empreendedorismo abrindo uma loja de produtos alimentares biológicos. Em suma, alguns entrevistados com experiência no terreno fazem a estimativa das seguintes categorias de ocupação profissional e respectivas percentagens: acerca de 10 % de jovens não tem ocupação regular ou está no desemprego; 50% exerce profissões onde é exigido uma baixa qualificação; cerca de 20% deve estar ocupando funções que podem ser equiparadas a nível intermédio profissionalizante; 10% a nível médio e o restante (5 a 10%) pode estar exercendo funções de nível superior. Mas as estimativas da minoria dos nossos entrevistados aponta para uma percentagem menor para os níveis médios e superiores.

Um outro indicador que veio à baila durante as nossas entrevistas tem a ver com o fenómeno da meritocracia em Itália. Uma grande parte dos nossos entrevistados entende que a meritocracia nesse país parece estar longe de funcionar, ao menos para os imigrantes e seus descendentes. Instados a avançar com casos concretos, muitos deles apresentaram exemplos de várias pessoas concorrendo para determinados cargos e que foram excluídas não com base no seu conhecimento e competências adquiridos, mas por motivos obscuros ou ambíguos. Mas houve casos ainda avançados pelos nossos entrevistados onde a ausência da nacionalidade Italiana surge como é uma grande barreira para muitos nesse sentido. Um outro elemento que tem a ver com essa mesma questão é que não é permitido a cidadãos estrangeiros, segundo os nossos entrevistados, exercerem determinadas funções na Itália. Isso está em perfeita sintonia com algumas conclusões do Centro de Estudos Caritas Migrantes (IDOS, 2012), já aliás avançadas no parágrafo anterior. Por isso, ‘nós os imigrantes temos que ser super competentes para possamos ser aceites numa determinada função de relativo destaque’, explica uma jornalista cabo-verdiana. Também, acrescentam os nossos entrevistados, existem focos de discriminação, sejam elas de forma manifesta ou latente.

### 6.5.3 Associativismo

Os dados recolhidos são bastante claros quanto ao papel crucial do associativismo na Itália e a dinâmica marcante imprimida pelas mesmas associações, entre as quais se destaca a OMCVI, como mais antiga e criada em 1978. As suas áreas mais relevantes de acção foram, durante décadas, a integração dos cabo-verdianos na sociedade acolhedora, a preservação e divulgação da cultura de origem, a promoção e consolidação dos laços com a Mãe Terra e a recreação e desporto. No âmbito mais operacional é de se destacar, também, a inequívoca mais-valia das organizações como pilares principais da sociabilidade e cabo-verdianidade, contributo para o desenvolvimento e consolidação da identidade étnica, sobretudo a nível das crianças e jovens nascidos e criados nesse país, formação, consciencialização e defesa de interesses das mulheres cabo-verdianas, muitas delas confrontadas com situações de precariedade no quadro jurídico-laboral, o desenvolvimento e materialização de projectos de vária índole virados para o intercâmbio nacional e transnacional, divulgação da informação, cultura e literatura do nosso país e promoção da imagem de Cabo Verde em vários domínios. Nos últimos anos, constata-se que houve enormes ganhos consentidos pelas mesmas associações: a dinâmica e diversidade aumentaram com a criação de um número significativo de organizações; existe uma capacidade interventiva cada vez maior permitindo vez e voz à comunidade em diversas conferências, workshops, fóruns e congressos junto dos outros grupos étnicos e sociedade civil italiana; algumas organizações marcaram de forma indelével o desenvolvimento de acções e projectos de solidariedade, promoção de Cabo Verde, fomento de intercâmbio a nível de instituições autárquicas e não só transformando-se, automaticamente, em autênticas ‘pontes’ de aproximação e cooperação entre Cabo Verde e Itália.

#### *Segunda geração e cabo-verdianidade*

No tocante especificamente à segunda geração verificamos, através de informações diversas recolhidas, que houve ganhos consideráveis através de vários projectos levados a cabo por diversas associações. A OMCVI tem feito um trabalho extraordinário nesse âmbito realizando cursos sobre história e cultura de Cabo Verde para diversos grupos-alvos. Também levou a cabo e/ou participou em projectos internacionais de intercâmbio entre jovens de origem cabo-verdiana de diversos países. O impacto desses projectos foi muito positivo, explica-nos uma ex-Presidente da mesma associação, porque permitiu aos jovens participantes sentirem-se unidos pelos elementos mais básicos da ‘cabo-verdianidade’, tais como, língua, música, etc. Também exemplificativos a todos os títulos quanto a eventos que marcaram de forma profunda os sentimentos de pertença dos jovens de segunda geração na Itália e a sua ligação com Cabo Verde foram, indubitavelmente, os Congressos da Associação Internacional Congresso de Quadros da Diáspora, sobretudo os três últimos Congressos de 2002, 2006 e 2011. Jovens dirigentes associativos transmitiram-nos, às vezes de forma muito emocional, como o Congresso contribuiu para a transformação da sua identidade cultural e próprio modo de vida. Sobretudo a Presidente da Associação Cabo-verdiana de Nápoles, não se cansa de explicar que ela, a partir de 2002, tornou-se uma ‘filha do Congresso’. E mais: os nossos dados recolhidos confirmam com base em exemplos concretos e testemunhos pessoais de alguns elementos envolvidos em tal, que esses Congressos serviram como palcos de inspiração para de dedicarem de corpo e alma a um trabalho benéfico e desinteressado em prol das suas comunidades na Itália, criando suas próprias organizações ou aderindo a algumas já existentes. Como consequência disso, alguns conseguiram um percurso de mobilidade social graças ao papel extremamente positivo desempenhado (directa ou indirectamente) pelos Congressos de Quadros e organizações das próprias comunidades. A seguir, avançamos com dois exemplos concretos.

### *Exemplos de 'boas práticas'*

O primeiro tem a ver com um projecto elaborado, entre outros, pela OMCVI e financiado (parcialmente) pela União Europeia. Esse projecto de Multimedia Centre foi materializado em estreita parceria e na forma de *joint venture* com várias organizações italianas e cabo-verdianas. O objectivo principal foi proporcionar o intercâmbio entre jovens cabo-verdianos da Itália e de São Nicolau através, entre outros, dum centro multimídia no município de Ribeira Brava. O segundo exemplo teve um grande impacto a nível transnacional e foi um projecto protagonizado pela Associação de Talude, Loures<sup>30</sup>, e a Associação Tabanka Unlus de Roma. O programa foi atraente para essa camada, muito diversificada e, confessou-nos uma das dirigentes, “ao separarmos uns de outros ficámos com o firme sentimento de que o intercâmbio tinha contribuído grandemente para o fortalecimento de mais consciência e firmeza da nossa cabo-verdianidade, onde quer que estejamos”. E para demonstrar o quanto frutífero foi o encontro, a mesma dirigente informou-nos que já existem planos para o segundo encontro de intercâmbio com jovens em Portugal e que já estão a planificar outros intercâmbios com jovens da Holanda e Cabo Verde. Para além desses atrás mencionados projectos devemos também destacar os seguintes progressos registados no âmbito de aproximação e consolidação dos laços com Cabo Verde. Algumas organizações, tais como, Associação Amigos das Ilhas, Associação Amigos de São Nicolau e Associação Filhos da Boavista e Amigos têm desenvolvido várias acções e projectos sociais e de solidariedade para com as suas ilhas de origem. As rádios locais desempenham um papel importante no quadro de comunicação e informação e com grande incidência nos assuntos locais em particular e de Cabo Verde em geral. Também tem sido feito um trabalho de alto valor cultural e não só através de, por exemplo, apresentação de obras literárias cabo-verdianas, actuação dum afamado grupo musical vindo da Boa Vista, intercâmbios diversos e promoção de cooperação entre municípios italianos e cabo-verdianos.

### *Críticas*

Entretanto, como não podia deixar de ser, o associativismo está longe de estar isento de críticas e isso por vários motivos apontados. Uma jovem que esteve no Congresso de 2002 manifestou-nos a sua desilusão face ao total incumprimento das conclusões e recomendações do mesmo evento, segundo a sua opinião. Vários outros dirigentes emitiram críticas relacionadas com o funcionamento local das associações no que diz respeito à falta de união, politização, ausência de renovação nas fileiras das organizações, nível interventivo considerado de baixa qualidade, confinamento interno e (potenciais) conflitos de liderança local. Apesar de não pretendermos analisar essas questões em termos substanciais, queríamos deixar aqui as seguintes anotações. Os mesmos dirigentes que apontam o problema de renovação estão relativamente conscientes da complexidade do processo e até reconhecem que há aquilo que denominam de ‘uma certa timidez dos jovens’ no tocante à assunção de cargos. Portanto, o problema parece não se tratar (apenas) de potencialidade. Outra questão que não é nova, aliás parece ser intrínseca a qualquer tipo de liderança associativa, é a disputa de poder entre os líderes locais. No caso específico da Itália supomos que se trata de um fenómeno relativamente interessante do ponto de vista sociológico na medida em que parecem existir sérias divergências entre quadros (altamente) formados e dirigentes de base, o que em si pode constituir alguma preocupação porque a dinâmica e/ou existência de uma ou outra associação pode ficar/estar em risco.

---

<sup>30</sup> Município Português na Área Metropolitana de Lisboa.

## 6.6 Relação de jovens com Cabo Verde

O nosso trabalho de terreno permitiu-nos identificar algumas categorias de jovens que se diferenciam entre si pela forma como (não) se identificam com Cabo Verde ou pelos interesses surgidos no seu relacionamento com o país ancestral, directa ou indirectamente. Em primeiro lugar, entrevistamos um jovem (15 anos) que frontalmente e na frente do pai nos clarificou que tem dificuldades em identificar-se como cabo-verdiano. Diz que se sente mais italiano porque tem mais amigos italianos e poucos amigos de origem cabo-verdiana. O curioso é que fala crioulo sem (muita) dificuldade. Uma outra categoria identifica-se mais como italiano, mas gosta de ir a Cabo Verde. Esses jovens têm uma impressão geralmente positiva de Cabo Verde, mas o interesse desse tipo de jovens é mais relacionado com o divertimento. Vão para Cabo Verde em visitas turísticas e praticamente não se importam com informações de carácter geral sobre Cabo Verde. Alguns até recusam na Itália identificar-se como cabo-verdiano, porque sentem-se envergonhados, não se sentem à vontade para tal, esclarece um dos nossos entrevistados. Alguns deles falam pouco ou não dominam quase nada o crioulo. Esta categoria parece ser, em termos numéricos, a mais expressiva. Uma terceira categoria que identificamos é aquela que mostra muito pouco interesse por Cabo Verde. Na sua grande maioria são jovens desempregados e sem ocupação regular e que estão mais interessados no seu divertimento do dia-a-dia onde moram. Existe ainda uma outra categoria, de dimensão numérica reduzida, que se identifica muito com Cabo Verde e que tem planos ou que ‘sonha’ um dia voltar definitivamente a Cabo Verde. A maioria desse tipo de jovens tem uma formação de nível médio ou superior, tem contacto estreito com familiares em Cabo Verde (pai ou mãe, por exemplo) que levam uma vida relativamente estável e segue de perto o processo de desenvolvimento de Cabo Verde. Ilustrativo nesse sentido é o plano de uma jovem em estado avançado do seu curso de Direito e que, a breve trecho, gostaria de voltar a Cabo Verde para trabalhar com o pai na área de advocacia e consultoria. ‘Seria uma complementaridade para o meu pai que trabalha na área de turismo, sobretudo pelo meu conhecimento da língua e leis italianas’, transmitiu-nos com um certo orgulho e emoção uma jovem quadro durante a entrevista. Por fim, temos um outro grupo, também relativamente expressivo em termos numéricos. A maioria desses jovens leva uma vida economicamente estável e é detentora de um capital escolar bastante satisfatório. Pareceu-nos algo impressionante apresentar algumas passagens de uma nossa entrevista com um jovem filho de um casal misto (pai italiano e mãe cabo-verdiana) que fala relativamente bem o crioulo. Perguntados os motivos que lhe levam a visitar Cabo Verde frequentemente, ele respondeu-nos da seguinte forma:

*Particpei no Congresso de Quadros em 2002. Foi um momento alto no periodo da minha juventude. Lá encontrei outros jovens cabo-verdianos vindos de todas as partes do mundo, nós tivemos tempo de festejar e estabelecemos amizades uns com outros. Gostei muito da maneira de ser daquela gente em Cabo Verde, daquela morabeza, senti-me em casa, porque para ir a países bonitos ou divertimentos, há muito mais do que Cabo Verde. Depois disso já voltei várias vezes e levo amigos Italianos que ficam encantados com as nossas beldades crioulas.*  
(Jovem empresário, 30 anos)

Depois lhe perguntamos como consegue conciliar as duas culturas, italiana e cabo-verdiana, o nosso entrevistado foi peremptório com a seguinte frase: ‘É como estar fazendo a mistura dum bom grogue com um mel doce, que no fim dá um delicioso ponche’.

## 7. Segunda geração de cabo-verdianos em França

### 7.1 França: alguns instrumentos de integração

França é um país hostil à classificação de pessoas com base na raça ou etnia. Mesmo tendo uma política aplicada a todos os cidadãos para a construção unitária à volta dos valores republicanos (igualdade para todos face à lei, igualdade de oportunidades no que respeita à mobilidade social, princípio laico, etc), existem desigualdades e tensões na sociedade francesa (Silva, 2007). De entre as percepções colectivas, a manifestação mais forte e simbólica da vontade do estrangeiro de pertença e de participação à nação francesa é o acesso à nacionalidade (Niessen et al., 2007:72) Por isso, o acesso à nacionalidade francesa é relativamente fácil pela naturalização e pelo recurso ao direito do *jus soli* para os filhos dos estrangeiros. Mas os descendentes dos imigrantes são, algumas vezes, estigmatizados em vários sectores. Assim sendo, os diferentes governos na vã tentativa de demonstrar que não estão 'integrados', usam o discurso retórico de 'falta de vontade' ao até mesmo referem uma certa 'incapacidade de assimilação' dessas 'segundas gerações'<sup>31</sup>.

Em França, todos os migrantes, excepto os estudantes, podem trabalhar de imediato mas são excluídos de 50 ocupações no sector privado e de muitas no sector público, que estão reservadas aos cidadãos da União Europeia. Ao mesmo tempo, existe o factor parcialmente favorável e que se trata do acesso ao mercado de trabalho. A França poderia melhorar a sua posição nesse sentido em relação aos outros países da União Europeia se estabelecesse mais objectivos e orientações para um reconhecimento justo, atempado e acessível das competências e qualificações estrangeiras dos imigrantes (Niessen et al., 2007:70). No entanto, existem bairros degradados e as discriminações para os empregos e alojamentos são dirigidas principalmente aos jovens de origem "árabe" e aos africanos (Bertosi, 2009; Wenden, 2011).

#### 7.1.1 Permisso de residência e nacionalidade

Após 5 anos de autorização e residência legal, os migrantes são elegíveis a cidadãos com residência de longa duração. Os candidatos devem ainda passar por um processo longo e dispendioso, incluindo as novas condições menos favoráveis introduzidas e que estão baseadas no requisito de rendimento (semelhante ao de reagrupamento familiar) e um seguro de saúde básico. Os detentores de autorizações de residência de longa duração não usufruem do mesmo acesso ao emprego em comparação com os cidadãos franceses (Niessen et al., 2007: 71). A concepção de cidadania francesa não aceita a pluralidade cultural e, por isso, cria a ineficácia do processo de promoção social dentro de um sistema económico excludente que favorece o aumento das desigualdades sociais dentro e fora das sociedades altamente desenvolvidas.

Quanto à nacionalidade a França é detentora do quarto melhor processo de aquisição de nacionalidade na União Europeia. A maioria dos imigrantes pode naturalizar-se após 5 anos de residência legal, enquanto que os licenciados em universidades francesas o podem fazer após 2 anos. A lei obriga os cônjuges de cidadãos franceses a esperarem quatro anos para aquisição da nacionalidade. As crianças nascidas em França, filhas de migrantes, podem tornar-se francesas através de uma declaração, após concluírem 18 anos, desde que tenham vivido em França durante 5 dos últimos 7 anos. Os seus filhos são automaticamente considerados franceses à nascença. As autoridades exigem que os migrantes satisfaçam as condições relativamente aos testes de conhecimento linguístico e de integração e à comprovação de bom carácter. A França, é um dos

<sup>31</sup> Extraído da comunicação da Dra. Francine Vieira no III Congresso de Quadros Cabo-verdianos da Diáspora em 2002.

países onde se obtém as melhores práticas em termos de dupla nacionalidade. Isso permite aos migrantes naturalizados e às crianças, filhas de estrangeiros, nascidas em França manterem a sua cidadania original (Niessen et al., 2007:72).

### 7.1.2 Ensino

O sistema escolar francês organiza-se em três grandes etapas: ensino pré elementar, ensino elementar e ensino secundário. Os cursos primários e secundários são gratuitos, neutros, laicos e obrigatórios dos 6 aos 16 anos<sup>32</sup>. A promoção dos alunos no ensino elementar é feita por proposta do professor ao Conselho de Professores do Ciclo, informando-se aos pais o resultado. Este tipo de ensino dura sete anos. Ao fim do ensino elementar, os alunos dão continuidade à sua escolaridade num liceu de tipo de ensino geral ou profissionalizante. Este último permite obter um diploma profissional para prosseguir os estudos ou inserir-se na vida activa. O certificado de aptidão profissional (CAP) dá acesso às qualificações básicas permitindo aos trabalhadores entrarem directamente na vida profissional. Os (BEP), Brevets de Estudos Profissionais são cursos de pouca duração que podem ser concluídos em dois anos e em quatro áreas (carreiras de saúde e social, condução e serviços de transporte, restaurantes e hotelaria, indústria e comércio de óculos). Também existem diversos tipos de Bac<sup>33</sup>, desde o Bachelerato Geral a outros de carácter técnicos (Bac, Pro., por exemplo. O Bachelerato profissional atesta a capacidade de exercer uma actividade profissional altamente qualificada (Silva, 2007).

## 7.2 Comunidade cabo-verdiana

Apesar da presença de cabo-verdianos em França datar do século XIX, é a partir dos finais dos anos 50 do século passado que se regista uma maior intensificação de entrada de cabo-verdianos no mercado de trabalho nesse país. Um dos primeiros grupos é constituído pelas cabo-verdianas vindas de Dakar acompanhadas das respectivas patroas e gradualmente procedeu-se à reunificação familiar<sup>34</sup>. A partir de 1963 surge na zona leste da França, mais precisamente em Fameck- Mozelle, uma pequena colónia de emigrantes cabo-verdianos que deu o seu apoio à luta de libertação<sup>35</sup>. Esta pequena colónia de emigrantes, onde a maioria já está reformada, mantém as suas tradições culturais. Nos princípios dos anos setenta, chega uma nova vaga de emigrantes, agora via Portugal. Mas em 1974 a Europa fecha as portas à emigração. A crise do petróleo tinha sacudido as economias ocidentais e o Governo Francês esteve prestes a fazer regressar os imigrantes aos respectivos países. Graças à grande solidariedade do movimento associativo e dos partidos políticos opostos à política de expulsão dos imigrantes surgiu a legalização dos emigrantes cabo-verdianos em 1982. Isso foi fruto da vitória socialista nas eleições de 1981 e como resultado disso o alargamento legal da comunidade e o aparecimento de várias associações cabo-verdianas, tanto preocupadas em defender a emigração como também em desenvolver actividades culturais e desportivas.

### Números

Em 2002, o sociólogo cabo-verdiano Luís Silva, na qualidade de delegado da França e dirigindo-se ao plenário do III Congresso dos Quadros Cabo-verdianos da Diáspora, proferiu a seguinte frase e especificamente sobre a comunidade em França: ‘temos emigrantes, mas não sabemos quantos são, onde estão, o que fazem, o que ganham e quanto gastam (...)’. Hoje, dez anos passados, a situação continua relativamente igual, ou seja,

<sup>32</sup> [www.france.fr](http://www.france.fr).

<sup>33</sup> Significa grau de Bachelerato.

<sup>34</sup> Intervenção do sociólogo cabo-verdiano, Luís Silva, no III Congresso de Quadros Cabo-verdianos da Diáspora em 2002

<sup>35</sup> Por Mozelle passaram combatentes, tais como, Pedro Pires, Júlio de Carvalho, Olívio Pires, Mário Fonseca e tantos outros.

não se sabe ainda, em termos de estimativas aproximadas, quantos cabo-verdianos vivem nesse país. Tal como referido no relatório intermédio, não nos foi possível identificar nenhum tipo de dado estatístico de alguma fiabilidade sobre essa comunidade, mas com isso não queremos de forma alguma afirmar que instituições vocacionadas para tal não os tenham e nem tão pouco que não seja possível conseguir isso. A responsável pelos Serviços Consulares da Embaixada de Cabo Verde em Paris avançou-nos com uma totalidade de 29.000 cabo-verdianos inscritos nessa Missão enquanto que as estimativas pessoais de vários dirigentes associativos com (muita) experiência no terreno variam entre 50.000 a 55.000 pessoas. Como se explica essa enorme disparidade numérica? Ela tem a ver com vários factores; o facto de muitos cabo-verdianos não se sentirem a necessidade de se inscrever na Embaixada de Cabo Verde; a existência de um número não negligenciável de cabo-verdianos que têm a cidadania francesa e que, por isso, não fazem parte das estatísticas oficiais; e os indocumentados ou em situação de ilegalidade no país. No entanto, fomos informados por alguns dos nossos entrevistados de que há possibilidades de obter dados estatísticos (relativamente) recentes e fiáveis através das Prefeituras e/ou através do Ministério do Interior.

Conforme apuramos junto dos nossos entrevistados e documentos analisados, o maior número de cabo-verdianos encontra-se residindo em Paris e arredores ( $\pm 20.000$ <sup>36</sup>). Outras estimativas dos nossos respondentes no que diz respeito às outras cidades com maior número de cabo-verdianos são: Marselha, 9000; Nice, 8000, Lyon, 7000. Os restantes cabo-verdianos estão distribuídos por outras cidades, tais como, Lille, Amiens, Creil, Mulhouse, Metz, Fameck. Conforme as nossas fontes, esse aumento explica-se nos últimos anos, sobretudo por um fluxo migratório bastante expressivo de jovens descendentes de cabo-verdianos vindos de Portugal, para além efectivamente da chegada de pessoas provenientes de Cabo Verde e outros países. O curioso é que essas estimativas, de carácter subjectivo é certo, estão em sintonia com os dados contemplados num documento do Instituto das Comunidades elaborado pela Dra. Rosângela Alfama. Uma quantidade significativa de cabo-verdianos trabalha nas minas de carvão e nas fábricas siderúrgicas de Moselle (Alsácia Lorena). Outra grande parte trabalha na construção civil (sobretudo homens) e nos trabalhos de serviços domésticos e apoio domiciliário (mulheres)

### *Tópicos de integração*

De um modo geral, a pouca documentação existente qualifica de relativamente bom o grau de integração de cabo-verdianos em França. Contudo, a nossa percepção baseada nas rápidas observações e análises é que se trata, na maioria das vezes, da percentagem da população activa desse grupo a que se está primeiramente referindo. Mas o grosso dessa comunidade tem um baixo nível de escolarização e dedica-se, de um modo geral, aos trabalhos domésticos, de construção civil e outros de baixa qualificação. Exemplificativo é a maioria que vive na cidade de Nice, de origem particularmente Santiaguense e trata-se basicamente de uma camada maioritariamente feminina ocupando-se, regra geral, do trabalho doméstico e serviço de limpeza. Em Lyon temos uma esmagadora maioria de cabo-verdianos trabalhando na construção civil. A inserção profissional é mais estável do que em Nice permitindo aos pais um maior investimento na educação dos filhos. Contudo, os cabo-verdianos vêm-se confrontados com vários constrangimentos no que diz respeito às outras dimensões e indicadores do processo integrativo.

Apesar do capital escolar muito limitado da grande maioria dos membros da comunidade é de se enaltecer os ganhos conseguidos por uma quantidade não inexpressiva de cabo-verdianos nesse país: muitos não têm grandes dificuldades quanto ao uso funcional do francês, mesmo com os filhos; existe um certo número de quadros que, mantendo as suas raízes conseguiram alcançar um bom nível profissional em ramos diversos;

---

<sup>36</sup> Estimativas fornecidas pelos nossos entrevistados

sobretudo descendentes de cabo-verdianos vindos do Senegal ocupam, às vezes, funções destacadas na função pública, universidades, empresariado e profissões liberais. Mas dado sobretudo a dispersão geográfica já anteriormente assinalada, a visibilidade de quadros torna-se um problema de grande complexidade. A outra face da moeda tem a ver com uma vivência de natureza cultural e social tipicamente ajustada à maneira tradicional das aldeias do interior de nossas ilhas. Outros elementos têm a ver com a postura bastante assimilacionista do jovem descendente cabo-verdiano, mesmo dentro do seu bairro e comunidade, mas isso é matéria que parcialmente será analisada no próximo parágrafo. Um factor de importância crescente na comunidade tem a ver com uma (nova) vaga de emigrantes cabo-verdianos vindos sobretudo de Portugal. Muitos deles são jovens relativamente bem formados, mas de acordo com as informações recolhidas são muito explorados e trabalham muito abaixo do seu nível de escolarização, isto é, trabalho não qualificado de toda a espécie. O que está ali em causa é a questão material de sobrevivência, salienta um outro entrevistado.

### 7.3 Situação escolar e profissional

Os nossos respondentes são de opinião que a grande maioria de jovens de segunda geração de cabo-verdianos em França chega apenas ao nível de 'BEP', que são cursos profissionais de curta duração. Isso diz respeito, de uma maneira geral, às várias cidades onde existem cabo-verdianos. Entretanto, os nossos entrevistados não podem precisar a percentagem desses jovens, mas asseguram, ao mesmo tempo, que o insucesso escolar é também relativamente alto no seio da mesma camada juvenil. Dado o nível atrás mencionado de qualificação, grande parte dos filhos de segunda geração segue normalmente os percursos profissionais dos pais. A maioria desempenha, então, as profissões de (ajudantes de) electricistas, condutores, pedreiros, pintores, mecânicos, etc. etc. Outros seguem um trajecto profissional mais alto (Bac) e um punhado deles consegue alcançar a Universidade. Essa baixa qualificação profissional é motivada, em parte, pela falta de acompanhamento escolar dos pais quanto ao trajecto escolar dos filhos, baixo nível de escolaridade dos pais e um sistema de ensino em França que alguns dos nossos entrevistados consideram como 'segregacionista', a partir do quinto ano obrigatório. Também existem muitos pais que trabalham o dia inteiro e essas crianças ou adolescentes crescem praticamente sozinhos. Outros, de acordo com testemunhos de vários entrevistados, até desencorajam os filhos a seguirem aquilo que na sua óptica é um percurso longo de estudo para poderem dedicar-se a cursos mais rápidos, ou então, a abandonar a escola e entrar para a construção civil. O denominador comum quanto a esse tipo de raciocínio é ganhar dinheiro, o mais depressa possível. Esse fenómeno consumista é transversalmente identificável nas duas gerações de cabo-verdianos, primeira e segunda, segundo a opinião da maioria dos nossos respondentes.

O fenómeno atrás resumidamente abordado atinge os jovens de origem cabo-verdiana de uma outra forma. Eles são também seriamente influenciados tanto pelos colegas do bairro onde crescem, bem como pela televisão e tecnologia de informação. Muitos deles são jovens sem perspectivas escolares e/ou profissionais, pois não atingiram um certo nível de formação com mínimas qualificações para poderem conquistar um lugar digno no mercado de trabalho. Essa camada que constitui uma parte significativa de jovens em França tem como valores marcantes a força material e o raciocínio consumista, conclui um outro entrevistado. Uma jovem noutra entrevista esclarece que muitos desse tipo de jovens têm mesmo vergonha de visitar Cabo Verde para não se verem confrontados com o seu percurso extremamente pobre e parcas realizações pessoais. Ou então, 'estando em Cabo Verde inventam ali mentiras das mais absurdas que se pode imaginar', acrescenta a entrevistada. Infelizmente, muitos desses jovens não podem ou não querem contar

com familiares ou outro tipo de pessoas que lhes possam servir como modelo de referência. A maioria dos nossos entrevistados é de opinião que a França oferece muitas oportunidades aos jovens, mas isso não é aproveitado de forma adequada. Existe ainda a maternidade precoce e em quantidade bastante significativa, o que em si é um problema sério para as raparigas. Outra questão apontada por alguns entrevistados trata-se de situações discriminatórias nas escolas quanto aos critérios e decisões tomadas pelos professores. Mas isso é, na maior parte das vezes, muito difícil de provar, lamentam os nossos respondentes.

## 7.4 Associativismo

Que o associativismo cabo-verdiano em França tenha demonstrado uma certa vitalidade, ao longo dos anos, é algo inegável. Entretanto, em comparação com os outros movimentos similares em Portugal, Holanda ou Itália, a sua actuação no processo integrativo tem sido relativamente menos visível e dinâmico e isso por várias razões. Primeiro porque o regime francês foi particularmente restritivo às organizações estrangeiras até 1981, limitando essas organizações às actividades culturais, recreativas e desportivas. Foi a partir dessa data e com a revogação do Título IV da Lei 1901 que se deu por findo esse tipo de distinção que havia entre organizações francesas e outras de imigrantes contribuindo assim para um aumento significativo das organizações de vários grupos étnicos em França. Em segundo lugar, o modelo político francês de assimilação não favoreceu a actuação integradora e representativa de organizações como noutros países (Holanda por exemplo) disponibilizando recursos para esse tipo de actividades, apoiando o desenvolvimento de eventos com grande potencialidade mobilizadora e criando espaços de defesa de interesses específicos de grupos étnicos a vários níveis do poder político. Um terceiro motivo diz respeito à relativa falta de atenção à dispersão geográfica de cabo-verdianos no território francês. Além disso e tal como noutros países, os cabo-verdianos são em termos numéricos muito pouco expressivos em comparação com outros grupos de imigrantes e isso é um sério obstáculo para se conseguir fazer parte da agenda política, seja em que nível for. Por essas razões julgadas mais relevantes as organizações cabo-verdianas dedicaram-se mais à área cultural, recreativa e desportiva. Também existe, sobretudo nos últimos tempos, um certo número de organizações que se tem dedicado às acções de solidariedade a favor de Cabo Verde. É também de se destacar grandes eventos, entre outros: a célebre 'Semana de Cabo Verde em França' protagonizada em 2007 pela organização Business Club em parceria com empresas cabo-verdianas, Embaixada de Cabo Verde em França, TACV e IC.; torneios anuais de futebol com 10 ou mais equipas de cabo-verdianos vindas de vários países da Europa, América e Cabo Verde; e os grandes eventos musicais com artistas cabo-verdianos de renome galvanizando milhares de cabo-verdianos e franceses em torno da cultura da Terra-Mãe, Cabo Verde.

Hoje, sobretudo com a crise sufocando economicamente a Europa inteira, estão soprando outros ventos. Apesar de tudo, existem algumas organizações<sup>37</sup> ainda (bastante) activas: Associação Cabo-verdiana de Amiens, Associação Criança de Hoje e de Amanhã, Associação 'Alliance & Echanges, Associação das Mulheres Cabo-verdianas em Paris, entre outros. Na conversa que tivemos com dirigentes da Associação de Cabo-verdianos em Amiens (ACA) foi-nos informado que essa organização vem sendo apoiada pela prefeitura da mesma cidade no que diz respeito a várias actividades de grande utilidade para a comunidade ali fixada. Também a ACA deu um contributo de elevado significado para a materialização do acordo de cooperação entre a Câmara de Amiens e a de Santa Catarina de São Tiago no que diz respeito ao plano de saneamento orçado em 10 milhões de Euros. No passado a associação organizou uma excursão a Cabo Verde em que houve a participação de muitos jovens. Depois de regresso concluiu-se que isso teve um impacto

---

<sup>37</sup> Através da Embaixada conseguimos uma lista de 66 organizações, mas foi-nos informado que a maioria esmagadora é inoperante, sem associados e não desenvolvem actividades que justificam o nome das mesmas.

extraordinário na visão dos jovens em relação a Cabo Verde, esclarece um dirigente associativo. A viagem foi feita em cooperação com uma organização da cidade de Assomada, a ASACAS.

O dirigente da ACA informou-nos ainda que tentaram outra vez negociar com a companhia TACV sobre passagens a um preço especial para jovens para que pudessem descobrir Cabo Verde, mas não tiveram resposta. 'Infelizmente para esse tipo de apoio não podemos esperar nada da Embaixada aqui em Paris', afirma o mesmo dirigente associativo. A Associação de Mulheres Cabo-verdianas em Paris organizou recentemente o grande concurso juvenil conhecido por 'Vozes da Diáspora'. Participaram nesse evento cultural jovens de um grande número de países e puderam contar com a honrosa presença da Presidente da organização parceira em Cabo Verde Fundação 'Infância Feliz', Sra. Adélcia Pires. Mas a Sra. Fátima Monteiro, Presidente da Associação, classifica a postura da Embaixada de escandalosa e humilhante que não se dignou comparecer. Ouvimos idêntica crítica de outros dirigentes em relação à Embaixada tendo muitos classificado a postura da Embaixada de inaceitável porque em vez de ser o elo de ligação entre a comunidade e Cabo Verde não participa na vida associativa e não apoia as organizações. 'Eles não nos valorizam, só mandam bocas sobre nós', acrescenta um dos dirigentes de forma meio emocionado, ou meio zangado.

Também há muita (auto)crítica sobre o funcionamento das organizações. Alguns entrevistados são de opinião que a comunidade em Paris não está (bem) organizada. As actividades culturais são de baixa qualidade ou conseguem reunir muito pouca gente e várias equipas de futebol já não funcionam convenientemente. Também, opinam outros, as associações deveriam ocupar-se dos problemas mais candentes da comunidade, tais como, a educação, a maternidade precoce, as discriminações face ao acesso aos empregos e alojamentos, mas o que fazem é estar envolvidos em grandes e infinitas disputas entre si, conta-nos um dos dirigentes. Outros entrevistados continuam afinados pelo mesmo diapasão argumentando que há uma grande rivalidade entre os líderes associativos e que o grau organizativo é de péssima qualidade. Poderiam aproveitar alguma potencialidade local com base em pessoas já com algum capital escolar e competências nas várias áreas como a jurídica, mas não fazem isso, criticam outros. Em suma, parece haver um consenso junto das pessoas com quem falamos que há uma verdadeira falta de liderança à altura, falta de técnicos minimamente preparados para elaboração de projectos. As organizações actuam de forma muito isolada, a qualidade das actividades não corresponde às expectativas gerais, existe uma falta de união e um instrumento capaz de galvanizar as forças e representar o colectivo em tempo e espaço úteis. De se lamentar, segundo as últimas informações chegadas a nós, é a desactivação da Casa de Cabo Verde em Paris e a inactividade do Business Club. Também, algo que demonstra inequivocamente as grandes fragilidades do associativismo cabo-verdiano em França é o fraco aproveitamento do fundo de co-desenvolvimento criado pelo governo francês para apoiar organizações cabo-verdianas em França a desenvolverem projectos de apoio ao desenvolvimento comunitário em Cabo Verde. Mas até agora só um número muito reduzido conseguiu a aprovação de alguns e isso pelo facto de o IC ter prestado apoio na elaboração dos mesmos projectos. Apesar disso, alguns entrevistados reconhecem que há um número muito reduzido de associações que fazem um bom trabalho, não obstante os enormes sacrifícios que têm de suportar.

## 7.5 Relações de jovens com Cabo Verde

Existe alguma identificação dos jovens de segunda geração na França com Cabo Verde? Para começar a abordar esta questão, mesmo que de forma muito sucinta, dedicamos seguidamente atenção a uma crítica formulada durante uma das nossas entrevistas. Trata-se neste caso de uma jovem-quadro nascida, criada e formada em Paris, que interroga se podemos falar efectivamente de 'comunidade cabo-verdiana' em França

sabendo que, de um modo geral, existe uma postura assimilacionista de uma parte significativa da nossa segunda geração nesse país que, rejeita liminarmente a sua origem, não fala e não quer aprender o crioulo, não participa em actividades culturais e outras dentro da comunidade, não se identifica culturalmente com Cabo Verde e, pior ainda, na impossibilidade de esconder sobretudo a cor da pele, tenta através de todos os meios demonstrar que é *tout court* um cidadão francês em todas as dimensões, recorrendo ao artifício anatómico e/ou genético para se identificar como sendo um francês originário das ilhas de Guadalupe ou Martinica. Como é que se explica essa rejeição literal/peremptória da origem desses cidadãos?

Escusado será realçar aqui o item atrás esboçado de forma muito breve não pode ser de maneira alguma matéria para esse tipo de estudo e não temos a mínima pretensão em entrar em análises que poderiam dar ou não pistas hipotéticas sobre isso. No entanto, não deixa de ser fascinante do ponto de vista sociológico constatar que, em grande contradição com o fenómeno atrás resumidamente descrito, na Holanda a maioria esmagadora dos jovens manifesta individualmente um sentimento de orgulho e de identificação cultural com o país de origem através da curta frase, 'Mi ê Cabo' (Eu sou cabo-verdiano), usada sobretudo nos espaços informais de sociabilidade e/ou de lazer. Então, como entender essa contradição? Também não deixa de ser pertinente assinalar que em França, assim como noutros países onde se usa a língua de origem latina, os pais cabo-verdianos (quase) sempre tentam evitar por todos os meios falar com os filhos o Crioulo convencidos que isso os afecta na aprendizagem da língua do país de acolhimento. Isso passa-se também, infelizmente ou não, dentro da nossa comunidade em França.

Independentemente do ponto de vista do leitor sobre as questões atrás colocadas, uma grande parte dos nossos entrevistados assinala que se trata de uma percentagem muito limitada de jovens nascidos em França que, sem ambiguidades, se identifica com Cabo Verde. Poucos deles se atrevem a fazer estimativas em termos de percentagens, mas é algo consensual que existe nesses jovens muita falta de conhecimento sobre Cabo Verde e a sua cultura. Acham que se deve investir e muito nesse sentido porque corre-se o risco de uma grande parte dessa camada ficar alienada no que diz respeito às suas raízes, o que poderá ter efeitos sérios na trajectória futura desses mesmos jovens. Mesmo sem dados fiáveis para fazer uma estimativa da percentagem de jovens de segunda geração

de cabo-verdianos em França com relações de ligação ou não com Cabo Verde recorreremos através da nossa triangulação de dados para avançar, em termos meramente analíticos, com algumas tentativas de pistas muito genéricas.

Em primeiro lugar, existe uma categoria com pouca probabilidade de se interessar pelas suas raízes cabo-verdianas e, como consequência disso, não demonstra interesse em visitar Cabo Verde e é constituída por elementos com tendências assimilacionistas e jovens seriamente influenciados por aquilo que se denomina de 'road culture'<sup>38</sup> e que vive em situações de uma certa precariedade socioeconómica e cultural. Também ficou relativamente claro que provavelmente uma maioria desses jovens não domina o Crioulo - instrumento-chave de comunicação da Diáspora - e isso cria a essa categoria um sério obstáculo no estabelecimento de contactos com os seus colegas em Cabo Verde ou em outras partes do mundo, mesmo que demonstre algum interesse em tal. A título de exemplo: dois dos nossos entrevistados manifestaram-nos que não se sentiram bem nas suas recentes deslocações a Cabo Verde por causa disso. No entanto, não se pode excluir essa hipótese, mas entendemos que muito terá de ser feito ou terá de se mudar para que haja um envolvimento dinâmico e interesse desse grupo em estabelecer, manter e/ou consolidar os laços de relacionamento com Cabo Verde. Do segundo grupo faz parte um certo número de jovens relativamente

---

<sup>38</sup> Tradução literal: cultura de rua

bem integrados na sociedade francesa em termos socioeconómicos, não tem sérias dificuldades de comunicação com outros cabo-verdianos na sua língua de origem e manifesta interesse em manter relações culturais e outras com membros da sua comunidade e com Cabo Verde. Uma parte desse grupo encontra-se ligado ao associativismo, directa ou indirectamente, ou tem ligações regulares com a área musical cabo-verdiana. A última categoria é composta sobretudo por um certo número de quadros bem qualificados e outros de ocupações diversas que por motivos pessoais optaram por viver relativamente distanciados da comunidade. Embora seja essa categoria uma potencialidade a ser aproveitada, o problema se põe sobretudo no que toca ao grau de relativa invisibilidade, pouco conhecimento público do seu grau de (des)interesse por tudo aquilo que diz respeito a Cabo Verde e as eventuais formas de sua abordagem, directa ou indirectamente. Com essa categorização analítica pensamos ter criado alguns elementos de utilidade para podermos aprofundar a análise na parte final deste relatório.

## 8. Conclusões

Com este trabalho deu-se o primeiro passo para se obter um melhor conhecimento das segundas gerações de cabo-verdianos na Europa. Isso como condição básica e indispensável para se poder desenvolver acções passíveis de contribuir para o reforço de laços com o país ancestral, Cabo Verde. Como interpretar os resultados empíricos atrás apresentados? Que significado têm esses mesmos dados quanto aos objectivos atrás revisitados? Antes de debruçarmos sobre as questões atrás avançadas, permitam-nos esclarecer os seguintes pontos. Primeiro para realçar que os factores limitativos deste tipo de ‘olhar fotográfico’ sobre as segundas gerações já avançados no capítulo específico próprio, têm seus efeitos quanto às nossas notas conclusivas. Estamos aqui referindo sobretudo ao grau de fiabilidade de dados, características mais relevantes das comunidades e profundidade dos trabalhos de terreno efectuados nalguns países. Segundo para esclarecer que começamos este capítulo final com uma análise comparativa sobre as semelhanças e diferenças encontradas entre os resultados apresentados. Terceiro para sublinhar que a relação e reforço dos laços de jovens da segunda geração com Cabo Verde será baseada nas seguintes componentes: 1. tipologia analítica desses jovens baseada nos seus graus de identificação e relações directas com Cabo Verde; 2. papel de dois tipos de indicadores – directos e indirectos – como veremos mais adiante. Na parte final avançaremos com algumas pistas de reflexão para acções futuras.

### Semelhanças e diferenças

Uma semelhança transversal às segundas gerações de cabo-verdianos de todos os países contemplados neste trabalho diz respeito à relativa alta percentagem de abandono e/ou insucesso escolar. Esta é uma posição bastante desfavorável e até mesmo relativamente crítica dos jovens afectados por esse tipo de problema no ensino, sabendo que as suas perspectivas de integração no mercado de trabalho desses países, todos afectados em maior ou menor grau pela crise económica, ficam reduzidas ao mais baixo grau. A segunda semelhança que encontramos tem a ver com as estimativas relacionadas com a percentagem de jovens que, com base nos resultados conseguidos no ensino secundário, conseguem ascender, de forma directa, ao nível superior profissionalizante e/ou universitário. Uma primeira análise dos dados sobre esse último nível revela que podemos falar numa estimativa perto de 10% em qualquer desses países, o que significa haver um fosso enorme se compararmos a percentagem conseguida pelos jovens cabo-verdianos com a dos autóctones. Se arriscarmos ainda a fixar as estimativas conjuntas de esses dois polos (abandono escolar e ensino superior) atrás mencionados à volta de 25-30%, ficará um espaço de 70% de jovens que terão atingido diferentes níveis de ensino desde os cursos profissionalizantes de curta duração até ao ensino médio profissional. Mas é precisamente nessa parte onde a falta de informações nos torna impossível pronunciarmo-nos adequadamente sobre a mesma matéria.

Quanto ao mercado de emprego podemos concluir com base nos dados apresentados que há semelhanças e também alguma disparidade. Um primeiro tipo de semelhanças tem a ver com a posição dos jovens afectados pelo abandono escolar e/ou desemprego. Esses dados autorizam-nos a concluir que aqui se trata de alguma precariedade social e económica desse grupo. Num nível mais avançado encontramos semelhanças entre os jovens de Portugal, Itália e França que conseguiram, na sua maioria esmagadora, um nível de formação profissional básico; os jovens masculinos nesses países trabalham na construção civil, hotelaria, transportes e serviços enquanto que as raparigas se dedicam muito ao trabalho doméstico. Esses resultados confirmam claramente as conclusões de outros estudos (conf. Machado, 2008; Portes, 1999) no que diz respeito ao fenómeno conhecido por ‘mobilidade social descendente’. Em contrapartida, os da

Holanda rejeitam esse tipo de trabalho ficando assim numa dupla dependência quanto ao apoio dos pais e/ou instituições da Previdência Social. De acordo com os dados apresentados podemos concluir que existem ainda nesta área dois tipos de semelhanças entre Portugal e Holanda. A primeira diz respeito a jovens com formação de nível profissional intermédio que se ocupam de várias profissões no sector terciário. Em comparação com os seus pais, esses grupos de jovens viram melhorados as suas posições no mercado de trabalho dado o nível de maior escolaridade conseguida. A segunda tem a ver com a outra face do fenómeno atrás mencionado, ou seja, a ‘mobilidade social ascendente’ nos jovens desses dois países. Em outras palavras, jovens provenientes das camadas mais desfavorecidas na Holanda e em Portugal conseguiram posições de relativo sucesso na área profissional baseado, na maior parte das vezes, num processo gradativo de ascensão escolar a nível superior profissionalizante ou universitário.

Essas semelhanças e diferenças atrás apresentadas são baseadas tanto nos pontos de insucesso como também em alguns sucessos desses jovens de segunda geração nos quatro países. Como é que se explica isso? Vários factores podem influenciar o processo, mas fazemos aqui uso apenas dos indicadores mais importantes abordados neste trabalho. Os dados recolhidos nos quatro países ilustram que o abandono escolar foi condicionado pelo deficiente acompanhamento escolar dos pais no tocante ao trajecto escolar de seus filhos e isso pelos seguintes motivos: têm um capital escolar bastante baixo; desconhecem, regra geral, como o sistema educativo nesses países funciona; mantêm um padrão laboral intenso e irregular que limita grandemente o controlo social e educação dos filhos. Também a estrutura familiar de cariz monoparental e o meio social influenciaram sobremaneira as prestações escolares desses jovens. Outro factor de relevância é que os jovens acabam muitas vezes por serem fortemente influenciados pelo ambiente de negativismo, consumismo exacerbado e imitação dos padrões e códigos de conduta dos jovens autóctones pertencentes às classes mais baixas da sociedade. Isso confirma, portanto, que a perspectiva teórica de Portes (1999) sobre a assimilação segmentada, mesmo que parcialmente, ajuda-nos a compreender os (potenciais) factores explicativos do abandono escolar e conseqüente precariedade social de jovens cabo-verdianos nesses países. Porém convém aqui salientar que, em clara dissonância teórica e metodológica com a visão teórica de Portes, um estudo comparativo recente demonstra que o processo integrativo de jovens de segundas gerações nos seus países Europeus de naturalidade é dependente de factores contextuais e institucionais (Crul & Schneider, 2010:1259). Trata-se, entre outros, dos seguintes factores: políticas públicas viradas para o ensino e mercado de trabalho, papel do sistema de ensino, oportunidades oferecidas pela sociedade envolvente, etc.

## Categorias de identificação

As semelhanças e diferenças são também, em parte, instrumentos analíticos de importância tanto no que diz respeito às formas de identificação e de relacionamento dos jovens da segunda geração com Cabo Verde, bem como no tocante às potencialidades existentes desses mesmos grupos-alvos. No entanto, recorreremos ainda a uma análise dos resultados empíricos nos quatro países para construirmos analiticamente uma tipologia baseada nas seguintes categorias de jovens e suas relações com Cabo Verde. A primeira categoria tem uma identificação com Cabo Verde assente num simbolismo muito difuso, onde as raízes culturais imaginárias se misturam com outras marcas identitárias de origem africana, afro-americana, ou ainda, padrões de assimilação descendente como produto do meio social onde se encontra inserido. Os jovens pertencentes a esta categoria são numericamente muito reduzidos, demonstram pouco interesse em visitar Cabo Verde e não conseguem conciliar (suficientemente) os elementos da sociedade onde cresceram com as

raízes do país ancestral. A segunda categoria é caracterizada por uma identificação ‘simbólico-funcional’ com Cabo Verde, isto é, assume convictamente os símbolos culturais de Cabo Verde e visita Cabo Verde regularmente como destino relativamente preferencial para gozo de férias. Essa categoria é numericamente a mais expressiva nas comunidades estudadas e, por vezes, portadora de uma imagem romântica e/ou paradisíaca sobre Cabo Verde. Como categoria em expansão temos um terceiro grupo de jovens nessas comunidades cujo denominador comum é o tal chamado ‘sense of belonging<sup>39</sup>’ e a aspiração deles é dar um contributo para o desenvolvimento de Cabo Verde. Esses jovens, cuja identificação com Cabo Verde optamos de forma prática por denominar de ‘pertença funcional’, são portadores de um capital humano e cultural relativamente considerável, estão ligados ou têm afinidade com o associativismo e reúnem potencialmente as condições para exercerem à altura o papel de ‘ponte’ entre Cabo Verde, de um lado, e a sociedade civil dos mesmos países Europeus, de outro lado. A última categoria tem uma relação estritamente ‘funcional’ com Cabo Verde na medida em que se trata de jovens que desejam investir em Cabo Verde como pequenos ou médios empresários. Contudo, devemos salientar aqui que se trata, segundo conseguimos apurar, de um grupo de jovens ainda bastante reduzido em termos numéricos, em fase embrionária de orientação a Cabo Verde, circunscrito ainda à comunidade da Holanda e com limitações não negligenciáveis no que diz respeito ao capital financeiro próprio.

## Promoção de laços com Cabo Verde

Que factores contribuíram para que os jovens de segunda geração nesse países Europeus continuem ligados a Cabo Verde? A família funcionou como força principal para a criação, construção e consolidação da identidade cultural. A música foi também um dos expoentes simbólicos máximos dessas comunidades e uma das componentes mais representativas e estruturantes da identidade cultural. O associativismo foi indubitavelmente não só um dos pilares principais de construção e consolidação do processo de “etnicização” e integração bem como tem sido o instrumento aglutinador e a ‘ponte’ facilitadora e promotora em relação a Cabo Verde. Exemplificativo nesse tipo de acções foi o processo de mobilidade social ascendente de jovens nesses países (conf. Graça, 2010; Albuquerque, 2008) e a capacidade demonstrada pelas mesmas organizações como verdadeiros instrumentos de integração simultânea e dupla, a saber, tanto no país ancestral bem como no de sua naturalidade (Graça, 2009; 2010). Isso está em perfeita consonância com a visão actual do Governo de Cabo Verde no que diz respeito às linhas gerais da sua política de emigração.

Na linha do raciocínio conclusivo atrás apontado, como compreender então os contrastes existentes entre, por exemplo, jovens cabo-verdianos na França e os seus colegas na Holanda sobretudo no que diz respeito à identificação e laços com Cabo Verde? Os resultados empíricos atrás verificados permitem-nos sustentar, se bem que cautelosamente, que isso tem a ver, em grande medida, com as estratégias identitárias e especificidades do processo de “etnicização” dessas comunidades em comparação. A tese aqui defendida é que sobretudo a robustez da dinâmica associativa, a concentração residencial, as sociabilidades interétnicas e as políticas do país de acolhimento são factores determinantes nesse sentido. Um outro elemento de carácter teórico-metodológico que os dados recolhidos nos permitem inferir, mesmo que de forma muito ponderada, é que este estudo confirma a simultaneidade entre o processo integrativo no país de naturalidade e o de ancestralidade demonstrado em vários estudos internacionais (Portes, et al.; 2008; Graça, 2010; Rogers, 2006; Levitt, 2003?). Isso é um contributo relativamente bom para o debate actual

<sup>39</sup> Este termo Inglês significa: ‘sentimento de pertença’.

nessa área. O grande desafio que se fica é, na nossa opinião, o de testar a seguinte proposição dentro da mesma hipótese: quanto maior for o grau de mobilidade social ascendente no país de naturalidade, mais fortes serão os laços de relação com o país ancestral.

## Indicadores

Como reforçar os laços dos jovens de segunda geração com Cabo Verde? Esta é a pergunta-chave que se impõe neste momento. Embora sabendo que isso exige um trabalho de maior abrangência e profundidade, não podemos ficar alheios aos desafios que se desenham nos próximos tempos para os diversos actores nesta área. Por isso, estamos em crer que os resultados deste trabalho autorizam-nos aqui a avançar com dois tipos de instrumentos, a saber: indicadores relacionados com o reforço de laços dos jovens de segunda geração com Cabo Verde; potenciais pistas de reflexão sobre a (futura) estratégia de acção. Quanto aos indicadores podemos desde já sublinhar que se trata de elementos que indicam e traduzem em termos operacionais o que pretendemos fazer para que sejam reforçados os laços desses jovens com Cabo Verde. Contudo, existem vários sistemas de classificar os indicadores (Jannuzi, 2005). Neste trabalho optamos por razões práticas por falar em dois tipos de indicadores, nomeadamente indicadores indirectos e indicadores directos. Os primeiros foram abordados no parágrafo anterior e, tal como ficou demonstrado nos capítulos anteriores, são eles os mecanismos que estão na base da construção, desenvolvimento e consolidação da identidade cultural étnica nas comunidades diaspóricas e cujo efeito resultante se transforma no sentimento de pertença e aspiração desses jovens em manterem os seus laços com a terra ancestral. Estamos aqui referindo ao associativismo, a família, a música, a língua e práticas culturais de vária índole. Os que preferimos designar por indicadores directos são os seguintes: visitas a Cabo Verde, diversas formas de intercâmbios, estágios profissionais, trabalhos académicos de fim de estudo, transferências de remessas sociais, investimento no sector privado de Cabo Verde e participação em eventos sociais e/ou culturais sobre a mesma temática em Cabo Verde. Voltaremos à mesma questão na parte final deste documento para, entre outros, apresentar alguma ‘boas práticas’ nessa área.

## Pistas para acção

O segundo instrumento que pretendemos aqui avançar como ‘potencial pista de reflexão’ baseia-se no seguinte raciocínio estratégico. Estamos perante um grupo-alvo com características bastante diferentes da primeira geração. Isso implica uma mudança de visão por três motivos, no mínimo. Primeiro porque o paradigma virado para o reforço ou mesmo para a reorientação do sistema de remessas financeiras está, em grande medida, ultrapassado. Segundo para reafirmar que os resultados deste estudo demonstram que a esmagadora maioria dos jovens de segunda geração manifestam uma relação ‘funcional’ com Cabo Verde e não de carácter afectivo. Terceiro para sustentar que faz muito mais sentido pensar num novo paradigma de abordagem desses jovens baseado numa visão de ‘win-win situation’<sup>40</sup>. Pois, é de se perguntar se a célebre frase de John Kennedy, ‘ask not what your country can do for you, ask what you can do for your country’<sup>41</sup>, frequentemente repetida nos discursos dos governantes cabo-verdianos durante os encontros com emigrantes cabo-verdianos, terá algum efeito positivo nesses jovens de segunda geração.

---

<sup>40</sup> Este termo quer dizer que no trajecto haverá benefícios para os actores envolvidos no processo.

<sup>41</sup> Tradução literal: ‘não pergunte ao seu país o que pode fazer por si, mas sim o que pode fazer para seu país’.

Mas essa visão baseada no 'win-win situation' não tem que necessariamente ser de ordem material e nem funcionar sempre de forma manifesta. Trata-se duma visão estratégica e, como tal, pode tomar diferentes contornos para que os objectivos e metas preconizados possam ser alcançados. Também a visão implica que os actores relativamente melhor posicionados ou motivados tomem iniciativas e que tenham atitudes empreendedoras porque nesse tipo de 'espaço social' (Bourdieu, 1979) estamos perante, entre outros, complexas e múltiplas desigualdades entre os vários actores em questão. Defendemos ainda essa visão estratégica porque ela vai de encontro à postura 'funcional' que a maioria esmagadora de jovens de segunda geração mostra em relação a Cabo Verde. Também porque o sentimento dessa pertença dos jovens não se traduz automaticamente em sentimento de 'dever patriótico' na medida em que se caracterizam, regra geral, por uma dupla identidade e automaticamente 'dupla lealdade' em relação aos dois países. Portanto, o apelo ao factor afectivo deve dar lugar à visão 'win-win' consubstanciado, entre outros, em projectos de visitas grupais, intercâmbios de ideias e conhecimentos, projectos sustentáveis de remessas sociais com visibilidade em ambos países, estadia em Cabo Verde para realização de trabalhos de fim de estudos universitários (monografias, dissertações) e possibilidades de fazer estágios profissionais. No anexo na parte final sobre indicadores e 'boas práticas' temos inserido um testemunho duma jovem que poderá servir de um bom exemplo nesse sentido.

A mesma visão estratégica é aplicável ao associativismo, cultura e outros instrumentos com potencial influência no processo de reforço dos laços da segunda geração com Cabo Verde. Sobretudo em relação ao associativismo deve-se, a nosso ver, descortinar quais as melhores formas e tipos de incentivos para os dirigentes dos próximos tempos. A mesma regra é aqui aplicável, a saber, o incentivo pode ser material ou imaterial. Aliás, os dirigentes associativos contribuem, regra geral, de forma desinteressada para o funcionamento das organizações e a chave da questão é saber o que os motiva a tal. Mas o maior desafio em relação ao associativismo é a adaptação aos novos tempos, com novas formas de sustentabilidade, capacidade técnica à altura dos desafios, visões pró-activas e empreendedoras e a sua libertação, mesmo que gradual, da crónica dependência assistencialista que já se transformou em autêntica armadilha de sufoco existencial das organizações. Somos também de opinião que a nossa cultura funciona como o 'cimento da nação diaspORIZADA' e, como tal, deve ser investido nela. Porém, tratando-se duma área tão abrangente e diversificada como ela é, a questão estratégica que se põe é: quem está em estado ou deve investir nesse terreno? Escusado será dizer aqui que articulações e parcerias a todos os níveis são indispensáveis nesse domínio. O mesmo se pode falar do turismo, aproveitamento da potencialidade dos jovens na área económica, estágios e intercâmbios de vária ordem e nível.

Finalizando e tomando os resultados conseguidos como referência crítica de análise concluímos que muita coisa ficou por se fazer para que se tenha um conhecimento empírico e analítico à altura das exigências consubstanciadas nos objectivos preconizados pelo Governo de Cabo Verde em relação às segundas gerações de cabo-verdianos na Europa. Como caracterizar empírica e analiticamente melhor essa camada de descendentes cabo-verdianos à luz da sua integração no país de sua naturalidade e, ao mesmo tempo, a sua identificação e reforço de laços com o país ancestral? As respostas devem ser encontradas, a nosso ver, através dos seguintes instrumentos de acção.

Primeiro deve-se apostar num trabalho comparativo e de mais profundidade nos países de mais fácil acesso a dados estatísticos e empíricos, ou seja, Holanda, Portugal, Itália e eventualmente Luxemburgo. Dado sobretudo à sua expressão numérica e eventual potencialidade humana existente impõe-se, em segundo lugar, um investimento sério num estudo que abarca as características mais relevantes das comunidades estabelecidas nas diversas cidades em França. Em terceiro lugar torna-se de crucial importância que em

todos esses futuros trabalhos atrás mencionados seja dada a máxima prioridade à recolha de dados e análise das camadas intermédia que se situa entre os segmentos de mobilidade social descendente e ascendente. Como quarto instrumento deve-se priorizar as entrevistas com o grupo-alvo, isto é, com os jovens de segunda geração e recolha de dados estatísticos em todos esses países e cidades de concentração. Por último, torna-se recomendável que, preferencialmente, esforços sejam envidados no sentido de se procurar o ancoramento formal dos estudos nalgumas instituições através de eventuais mecanismos de cooperação e, ao mesmo tempo, aproveitamento de quadros cabo-verdianos disponíveis e com experiência na área. Esse manancial de temas, ideias e questionamentos expostos neste capítulo remetem-nos para algumas recomendações que a seguir apresentamos, de forma sintética.

## 9. Recomendações

No último capítulo apresentamos as conclusões concernentes a este breve trabalho sobre a segunda geração de cabo-verdianos em Portugal, Holanda, Itália e França. Essas conclusões servem-nos de base para a elaboração de algumas recomendações que a seguir passamos a enunciar. Outra fonte importante que está na base dessas recomendações tem a sua origem nas perguntas formuladas aos nossos entrevistados sobre as acções e medidas que devem ser tomadas, por quem de direito, para que os laços entre essa segunda geração de cabo-verdianos e Cabo Verde sejam reforçados. As suas respostas, como é óbvio, constituem uma mais-valia significativa nesse domínio. Contudo, essas respostas extravasaram o âmbito de acção deste estudo, mas aproveitamos selectivamente aquelas que dizem respeito a este tema contemplando-as aqui como parte integral das recomendações. Assim, com base nessas duas componentes de ideias formulamos as seguintes recomendações, as quais são dirigidas às instituições que encomendaram o projecto e eventuais outros parceiros e instituições afins, seja em Cabo Verde e/ou nos países europeus atrás mencionados.

1. Promover a realização de estudos mais abrangentes e aprofundados sobre a segunda geração na França, Itália, Holanda e Portugal no sentido de facilitar o conhecimento mais adequado desse tema e medidas a serem tomadas. Esses estudos devem ser realizados, de preferência, em parceria com instituições especializadas no ramo e/ou quadros cabo-verdianos ali residentes e com especial prioridade para os dois primeiros países onde as situações são mais críticas e as necessidades mais prementes.
2. Assumir um novo paradigma estratégico de abordagem, sensibilização e aproveitamento das potencialidades dos jovens de segunda geração que leve em conta a especificidade, aspirações e interesses dessa camada no respeitante à sua relação com Cabo Verde.
3. Fomentar programas de visitas e projectos de intercâmbio, estágios de jovens cabo-verdianos nos vários domínios (cultural, escolar, formação profissional), e estadias em Cabo Verde para realização de trabalhos de fim de estudos universitários incentivando e apoiando organizações e instituições para tal vocacionadas, sobretudo levando em conta que existem alguns fundos públicos europeus destinados a tal fim e várias instituições da sociedade civil interessadas nisso, mas que raramente são aproveitados pelos cabo-verdianos.
4. Elaborar um plano de acompanhamento regular e apoio às lideranças associativas na Europa no sentido de se desenvolver uma nova visão estratégica, reflexão, reestruturação, capacitação e reorientação do associativismo nesses países europeus por forma a poder cumprir o seu papel, sobretudo no tocante à integração dos jovens de segunda geração no país de sua naturalidade e em Cabo Verde.
5. Aproveitar as novas tecnologias de comunicação como veículos de interacção, debate de ideias, difusão e disseminação da cultura cabo-verdiana e ainda como instrumentos que reforcem o sentimento de pertença junto dos jovens de segunda geração nesses países europeus.
6. Encorajar e apoiar iniciativas na Europa no sentido de promoção e aprendizagem tanto do Crioulo bem como do Português pelos jovens da segunda geração de cabo-verdianos.

7. Apoiar as organizações cabo-verdianas (sobretudo na Itália e França) na aquisição de espaços comunitários como instrumentos facilitadores quanto à implementação de projectos, divulgação da cultura e promoção de actividades de vária índole.
8. Incentivar e apoiar, em estreita articulação e parceria com organizações cabo-verdianas e instituições dos países de acolhimento, a elaboração e materialização de projectos virados para o combate ao insucesso e/ou abandono escolar nesses países, constituindo o envolvimento dos pais cabo-verdianos no processo uma das maiores prioridades nesse sentido.
9. Criar uma base de dados sobre as necessidades e potencialidades dos jovens de segunda geração na Europa com vista à sua maior aproximação e participação no desenvolvimento de Cabo Verde.
10. Aproveitar o estatuto de membro da CPLP, na linha daquilo que o Senegal fez com os países de expressão francófona, há algum tempo atrás, para fazer a promoção e facilitação do enquadramento de jovens cabo-verdianos altamente qualificados na Europa que eventualmente estejam interessados em pôr os seus conhecimentos, competências e experiências em benefício desses países de expressão portuguesa.

# Apêndice 1

## Indicadores e ‘Boas práticas’

### Indicadores

Conforme referido no capítulo das conclusões, os indicadores são instrumentos usados para operacionalização de uma demanda de carácter temático. Neste nosso trabalho isso tem a ver com algo muito concreto e que se traduz no seguinte: ‘reforço dos laços dos jovens de segunda geração com Cabo Verde’. Para a escolha de indicadores é necessário que, de acordo com a lógica de aplicação dos mesmos, algumas propriedades sejam levadas em conta. Referimo-nos aqui à relevância, validade, fiabilidade, factibilidade, cobertura do grupo-alvo, sensibilidade e especificidade perante o objectivo preconizado. Tomando analiticamente em conta essas propriedades atrás referidas bem como as conclusões atrás formuladas e especificadas, conseguimos operacionalizar o objecto central deste estudo em dois tipos de indicadores que estão integrados nas recomendações atrás enunciadas, nomeadamente indicadores indirectos e indicadores directos. Os indicadores directos têm a ver com o papel e dinâmicas dos seguintes elementos:

1. Família
2. Língua
3. Associativismo
4. Música
5. Outras práticas culturais (dança, gastronomia, teatro, etc)

Os indicadores indirectos contribuem de forma indirecta para que o objectivo seja realizado, criando as condições básicas para tal. Contudo, não são indicadores de carácter quantitativo e nem sempre se pode facilmente estabelecer uma relação relativamente directa entre a acção e o (potencial) efeito desses indicadores.

Como indicadores directos optamos pelos seguintes:

1. Visitas (grupais) a Cabo Verde
2. Intercâmbios com jovens em Cabo Verde
3. Intercâmbios com jovens da mesma faixa etária nas outras comunidades diaspóricas
4. Intercâmbio institucional, tais como intercâmbios de instituições escolares de países Europeus a nível de delegações constituídas por professores e alunos de origem cabo-verdiana com as suas congéres em Cabo Verde.
5. Estágios profissionais (a todos os níveis) de jovens da segunda geração em Cabo Verde e trabalhos universitários de fim de estudo (monografias e dissertações)
6. Participação em eventos sociais e/ou culturais orientados à categoria social deste estudo, tais como congressos, conferências, fóruns e workshops.

Os indicadores directos são mais mensuráveis e estabelecem uma relação mais directa com o objectivo programático estabelecido. Esses indicadores surgem, muitas vezes, como efeito das acções protagonizadas pelos indicadores indirectos.

## Boas Práticas

Ao longo da apresentação dos resultados empíricos deste trabalho foram analisados e enunciados um certo número relativamente elevado de actividades levadas a cabo pelo associativismo como seus potenciais contributos para o reforço dos laços entre as segundas gerações e Cabo Verde. Esses dados demonstram claramente que o associativismo desempenha um papel de referência nesse âmbito dado à sua dinâmica, orientação e variedade de actividades levadas a efeito nesta área em estudo. Exemplificativo disso mesmo foram os testemunhos sobre o papel dos Congressos de Quadros. Mas na impossibilidade de apresentarmos uma recolha bibliográfica de textos existentes ou documentos sobre actividades relacionadas com o reforço de laços com Cabo Verde, optamos pela apresentação dum número muito resumido daquilo que consideramos ser alguns exemplos de ‘boas práticas’ do associativismo em várias áreas. Por isso, damos atenção a projecto(s) da Fundação ‘Intercâmbios Internacional da Holanda, Projecto Mundo Kriol como iniciativa da OMCVI e outras em Itália, Concurso musical ‘Vozes da Diáspora’ da Organização das Mulheres Cabo-verdianas em França e projecto de intercâmbio escolar da Fundação de ‘Amigos de Paúl, Holanda. Para maior clarificação esclarecemos que esses dados foram extraídos directamente através dos sites dessas organizações e conversas (telefónicas) com alguns organizadores.

### *Intercambios International<sup>42</sup>*

A Fundação Intercambios International (ICI) foi criada em 2005 e é uma organização de jovens com sede em Roterdão. A organização conta actualmente com 16 membros e está orientada para várias seções de trabalho. Até agora foram desenvolvidos vários projectos nas seguintes áreas: educação, assistência e segurança dos cidadãos. A ICI aposta na transferência de conhecimentos e, nos últimos anos, adquiriu experiência na elaboração de projectos tendo conseguido criar e alargar uma grande rede social e institucional nesse sentido.

### *Projecto Open Your Eyes (Sal)*

Um dos grandes sucessos da ICI foi o projecto ‘Open Your Eyes’. Esse projecto foi realizado, em 2008, na ilha do Sal. A Intercâmbios Internacional fez campanha contra HIV/SIDA e drogas nessa ilha. Este projecto tornou-se possível com o apoio do Xplore, uma organização governamental Holandesa. Na ilha do Sal a delegação da Holanda visitou várias organizações da juventude, a prisão, o hospital, Morabi e Bar Calema onde partilharam conhecimentos e experiências sobre a população local em relação ao HIV/SIDA e uso de drogas. Em Roterdão, os jovens vindos de Cabo Verde visitaram várias instituições onde eles tomaram conhecimento e adquiriram experiência sobre o HIV/SIDA e prevenção no tocante ao uso de drogas. O projecto de intercâmbio resultou também numa troca de ideias novas sobre actividades a serem levadas a cabo no futuro na ilha do Sal.

Durante a segunda parte do mesmo projecto de intercâmbio em Roterdão, os jovens visitaram a instituição Bouman GGZ<sup>43</sup>. Foi-lhes apresentado um programa através da Internet onde os jovens obtiveram informações sobre drogas. Internet é para os jovens um instrumento acessível e estimulante para procurar informações necessárias. O Banco Holandês RaboBank em Roterdão apoiou o projecto concedendo 15 computadores. Os jovens trabalharam em conjunto através da Internet em diversas actividades. Os computadores oferecidos aos jovens cabo-verdianos permitem-lhes estar mais em contacto com os jovens

---

<sup>42</sup> [www.intercambios.nl](http://www.intercambios.nl)

<sup>43</sup> Instituição que apoia pacientes com problemas de foro psíquico e outros similares

na Holanda e obter informações sobre esse mesmo país. Isso contribuiu para uma boa troca de conhecimentos entre os jovens envolvidos.

Cooperação com o Instituto Superior de Rotterdam e Den Haag A Fundação Intercambios International trabalha em cooperação estreita com os institutos superiores de Roterdão e Haia. Desta forma, os estudantes têm a oportunidade de fazer pesquisa sobre os diferentes problemas/ possibilidades existentes em Cabo Verde. O resultado das pesquisas é traduzido para o português e / ou inglês e distribuído em Cabo Verde. Esta forma de cooperação oferece a Cabo Verde a possibilidade de fazer uso de forma estruturada do conhecimento e informação da Holanda. Também oferece aos estudantes holandeses e os de origem cabo-verdiana a oportunidade de trabalharem com questões actuais e internacionais e, assim, contribuir para o desenvolvimento de um país como Cabo Verde. A Fundação Intercambios funciona aqui como uma organização intermediária entre os estudantes e as empresas/instituições em Cabo Verde.

Exemplos recentes desta cooperação são; o projecto de habitações sociais; o estudo de viabilidade para a implementação da horticultura na ilha do Sal; um zorghotel (hotel para prestação de cuidados) em Cabo Verde. Em 2012, foi iniciado um projecto relacionado com o estágio profissional de jovens desses institutos na ilha do Sal. Ilustrativo sobre o efeito desse tipo de intercâmbio nos jovens que participam em projecto do género é o seguinte testemunho inserido no último número do boletim informativo da ICI.

*Tenho 24 anos e estou seguindo o quarto ano do estudo sobre gestão de lazer<sup>44</sup> no Instituto Superior de Roterdão. Para mim esta escolha foi fácil. Desde pequena sinto que tenho uma certa vocação para coisas de carácter social e também sempre tinha um desejo enorme em fazer o meu estágio em Cabo Verde. Da minha área fui a primeira aluna a estagiar-me em Cabo Verde e tive a sorte que os meus professores já tinham tido contactos de cooperação com a ICI. Dado a área da minha formação, fui integrada no município do Sal para fazer pesquisa sobre actividades de lazer dos jovens na ilha. O vereador da Juventude e Desporto actuou como o meu orientador durante o estágio e fiz os meus trabalhos de pesquisa, entre outros, em vários bairros pobres de Espargos. Considero esta experiência de excepcional. Durante o estágio adquiri muita experiência e graças a essa oportunidade estou hoje plenamente convicta de que quero voltar definitivamente a Cabo Verde para ir lá viver e trabalhar. (Suely do Rosário, estagiária do Instituto Superior de Roterdão<sup>45</sup>)*

### **Projecto Mundo Kriol<sup>46</sup>**

Período de execução do projecto: 2009-2011

O projecto, elaborado na Área Temática Comunidades Migrantes, no âmbito da “Iniciativa Conjunta Migração para o Desenvolvimento”, gerido pelo UNDP em parceria com a Comissão Europeia, visa promover o acesso às tecnologias de TIC baseado em *software* livre e equipamentos de *trash-ware* em Cabo Verde, ilha de São Nicolau, com o objectivo de reforço da inclusão social, a comunicação entre a comunidade local e migrantes e promover o empreendedorismo local. A difusão das TIC em Cabo Verde é limitada a 8,7% do total da população por causa da dispersão geográfica e altos custos. Os países em desenvolvimento normalmente depende do sistema de comunicação tradicionais (TV, rádio) que não permite que as comunidades locais tenham acesso à produção de informação e elaboração.

<sup>44</sup> Ensino Superior Profissionalizante

<sup>45</sup> Fonte: Boletim Informativo da ICI, Julho de 2012

<sup>46</sup> O projecto foi concebido e executado em forma de joint venture e por quatro organizações, a saber: Lunaria, OMCVI, Binario Etico e Associação Jovens Solidários (São Nicolau)

Um acesso com poderes para TIC, através de *software* livre e equipamentos de baixo custo, como è demonstrado por diversas experiências internacionais (Ex.: UNESCO Centros Comunitários de Multimídia, Telecentro IDRC-PNUD), vai permitir a comunidade cabo-verdiana de ser protagonista e promotor de uma comunidade de informação, capaz de desenvolver a participação da raiz de grama e de reforçar a coesão social, a educação não formal e não formal, o conhecimento linguístico e de comunicação com os migrantes na Europa.

Através da criação de um Centro Multimédia na ilha de São Nicolau, o projecto oferece 10 cargos de PC, 1 posição *streaming* de rádio e 1 de vídeo que faz o equipamento para a comunidade local. O Centro Multimédia será gerido pelo local Associação Jovens Solidários (AJS). Além disso, a parceria irá proporcionar uma formação técnica específica dirigida aos agentes locais e organizado pela Binario Ético, a fim de criar um grupo de especialistas capazes de gerir o Centro ou qualquer eventual problema técnico e também oferecer apoio técnico para a instalação de semelhante serviços em outras ilhas de Cabo Verde promovendo o empreendedorismo local.

Ao mesmo tempo, graças ao envolvimento da comunidade cabo-verdiana na Itália (Associazione Donne Capoverdiane in Italia – OMCVI), o projecto prevê 2 cursos de formação sobre a utilização das TIC e ferramentas de comunicação participativa (web 2.0, vídeo, rádio web, etc), geridas pelo Lunaria e dirigidas a 2 grupos diferentes: um grupo de jovens na Itália composto por imigrantes cabo-verdianos e um grupo de jovens em Cabo Verde composto por jovens locais. Os dois grupos irão aprender noções básicas de *software* livre e recuperação de computadores de segunda mão. Eles terão a oportunidade de experimentar as suas novas competências, realização de informações curtas e projectos de comunicação sobre a vida social da juventude em Cabo Verde diáspora e no país de origem.

Um esforço especial será dedicado à segunda e terceira gerações que vivem na Itália. Isso irá criar sinergias positivas para se poder reflectir sobre questões de migração, desenvolvimento e estadia nos países de origem envolvendo também outras partes interessadas, instituições locais e decisores políticos. Os dois grupos que participam nos cursos de formação serão envolvidos em dois intercâmbios bilaterais, um em Cabo Verde e um em Roma, a fim de reforçar a cooperação futura no centro de actividades multimédia e “descobrir” as condições de vida no país de origem e de acolhimento envolvendo outras pessoas interessadas, instituições locais e responsáveis políticos.

O futuro do projecto será garantir a sustentabilidade económica do Centro Multimédia, enquanto a sua divulgação será assegurada por um website administrado por jovens cabo-verdianos, tanto em Cabo Verde bem como na Itália.

(Texto extraído integralmente do site): <http://www.mundokriol.net/projeto/>

### **Concurso ‘Vozes da Diáspora’.**

Depois duma primeira edição do concurso ‘Vozes da Diáspora’ nos Estados Unidos e outra em Portugal eis que surge uma terceira, desta feita, em Paris. O concurso foi levado a cabo pela Associação das Mulheres Cabo-verdianas em Paris, a 12 de maio de 2012, em parceria com a ‘Fundação Infância Feliz’ sediada em Cabo Verde. Um dos objectivos do projecto era transmitir a cultura cabo-verdiana às novas gerações de cabo-verdianos da Diáspora e estimular a sua participação nas actividades culturais que dizem respeito às

suas raízes ancestrais. Também pretendia-se com o concurso promover uma integração dupla dos jovens, ou seja, integração no país da sua naturalidade e na terra dos seus pais. O concurso exprimia também um carácter de dupla identidade cultural, na medida em que, cada jovem participante deveria apresentar duas canções, sendo uma cantada em Crioulo e outra interpretada na língua do seu país de naturalidade. O objectivo principal do concurso era, portanto, manter e reforçar os laços culturais dos jovens da segunda geração da Diáspora com Cabo Verde, através da música. A organização defende que a nossa música pode ser considerada como o cimento e como o elemento federador dos cabo-verdianos no mundo independentemente das suas ilhas de origem, país de emigração e gerações. Participaram no concurso jovens vindos de vários países, tais como Portugal, Suíça, Holanda, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Estados Unidos e França. A actividade contou com a presença de aproximadamente 400 pessoas e os organizadores estão bastante convictos de que os objectivos foram plenamente atingidos.

### *Projecto de intercâmbio escolar, Gijsbert Karel Hoogendorp*

As crianças da comunidade cabo-verdiana na Holanda tiveram o grande privilégio de poder usufruir, durante cerca de três décadas, de ‘aulas na própria língua e cultura’. Isso foi um dos motivos principais por que muitas escolas primárias de Roterdão decidiram promover visitas de intercâmbio com as suas congéneres em Cabo Verde. Depois da extinção do atrás mencionado ensino surgiram vários outros tipos de intercâmbio entre as instituições de ensino primário em Roterdão e suas congéneres em diversas ilhas de Cabo Verde. Como não podemos dar atenção às outras iniciativas, tomamos como exemplo de ‘boas práticas’ o mais recente intercâmbio que foi organizado pela Fundação ‘Amigos de Paul’ e que, desde os princípios dos anos 90, vem desenvolvendo projectos sociais em benefício de diversos grupos-alvos em Cabo Verde. Para isso a Fundação ‘Amigos de Paul’ tem podido contar com apoio de várias escolas, entre as quais, a escola secundária profissional ‘Gijsbert Karel van Hogendorpschool’ (GKH) de Roterdão.

A escola GKH tem estado envolvido em projectos de solidariedade com Cabo Verde desde 2005. Isso tem acontecido através de envio de oito contentores de materiais escolares a diversas escolas de Cabo Verde. Tendo sido abordada pela Fundação ‘Amigos de Paul para apoio na construção de um centro comunitário no município de Paúl, Santo Antão, a GKH, mobilizou seus alunos os quais desencadearam uma maratona desportiva para arrecadação de fundos em benefício do centro comunitário para jovens de Figueiral, Paúl. Sendo uma escola frequentada por um número significativo de adolescentes de origem cabo-verdiana a direcção escolar tomou a decisão de programar uma viagem de intercâmbio com o Liceu Januário Leite em Paúl que viria a coincidir com a abertura oficial do centro comunitário de Figueiral. Isso aconteceu em Maio passado tendo deslocado para tal fim e durante uma semana uma delegação da mesma escola holandesa constituída por dois professores e nove alunos, entre os quais alguns de origem cabo-verdiana. O objectivo principal foi o intercâmbio de conhecimentos e ideias sobre o papel do ensino profissional no que diz respeito ao desenvolvimento do turismo sustentável no mesmo município. Os jovens estudantes da escola GKH tiveram vários encontros de trabalho com os seus colegas sobre vários temas e participaram em diversas actividades conjuntas. A língua de trabalho foi o Inglês e escusado será dizer que ambas as escolas envolvidas dedicaram algum tempo na preparação dos alunos sobre isso.

De acordo com os organizadores em Roterdão, a semana de intercâmbio entre a GKH e o Liceu Januário Leite no município de Paúl foi uma experiência sensacional: a GKH destaca, sobretudo, a experiência adquirida para a internacionalização e enriquecimento cultural da mesma instituição; os professores holandeses ficaram com uma bagagem muito mais rica e doravante mais aptos para apoiar, orientar e compreender os seus alunos; sobretudo os pais dos jovens cabo-verdianos que se deslocaram ficaram altamente comovidos e

orgulhosos com tal iniciativa; os jovens cabo-verdianos vieram extremamente entusiasmados, com muito mais ansiedade para melhorar as suas prestações escolares e, quiçá em breve, voltarem a pisar Cabo Verde; foi assinado um protocolo de cooperação entre as partes envolvidas para um período de três anos.

## Apêndice 2

### Listas bibliográficas sobre descendentes de imigrantes e resumos

Na impossibilidade de uma lista bibliográfica sobre textos orientados para o reforço dos laços com Cabo Verde e de acordo com objectivos enquadrados na nossa proposta de estudo, apresentamos a seguir listagens bibliográficas de alguns estudos que podem servir de referência para futuros trabalhos. A nossa escolha dos temas teve como linha de orientação a ligação (directa ou indirecta) e o grau de afinidade com o tema do nosso breve estudo, ‘as segundas gerações de cabo-verdianos na Europa e o reforço dos laços com Cabo Verde’. Para tal fim recorreremos às seguintes fontes:

1. **Fonte 1** - À base da Bibliografia elaborada por investigadores ligados ao CIES-ISCTE (Fernando Luís Machado, Joana Azevedo e Ana Raquel Matias).
2. **Fonte 2** - Lista elaborada por nós e fazendo uso da nossa biblioteca pessoal e dados seleccionados e recolhidos pessoalmente através de diversas outras fontes científicas de acesso público.

#### Bibliografia elaborada por investigadores ligados ao CIES-ISCTE

##### F1.1

**AA.VV. (2005), Caminhos para a Integração. Condições de Vida, Aspirações e Identidades de Jovens Descendentes de Famílias Imigrantes na Europa, Lisboa, 90 Graus Editora. [documento institucional]**

Estudos e testemunhos diversos, centrados na questão da integração dos descendentes de imigrantes, em Portugal e noutros países europeus. Focam-se os seguintes temas: o papel da escola; identidade nacional e integridade pessoal; políticas de integração; racismo e violência; auto-mobilização dos descendentes de imigrantes; cultura como factor de integração.

##### F1.2

**AA.VV. (2007), Descendentes de Imigrantes: um Lugar na Sociedade Portuguesa, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. [documento institucional]**

No âmbito das iniciativas para a integração dos jovens de origem imigrante, reúnem-se as narrativas de doze jovens em torno das suas trajectórias e vivências. Os testemunhos recolhidos organizam-se em três partes: a escola, o trabalho e a formação; os espaços de sociabilidades e de habitação; a cultura, o associativismo e a participação cívica.

##### F1.3

**Albuquerque, Rosana (2000), “Political participation of Luso-African youth in Portugal: some hypothesis for the study of gender”, Papers, 60, pp. 167-182. [Artigo em revista científica]**

Estudo sobre a intervenção associativa e cultural dos jovens descendentes de imigrantes africanos e sobre as relações sociais de género nesse contexto.

##### F1.4

**Antunes, Marina Manuela (2003), Estrela d'África, um Bairro Sensível: um Estudo Antropológico sobre Jovens na Cidade da Amadora. Lisboa, ISCTE. [Tese de doutoramento]**

Abordagem etnográfica sobre os jovens descendentes de imigrantes no bairro Estrela d'África, tomando como referente empírico o grupo “Estrelas Cabo-verdianas”. Analisam-se redes familiares e de vizinhança, relações de amizade, práticas e sociabilidades dos jovens do grupo, identificando a forma como estes

constroem as suas identidades individuais e colectivas no espaço do bairro. Os jovens recorrem a marcadores simbólicos que ora reforçam a continuidade ora a ruptura com os elementos socioculturais de origem dos progenitores.

#### **F1.5**

**Barbosa, Carlos Elias (2006), Vozes e Olhares de Fronteira: os Filhos de Imigrantes Cabo-verdianos nos Bairros Alto da Cova da Moura e 6 de Maio, Coimbra, Universidade de Coimbra. [Dissertação de mestrado]**

Identificam-se os processos sociais de construção das identidades dos filhos de imigrantes cabo-verdianos residentes em dois bairros do concelho da Amadora. Analisam-se os problemas relativos à segregação e à exclusão, às culturas juvenis de risco, à economia paralela e à criação de mercados informais nos bairros. Lança-se um olhar em profundidade sobre as referências identitárias destes jovens, onde a música e a língua se destacam como campos de múltiplas referências e de apropriação criativa de uma herança.

#### **F1.6**

**Barbosa, Carlos Elias, e Max Rubens Ramos (2008), "Vozes e movimentos de afirmação: os filhos de cabo-verdianos em Portugal", in Pedro Góis (org.), Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana, colecção Comunidades, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. [Capítulo de livro científico]**

Discute-se a questão da inclusão e exclusão social dos jovens descendentes de cabo-verdianos. Por um lado, analisam-se os principais espaços de representação social, como o rap e o hip hop, enquanto espaços de sociabilidade e de afirmação de identidade. Por outro, dá-se conta da importância da dimensão espacial no processo de socialização primária, em particular do significado que assume o bairro, a par da família e da escola, como espaço estruturante das identidades.

#### **F1.7**

**Batalha, Luís (2004), "Contra a corrente dominante: histórias de sucesso entre cabo-verdianos de segunda geração", Etnográfica, vol. 8, 2, pp. 297-333. [artigo em revista científica]**

O autor dá a conhecer histórias de jovens de origem cabo-verdiana com percursos de integração bem sucedidos e que se foram posicionando entre a classe média da sociedade portuguesa. Os exemplos de sucesso aqui reportados têm em comum uma valorização da escola a nível individual e da família, uma estrutura familiar sólida, a frequência de escolas com ensino de qualidade e, ainda, o domínio da língua de origem e da língua portuguesa.

#### **F1.8**

**Carvalho, Francisco Avelino (2005), Filhos de Imigrantes Cabo-Verdianos em Portugal: a Questão Identitária, Working Paper, Lisboa, Socinova-UNL. [Working paper científico]**

Abordam-se os posicionamentos identitários dos filhos de imigrantes cabo-verdianos, equacionando as relações complexas e diversificadas que estabelecem com o seu país de origem, Portugal, com o país de origem dos pais, Cabo Verde, e com os espaços transnacionais da diáspora cabo-verdiana.

#### **F1.9**

**Carvalho, Francisco Avelino (2007), "Segunda geração e crise de identidade. Breve discussão de conceitos", Revista de Estudos Cabo-verdianos, 1, pp. 167-175. [Artigo em revista científica]**

Discutem-se, por um lado, a mais-valia analítica da expressão "segunda geração de imigrantes" e, por outro, as razões que levam a que muitos autores se demarquem ou recusem utilizar essa expressão. O autor argumenta que adoptar esta expressão não implica uma concepção dos filhos de imigrantes também como

imigrantes, mas antes sublinhar uma ascendência e herança imigratória de que são portadores. O autor aborda ainda a questão da identidade dos filhos de imigrantes cabo-verdianos, designadamente o discurso sobre a sua crise de identidade.

#### **F1.10**

**Fernandes, Marta Monteiro (2006), *Pertenças Identitárias de Jovens do Casal da Boba*, Lisboa, Universidade Aberta. [Dissertação de mestrado]**

Estudo sobre as pertenças identitárias de jovens de origem cabo-verdiana do bairro do Casal da Boba, na Amadora. O estudo teve como objectivo compreender de que forma este grupo define e afirma as suas pertenças identitárias. Os resultados mostram que estamos em presença de dois códigos culturais, um transmitido por via familiar, e o outro pelo contacto com a sociedade de acolhimento, configurando uma gestão identitária complexa.

#### **F1.11**

**Fernandes, Marta Monteiro (2006), *Códigos de uma juventude rebelde: um estudo realizado no bairro do Casal da Boba*. In: Débora Quaresma, e Susana Guerra (Eds.), *Fora de Lugar*.**

**Fronteiras, Migrações e Minorias. Lisboa, Publidisa, pp. 91-108. [Capítulo de livro científico]**

Analisa-se a inserção social de jovens descendentes de cabo-verdianos realojados no bairro do Casal da Boba, na Amadora. Reflecte-se acerca do impacto da mudança para um novo contexto socio-espacial, o significado atribuído por estes jovens às suas origens e ao contexto onde vivem, procurando-se compreender de que forma estas representações influenciam o seu processo de construção identitária, e quais as tensões que enfrentam na gestão do seu quotidiano e das suas sociabilidades.

#### **F1.12**

**Fernandes, Marta Monteiro (2007). *Identities e condições sociais de existência de jovens descendentes de imigrantes*. *Sociedade e Trabalho*, 33, pp. 69-80. [Artigo em revista científica]**

Dá-se a conhecer os principais resultados de um estudo de caso sobre as pertenças identitárias de jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos do Casal da Boba, na Amadora. A pesquisa foi realizada no período de 2005 a 2006, cruzando diferentes técnicas: recolha documental, observação participante e entrevistas em profundidade. Observa-se que estamos em presença de dois códigos culturais, um transmitido por via familiar, e o outro pelo contacto com a sociedade de acolhimento, o que determina uma gestão complexa das identidades.

#### **F1.13**

**Ferreira, Tatiana (2008), *Identidade, Etnicidade e Nacionalidade. Os Novos Luso-Africanos*, Lisboa, ISCTE. [Dissertação de mestrado]**

Estudam-se os processos através dos quais se estrutura a identidade étnico-nacional dos jovens filhos de imigrantes africanos, e identificam-se as dinâmicas de expressão dessa identidade. Encontram-se dois perfis distintos: os jovens com nacionalidade portuguesa e pertencentes à classe média-alta definem-se como portugueses e em traços gerais apresentam um maior grau de pertença à sociedade portuguesa; os jovens das classes desfavorecidas definem-se em relação ao países de origem dos pais e posicionam-se de forma mais crítica e distanciada perante a sociedade portuguesa.

#### **F1.14**

**Filho, João Lopes (2002). *Entre duas culturas: os filhos dos imigrantes cabo-verdianos*. *Ethnologia*, 12-14, pp. 163-188. [Artigo em revista científica]**

Estudam-se as dinâmicas identitárias dos filhos de imigrantes cabo-verdianos, considerando a articulação entre a cultura cabo-verdiana, os contextos culturais portugueses e modelos culturais afro-americanos. Defende-se que, para além de questões identitárias, os filhos de imigrantes enfrentam condicionalismos resultantes do insucesso escolar e da estigmatização residencial.

#### **F1.15**

**Grassi, Marzia (2008). Identidades plurais na Europa contemporânea: auto-percepções e representações nos jovens de origem africana em Portugal. In: Pedro Góis (Org.), Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana, colecção Comunidades, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. [Capítulo de livro científico]**

Discute-se a emergência de uma consciência europeia em jovens de descendência cabo-verdiana e angolana. A análise assenta no pressuposto de que entre os jovens descendentes de imigrantes já não se verifica apenas a co-presença de identidades de origem e de destino, mas influências identitárias supranacionais, nomeadamente europeias. O estudo reporta-se aos resultados de um questionário realizado junto de 400 jovens de origem cabo-verdiana e angolana residentes na Área Metropolitana de Lisboa.

#### **F1.16**

**Grassi, Marzia (2008), “Portugal na Europa e a questão migratória: associativismo e integração de jovens de origem africana em Portugal”. In: Manuel Villaverde Cabral, Karin Wall, Sofia Aboim, e Filipe Carreira da Silva (Orgs.). Itinerários – A Investigação nos 25 Anos do ICS. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 749-768. [capítulo de livro científico]**

No pressuposto de que a participação em associações é um indicador do capital social, e que as associações constituem canais privilegiados para aceder a recursos institucionais, políticos e económicos, fez-se um inquérito a 400 jovens de origem cabo-verdiana e angolana e entrevistas a responsáveis associativos. Conclui-se que a participação associativa dos jovens é fraca. O papel das associações no acesso dos jovens ao mercado de trabalho mostra-se, igualmente, pouco relevante.

#### **F1.17**

**Machado, Fernando Luís (2006), “Novos portugueses? Parâmetros sociais da identidade nacional dos jovens descendentes de imigrantes africanos”, In: Joana Miranda, e Maria Isabel João (Org.), Identidades nacionais em Debate. Lisboa, Celta, pp. 19-46. [Capítulo de livro científico]**

Analisa-se os sentimentos de pertença nacional dos descendentes de imigrantes africanos, a partir de um inquérito a 1000 jovens entre os 15 e os 29 anos, residentes na região de Lisboa. Conclui-se que a identificação global com Portugal não é muito forte, mas os sentimentos de pertença são multifacetados e desiguais. Variam sensivelmente em função da condição de classe, da escolarização, do local onde nascem e da nacionalidade que possuem, assim como da forma como se sentem percebidos pela sociedade onde estão inseridos.

#### **F1.18**

**Machado, Fernando Luís (2006), “«Novos portugueses?» Parâmetros sociais da identidade nacional dos jovens descendentes de imigrantes africanos”, in Manuel Carlos Silva (org.), %ação e Estado: Entre o Global e o Local, Porto, Afrontamento, pp. 255-279. [Actas de encontro científico]**

Com base em dados quantitativos e qualitativos, estudam-se os sentimentos de pertença nacional de jovens descendentes de imigrantes africanos. Conclui-se que os níveis de identificação destes jovens com Portugal oscilam consideravelmente em função de parâmetros sociais como a classe e a escolaridade e que

dependem também do local onde nascem e da nacionalidade que possuem, bem como do modo como se sentem percebidos pela sociedade portuguesa.

#### **F1.19**

**Machado, Fernando Luís (2007), “Jovens como os outros? Processos e cenários de integração dos filhos de imigrantes africanos em Portugal”. In: António Vitorino (Coord.), Imigração: Oportunidade ou Ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração, Estoril, Principia, pp. 169-197. [Actas de encontro científico]**

Analisam-se os processos de integração dos jovens filhos de imigrantes em cinco dimensões: vínculos objectivos, escola, mercado de trabalho, sociabilidades e vínculos subjectivos. Apesar da sedentarização da imigração africana e da existência de vínculos que ligam objectivamente estes jovens a Portugal – como a posse de nacionalidade portuguesa –, só em parte se registam vínculos subjectivos com o país.

#### **F1.20**

**Mateus, Sandra, e Teresa Seabra (2004), “Etnicidade e ‘excelência escolar’: cabo-verdianos e indianos na AML”, in Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, Actas do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, edição electrónica (www.aps.pt). [Actas de encontro científico]**

A partir dos resultados de um inquérito em escolas do 2º ciclo do ensino básico da Área Metropolitana de Lisboa, aborda-se a relação entre os resultados escolares de alunos de origem imigrante e um conjunto de condições sociais e escolares específicas.

#### **Lista elaborada por A. Graça**

##### **F2.1**

**Cardoso, Sandra Barros. (2011). Vários Percursos Diversas Identificações. Descendentes de Migrantes cabo-verdianos no Bairro de Talude – Unhos. [Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais]. Universidade Aberta. Lisboa. Portugal.**

A autora investiga os vários percursos dos descendentes de imigrantes no bairro de Talude nas seguintes áreas: socialização, relações de género, interacções com outros grupos étnicos e sociedade em geral e como essas interacções influenciam o seu percurso de integração. Os percursos dizem respeito à família, vivência no bairro, escola, mercado laboral, actividades gerais, género, auto-imagem e hetero-imagem. As conclusões apontam, de uma forma geral, as influências que, directa ou indirectamente, influenciam os percursos desses descendentes de imigrantes.

##### **F2.2**

**Machado, Fernando Luís (2008). Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos, Migrações, 2 (número temático, “Imigração e Mercado de Trabalho”), pp. 121-158. [Artigo em revista científica]**

Analisam-se as situações e percursos profissionais dos filhos de imigrantes africanos, a partir de um inquérito por questionário a 1000 indivíduos dos 15 aos 29 anos, na região de Lisboa e Vale do Tejo. Os resultados mostram uma realidade diversificada, que não reproduz mecanicamente a situação da geração dos pais e mães desses jovens. Quanto à comparação com os jovens em geral, conclui-se que, para condições sociais iguais, as situações e percursos profissionais dos filhos de imigrantes não são significativamente diferentes.

### F2.3

**Pires, Sónia (2000). A Segunda Geração de Imigrantes em Portugal e a Diferenciação do Percorso Escolar: Jovens de Origem Cabo-verdiana versus Jovens de Origem Hindu-Indiana, Coimbra, Universidade de Coimbra. [Dissertação de mestrado]**

Trata-se aqui de um estudo comparativo sobre o percurso escolar de jovens de origem hindu e cabo-verdiana em Portugal. A autora utiliza ferramentas teórico-metodológicas para demonstrar que diversos factores, tais como os défices de capital humano e social das famílias, o papel dos recursos étnicos na base de capital social, as diferenças culturais e as estruturas de oportunidades oferecidas pelo espaço de acolhimento influenciam de forma significativa e de várias maneiras os trajectos escolares desses jovens descendentes de imigrantes. Enquanto que no percurso dos jovens hindus as trajectórias escolares parecem estar mais condicionadas pelo papel desempenhado pela família, já nos trajectos dos cabo-verdianos o papel do capital humano tende a funcionar como factor de mais grande influência no processo.

### F2.4

**Lee, Helen. (2008). (Ed.) Ties to the Homeland. Second Generation Transnationalism. Cambridge Scholars Publishing, 15 Angerton Gardens, Newcastle, NE5 2JA, UK. [Livro científico com artigos de vários autores]**

O tema central nesse livro é a segunda geração e os seus laços transnacionais com a terra dos seus progenitores. O livro reúne contribuições de vários investigadores com artigos baseados em estudos de caso em diversos países. A variedade desses artigos permite comparar as práticas levadas a cabo por esses jovens descendentes. Partindo dessa perspectiva de comparação pode-se compreender melhor o fenómeno de transnacionalismo de segunda geração. Trata-se de segunda geração de vários grupos étnicos que se fixaram na Austrália e outros países no oceano pacífico. Alguns exemplos são os Irlandeses, Gregos-Cipriotas, Árabes, Asiáticos, etc.

### F2.5

**Portes, Alejandro (2004). Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. Revista Crítica de Ciências Sociais, 69, pp. 73-93. [Artigo em revista científico].**

Portes é um dos investigadores de renome na área do transnacionalismo e o presente artigo é uma tradução do seu artigo em Inglês 'Conclusion: Theoretical Convergencies and Empirical Evidence in the Study of immigrant Transnationalism'. *International Review*, 37 (3), 2003. pp.874-92.

Neste trabalho, Portes sintetiza alguns dos aspectos empíricos e conceptuais em relação ao transnacionalismo. Trata-se de aspectos caracterizados por uma certa polémica entre os investigadores. Assim, Portes demonstra no artigo onde há consenso entre os vários investigadores intervenientes nas áreas teóricas e empíricas sobre o transnacionalismo. No final da sua análise sobre os pontos de vista de vários autores Portes extrai cinco conclusões que, segundo ele, são consensuais entre os especialistas da área em questão.

### F2.6

**Bauböck, Rainer & Faist Thomas (2010). (Eds.) Diaspora and Transnationalism. Concepts, Theories and Methods. IMISCOE Research, Amsterdam University Press. Amsterdam. [Livro científico]**

Os autores aceitaram o grande desafio de abordar nesse livro temas sobre dois conceitos extremamente populares desde os anos 90 do século passado, isto é, a diáspora e o transnacionalismo. Dado essa popularidade e a característica de fenómenos que os mesmos se dedicam, corre-se o risco de sobreposição desses termos ou de se dissociarem um do outro. No entanto, o que prevaleceu nos autores principais é que o significado da diáspora ou do transnacionalismo devem ser inferidos através do seu uso real, de práticas concretas. Assim, a primeira parte do livro se dedica à variedade dos dois conceitos. A segunda parte trata-se

da abordagem teórica sobre questões diversas nessa área de investigação. E a terceira parte é dedicada a problemas metodológicos e inovações no que diz respeito a várias actividades nesse domínio científico. Importante aqui é, a atenção dedicada a temas, tais como a participação da segunda geração no país ancestral, o papel das organizações transnacionais no desenvolvimento do país de origem, etc.

## **F2.7**

**Bijl, Rob & Verweij, Arjen (2012) (Eds.) Measuring and monitoring immigrant integration in Europe. Integration policies and monitoring efforts in 17 European countries. The Netherlands Institute for Social Research/SCP. The Hague. The Netherlands. [Livro científico com contribuição de vários autores em diversos países]**

Este estudo foi elaborado por uma proeminente instituição de estudos e planos holandeses, aliás o instituto central que a nível nacional analisa dados estatísticos e outros para políticas públicas. O tema central deste livro científico está focalizado na medição e monitorização das políticas em 17 países europeus. O documento é extremamente recente e analisa, em cada país, as características das políticas de integração, as medidas tomadas e o ponto de situação quanto aos objectivos alcançados, eventuais constrangimentos e melhoramentos a serem introduzidos. Portanto, estudo recomendável para quem quer saber sobre o 'state of the art' em matéria de integração de imigrantes na Europa.

## **F2.8**

**Graça, António (2010). Etnische zelforganisaties in het integratieproces. Een case study in de Kaapverdische gemeenschap in Rotterdam. Proefschrift. Ridderprint Offset drukkerij, Ridderkerk. [Tese de Doutoramento]**

Esta tese de doutoramento incide sobre o papel do associativismo cabo-verdiano na Holanda. O estudo insere-se no debate académico e não só entre dois grupos de autores que defendem posições relativamente antagónicas. De um lado, os que consideram o associativismo um factor de limitador para o exercício de cidadania e integração na Holanda. De outro lado, os que defendem que o associativismo étnico actual é um instrumento de promoção do processo integrativo de imigrantes no mesmo país. No estudo faz-se basicamente uso da teoria do capital social do conhecido investigador norte-americano, Robert Putnam, para demonstrar que a dinâmica e grau de coesão interna (bonding capital) é a condição indispensável para a participação na sociedade de acolhimento através de actividades de vária índole (bridging capital). No quadro transnacional a conclusão de relevância para o tipo de estudo virado para as segundas gerações é que o capital social mobilizado pelos dirigentes e outros activistas do movimento associativo na Holanda contribui, em grande medida, para a sua participação no desenvolvimento de Cabo Verde e para a mobilidade social dos mesmos participantes. Isso acontece de forma simultânea nos dois países. Ou seja, a participação na Holanda dos dirigentes com essas características e recursos leva à sua mobilidade social e política criando assim condições para a sua participação no país dos seus ancestrais, ou vice-versa.

## **F2.9**

**Migrações (2010) Associativismo imigrante. Número temático organizado e sob coordenação científica da Prof. Doutora Ana Paula Beja Horta da Universidade Aberta. Observatório da Imigração, ACIDI I.P. [Revista científica]**

Esse número temático da revista Migrações incide sobre o associativismo imigrante. A coordenadora desse número temático analisa teoricamente no seu texto introdutório as características gerais das diversas componentes e dimensões do associativismo a nível mundial. Também ela estabelece, quando necessário e possível, algumas comparações entre algumas perspectivas teóricas no que diz respeito ao processo de evolução do estudo científico sobre o associativismo. Digno de nota é também o trabalho da investigadora

de renome, sobretudo nessa área, a Prof. Doutora Beatriz Rocha – Trindade que reflecte de forma extensa e profunda sobre o associativismo enquanto espaço migratório em Portugal. São vários os outros investigadores que dedicam atenção ao associativismo de imigrantes, inclusivé o associativismo de cabo-verdianos em Portugal.

#### **F2.10**

**Albuquerque, Rosana. L.S. (2008). Associativismo, Capital Social e Mobilidade. Contributos para o Estudo da Participação Associativa de Descendentes de Imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal. [Tese de Doutoramento.] Universidade Aberta.**

Esse trabalho sobre o associativismo tem uma mais valia para estudos que têm a ver com a segunda geração, entre outros, pelos seguintes motivos. Primeiro porque tem como grupo-alvo o contributo de descendentes de imigrantes africanos lusófonos na área associativa. Segundo pelo facto da autora ter utilizado a teoria do capital social de forma abrangente, sistemática e rigorosa para se apurar a forma a a presença dos indicadores dos recursos enquanto capital social como eixo catalisador das acções e dinâmicas associativas. Terceiro pela maneira como ela consegue analisar os dados empíricos, apurar e concluir sobre sub-temas muito interessantes, a nosso ver. Uma dessas conclusões tem a ver com o papel do associativismo na mobilidade social ascendente de descendentes de origem luso africano.

#### **F2.11**

**Machado, F. L. & Matias, A.R. (2006). Jovens descendentes de imigrantes na sociedade de acolhimento: linhas de identificação sociológica. Working paper. CIES/ISCTE. Lisboa Portugal. [working paper científico]**

Analisa-se neste documento quatro níveis de especificação teórica e analítica, a saber: (i) a crítica da noção de ‘imigrantes de segunda geração’; (ii) a conceptualização dos descendentes de imigrantes enquanto jovens como outros quaisquer; (iii) a consideração da diversidade das condições juvenis contemporâneas; (iv) a avaliação da importância das questões de etnicidade. Os autores consideram que esses níveis são indispensáveis para analisar as modalidades de transição para a vida adulta vividas pelos jovens filhos de imigrantes.

**Portes, A. (1999). Os filhos dos Imigrantes. A Assimilação Segmentada e as suas Determinantes. In: A. Portes, Migrações Internacionais – Origens, Tipos e Modos de Incorporação, (pp. 97-123) Oeiras, Celta Editora.[Artigo numa revista científica]**

O autor analisa, argumenta e, com base em vários dados empíricos e outros, constrói nos Estados Unidos as bases de uma teoria que ficou conhecida por ‘segmented assimilation’, ou então ‘assimilação segmentada’. Segundo o mesmo autor os filhos de imigrantes nos Estados Unidos já não adoptam um processo de assimilação relativamente linear em comparação com os seus pais. Esses descendentes, argumenta Portes, podem percorrer três trajectos alternativos: eles podem conservar o padrão tradicional de progressiva aculturação e integração na classe média branca americana; podem seguir a via de mobilidade descendente que os leva à pobreza e diluição na subclasse autóctone; têm a possibilidade duma outra via que se designa por ‘mobilidade ascendente’ através da preservação da solidariedade comunitária das populações imigrantes.

#### **F2.12**

**Cidra, R. (2008) Produzindo a Música de Cabo Verde na Diáspora: Redes Transnacionais, World Music, e Múltiplas Formações Crioulas. In: P. Góis, P. (Ed.). Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas facesda**

**imigração Cabo-verdiana. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, IP).[capítulo dum livro científico]**

O autor considera que a música é uma das práticas centrais para a constituição e consolidação das identidades bem como para a reconfiguração das memórias dos cabo-verdianos em contextos de separação. Também faz análise da música enquanto veículo central de relação emocional e intelectual com o território de origem. O autor analisa neste artigo a música, entre outras formas, a partir duma perspectiva histórica incidindo sobre a sua evolução ao longo dos últimos tempos. Dá ainda grande atenção ao desenvolvimento da indústria fonográfica e a formação e desenvolvimento das redes transnacionais. São essas redes que desempenham um papel de importância primordial não só na difusão da música como também na circulação de pessoas entre as comunidades transnacionais ou entre estas e Cabo Verde. Em consequência disso é a relação entre uns e outros que se mantêm viva e, sobretudo, é a relação com o país de origem que sai reforçado, cada vez mais.

## Referências bibliográficas

- Albuquerque, R. L.S. (2008). Associativismo, Capital Social e Mobilidade. Contributos para o Estudo da Participação Associativa de Descendentes de Imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal. Tese de Doutoramento. Universidade Aberta.
- Barth, F. (1976). Los grupos étnicos y sus fronteras. México: Fondo de Cultura Económica.
- Batalha, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: “Comunidade” e Identidade. In: P. Góis, P. (Ed.) Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração Cabo-verdiana. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, IP)
- Bauböck, R. & Faist, T. (2010) (Eds.) Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods. IMISCOE Research. Amsterdam University Press. Amsterdam.
- Bertossi, C. (2009). La République modèle et ses discours modélisants: l’intégration performative à la française. Migrations société, 122. pp.135-159.
- Bonifazi, C., Strozza, S. & Vitiello, M. (2012) Measuring integration in a reluctant immigration country: the case of Italy. In: R. Bijl & A. Verweij (Eds.) Measuring and monitoring immigrant integration in Europe. Integration policies and monitoring efforts in 17 European countries. (pp. 183-199) The Netherlands Institute for Social Research/SCP. The Hague. The Netherlands.
- Bourdieu, P. (1979) Distinction. A social critique of the judgment of taste. T.J. International Ltd., Padstow, Cornwall. England.
- Bouwma, S., Coenen, L. & Kerkhaert, A. (2011). Arbeidsmarktpositie van niet-westerse allochtonen. De stand van zaken. Ministerie van Sociale Zaken en Werkgelegenheid. The Netherlands.
- Crul, M. & Schneider, J. (2010). Comparative integration context theory: participation and belonging in new diverse European cities. Ethnic and Racial Studies, 33 (7), pp.1249-1268.
- Fermin, A. & Hijden, S. (2004). Marokkaanse en Turkse overheden en transnationaal burgerschap. Migranten Studies, 20(4), pp. 221-237.
- Fermino, A. S. (2008). Identità Trans-culturali. Insieme Nello Spazio Transizionale. Edizione del Cerro. Pisa. Italy.
- Góis, P. (Ed.) (2008). Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração Cabo-verdiana. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, IP).
- Góis, P. e Marques, J.C. (2008). Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal. In: Góis, P. (org.), Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana, Coleção Comunidades, Lisboa: ACIDI/Observatório da Imigração.

- Gowricharn, R.S. (2009). Changing Forms of Transnationalism. *Ethnic and Racial Studies* Vol. 32 No.9, pp. 1619-1638.
  
- Graça, A. A. da (2012) Zelforganisaties bouwen bruggen. De overgruggendde functie van Kaapverdische zelforganisaties in Rotterdam. In: R. Gowricharn, D. W. Postma & S. Trinnekens (Eds.) *Geleefd Burgerschap. Van eenheidsdwang naar ruimte voor verschil en vitaliteit*. B.V. Uitgeverij SWP, Amsterdam.
  
- Graça, A. A. da (2010). Etnische zelforganisaties in het integratieproces. Een case study in de Kaapverdische gemeenschap in Rotterdam. Proefschrift. Ridderprint Offset drukkerij, Ridderkerk.
  
- Graça, A. A. da (2009). Transnationale Kaapverdiaanse zelforganisaties en integratie. In: R..
  
- Gowricharn (Ed.) *Ontwikkelingssamenwerking en integratie*. (pp. 109-128) Koninklijke Van Gorcum. Assen. The Netherlands.
  
- Graça, A. A. da (2000). A Dinâmica Organizativa de Cabo-verdianos na Holanda. *ANAIS, AECCOM*, 2 (1), pp. 81-104.
  
- Gunter, A. (2004) *Can't blame the youth: an ethnographic study of a black East London neighbourhood*, PhD Thesis, Buckinghamshire Chilterns University College, Brunel University
  
- Horta, A. P. B. (2010) (Ed.) *Introdução. Migrações*, 6, pp. 11-35.
  
- Horta, A. P. B., Malheiros, J. & Graça, A. A. da (2008). Ethnic Civic Communities and Political Participation: The Case Study of Capeverdean Associations in Three Municipalities of the Lisbon Metropolitan Area and in Rotterdam. In: M. L. Fonseca (Ed.) *Cities in Movement: Migrants and Urban Change*. (pp. 165-202) Lisbon: Centro de Estudos Geográficos, University of Lisbon.
  
- IDOS (2012). *Migration in Italy between past and future*. Editorial Staf. IDOS Study and Research Centre. Rome Italy.
  
- *Jaarrapport Integratie (2010)*. Jaarrapport Integratie. Centraal Bureau voor de Statistiek. Den Haag. The Netherlands.
  
- Jannuzi, P. M. (2005) *Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fonte de dados e aplicações*. *Revista do Serviço Público* Brasília, 56(2), pp. 137-160.
  
- Levitt, P. (2003). Keeping Feet in Both Worlds: Transnational Practices and Immigrant Incorporation in the United States. In: C. Joppke & E. Morawska (Eds.) *Toward Assimilation and Citizenship. Immigrants in Liberal Nation-States*. (pp. 177-194) New York: Palgrave Macmillan.
  
- Levitt, P. & Dehesa, R. de la (2003). Transnational Migration and the redifition of the state: variations and explanations. *Ethnic and Racial Studies* 26(4), 587-611.

- Levitt, P. (2001). *The Transnational Village*. Los Angeles: University of California Press.
- Machado, F.L. (2008) Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos. *Migrações*, 2, pp.121-158.
- Martiniello, M. (1995). *L'Éthnicité dans les Sciences Sociales Contemporaines*, Paris, PUF.
- Monteiro, C. A. (1997) *Comunidade Imigrada. Visão Sociológica. O Caso da Itália*. Gráfica do Mindelo Lda. S. Vicente Cabo Verde.
- Niessen, J., Huddleston, T. & Citron, L. (2007) *Index de Políticas de Integração de Migrantes*. British Council & Migration Policy Group, Brussel. Edição de Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, Portugal.
- Oudhof, J., Jennissen, R. & Blom, M. (Red.) (2006). *Integratiekaart 2006:cahier 2006-8*. Den Haag. WODC & CBS.
- Penninx, R. (2005) *Integration processes of migrants: research findings and policy challenges*. Paper for European Population Conference. Demographic Challenges for Social Cohesion. Strasbourg.
- Pires, D. (2006). *Nha Tambor: Onderzoek naar het cultureel erfgoed van Kaapverdianen in Rotterdam*. Rotterdam: Stichting Avançaço.
- Pires, S. (2009). *A segunda Geração de Imigrantes em Portugal e a Diferenciação do Percorso Escolar. Jovens de origem cabo-verdiana versus jovens de origem hindu-indiana*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ACIDI
- Portes, A. (2004). *Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, p.p. 73-93
- Portes, A. (1999). *Os filhos dos Imigrantes. A Assimilação Segmentada e as suas Determinantes*. In: A. Portes, *Migrações Internacionais – Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, (pp. 97-123) Oeiras, Celta Editora.
- Portes, A. (1998). *Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology*. *Annual Review of Sociology*, 24, pp.1-24.
- Portes, A. (1997). *Divergent Destinies: Immigration, The Second Generation, and the Rise of Transnational Communities*. Lisboa, Socinova.
- Portes, A. (Ed.) (1996), *The New Second Generation*, New York, Russell Foundation.
- Portes, A., Escobar, C. & Arana, R. (2008). *Bridging the gap: transnational and ethnic organizations in the political incorporation of immigrants in the United States*. *Ethnic and Racial Studies*, 31 (6), pp.1065-1090.

- Portes, A. & Zhou, M. (1993). The New Second Generation: Segmented Assimilation and its Variants. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 530, pp.74-96.
- Programa do Governo 2011-2016. (2011) Programa do Governo 2011-2016. VIII Legislatura 2011-2016. Governo de Cabo Verde. Cabo Verde.
- Putman, R. D. (1993). *Making Democracy Work: City Traditions in Modern Italy*. Princeton: Princeton University Press.
- Rogers, R.R. (2006). *Afro-Caribbean Immigrants and the Politics of Incorporation. Ethnicity, Exception, or Exit*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rumbaut, R.(1994). The Crucible Within: Ethnic Identity, Self-Esteem and Segmented Assimilation Among Children of Immigrants. *International Migration Review*, 28 (4), pp.748-794.
- San, M. van, Boom, J. de, Rezai, S. & Haan, R. de (2010) *Uitvallers en doorzetters. Onderwijspositie, thuissituatie en criminaliteit bij Antilliaanse Rotterdamers*. Rotterdam: RISBO Contractresearch BV. Erasmus Universiteit. Rotterdam.
- Sardinha, J. (2005). Cape Verdean associations in the Metropolitan Area of Lisbon and their role in the integration of the Cape Verdean community into Portuguese society. Working Paper Series, n.º26, Sussex Centre for Migration Research.
- Schrover, M. (2004). De grenzen van het Duitsdom. Duitse immigranten in het negentiende-eeuwse Nederland. In: L. Lucassen (Red.) *Amsterdam worden: migranten, hun organisaties en inburgering 1600-2000*. (pp. 127- 145). Amsterdam: Vossiuspers UvA.
- Silva, N. (2007). Da ‘Revolução Francesa’ ao ‘Século XXI’: Algumas notas acerca do sistema educacional francês. *História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel*.
- Saint- Maurice, A. de (1997), *Identidades Reconstruídas – Cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Vertovec, S. (2001). Transnationalism and Identity. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27 (4), pp. 573-582
- Vertovec, S. (2004), “Migrant transnationalism and modes of transformation”, *International Migration Review*, vol.38, n.º3, pp. 970-1001.
- Zincone, G. (2011). The case of Italy. In: G. Zincone, R. Pennix & M. Borkert. *Migration Policymaking in Europe. The Dynamics of actors and Contexts in Past and Present*. (pp.247-290) IMISCOE Research. Amsterdam University Press. Amsterdam.
- Waldinger, R. & Fitzgerald, D. (2004). Transnationalism in Question. *American Journal of Sociology* 109, pp.1177-1195.

- Wenden, C. W., de (2011) The case of France. In: G. Zincone, R. Pennix & M. Borkert. Migration Policymaking in Europe. The Dinamis of actors and Contexts in Past and Present. (pp.61-94) IMISCOE Research. Amsterdam University Press. Amsterdam.
- WRR (2007). Rapport 'Identificatie met Nederland'. Amsterdam: Amsterdam University Press.